

**ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DO EMPREGO NA
ECONOMIA FLUMINENSE NOS ANOS DE 1987 A 2009**

HÉLIO JÚNIOR DE SOUZA CRESPO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE
DARCY RIBEIRO**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ
NOVEMBRO – 2010**

**ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DO EMPREGO NA
ECONOMIA FLUMINENSE NOS ANOS DE 1987 A 2009**

HÉLIO JÚNIOR DE SOUZA CRESPO

Tese apresentada ao Centro de Ciências e
Tecnologias Agropecuárias da Universidade
Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro,
como parte das exigências para obtenção do
título de Doutor em Produção Vegetal.

**Orientador: Prof. Paulo Marcelo de Souza
Co-orientador: Prof. Nivaldo José Ponciano**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ
NOVEMBRO – 2010**

ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DO EMPREGO NA ECONOMIA FLUMINENSE NOS ANOS DE 1987 A 2009

HÉLIO JÚNIOR DE SOUZA CRESPO

Tese apresentada ao Centro de Ciências e
Tecnologias Agropecuárias da Universidade
Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro,
como parte das exigências para obtenção do
título de Doutor em Produção Vegetal

Aprovada em 12 de Novembro de 2010

Comissão Examinadora:

Romeu e Silva Neto (D. Sc. , Engenharia de produção) – IFF

Alcimar das Chagas Ribeiro (D.Sc., Ciências de Engenharia) – UENF

Nivaldo José Ponciano (D.SC., Economia Aplicada) – UENF
Coorientador

Paulo Marcelo de Souza (D.Sc., Economia Aplicada) – UENF
Orientador

A Deus, meu refúgio e fortaleza;
A minha esposa Claudete, pelo amor e compreensão;
Aos meus filhos Hélio, Matheus e Ana Livia, plenitude de minha história;
A minha mãe, o centro de nossas relações;
Aos meus irmãos José Roberto, Regina e Jorge Luis pelo incentivo e apoio;
A Maria que se dedica a casa com carinho;
Ao meu pai, meu exemplo de vida que me faz tanta falta.

AGRADECIMENTO

A Deus, acima de tudo, por todas as bênçãos derramadas;

A minha esposa Claudete, por sua cumplicidade e compreensão em cada momento de angústia e desânimo e por rezar por dias melhores para a família;

Aos meus filhos, pelo carinho nos momentos de cansaço, pela compreensão em minha ausência e por tudo que aprendo com eles;

A todos os professores do programa de doutorado, por seus ensinamentos, especialmente ao Prof. Paulo Marcelo e Prof. Niraldo;

Aos amigos José Augusto Brunoro, Romeu Neto e José Carlos Salomão, pelo companheirismo e troca de conhecimento;

A todos os meus familiares pelo apoio e incentivo;

Ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Fluminense pela oportunidade de ampliar estudos, bem como da equipe gestora pela compreensão do momento.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	vi
LISTA DE FIGURAS	viii
LISTA DE QUADROS	x
RESUMO	xj
ABSTRACT	xiii
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	6
2.1. Os condicionantes históricos da desconcentração regional na economia brasileira e os reflexos no espaço fluminense.	6
2.2. Evolução da organização produtiva fluminense e mudança do papel do Estado nos anos atuais.....	13
3. MATERIAIS E MÉTODOS	23
3.1.O modelo estrutural diferencial	23
3.2.Medidas de Concentração.....	29
3.2.1. Razão de Concentração	29
3.2.2. Índice T de Theil.....	30
3.2.3. Índice de Gini.....	31
3.3.Área de estudo e fonte de dados.....	32
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	35

4.1. Resultados do Método Estrutural - Diferencial.....	35
4.1.1. Período de 1987 a 1992.....	35
4.1.2. Período de 1992 a 1999	55
4.1.3. Período de 1999 a 2009	76
4.2. As mudanças na distribuição espacial da economia fluminense.....	97
4.3. A redistribuição espacial da economia entre as regiões do interior do Estado do Rio de Janeiro.....	104
4.4. O comportamento do emprego no estado do Rio de Janeiro, por atividade econômica	109
5. RESUMO E CONCLUSÕES.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	As 25 Mesorregiões brasileiras com Maior Número de Empregos - 1997/ 2007	10
Tabela 2	Distribuição do Emprego Nacional por Grupos de Mesorregiões - 1997/2007	12
Tabela 3	Relação dos setores econômicos fluminense e numeração correspondente na pesquisa	34
Tabela 4	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Noroeste fluminense, 1987-1992.	36
Tabela 5	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Norte fluminense, 1987-1992	39
Tabela 6	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Centro fluminense, 1987-1992	41
Tabela 7	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Baixadas, 1987-1992	44
Tabela 8	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Sul fluminense, 1987-1992	47
Tabela 9	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Metropolitana fluminense, 1987-1992	50
Tabela 10	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Noroeste fluminense, 1992-1999	56
Tabela 11	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Norte fluminense, 1992 -1999	59
Tabela 12	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Centro fluminense, 1992 -1999	62
Tabela 13	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Baixadas, 1992 -1999	65

Tabela 14	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Sul fluminense, 1992 -1999	68
Tabela 15	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Metropolitana fluminense, 1992 -1999	71
Tabela 16	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Noroeste fluminense, 1999 -2009	77
Tabela 17	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Norte fluminense, 1999 - 2009	80
Tabela 18	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Centro fluminense, 1999 -2009	83
Tabela 19	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Baixadas, 1999 - 2009	86
Tabela 20	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Sul fluminense, 1999 - 2009	89
Tabela 21	Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Metropolitana fluminense, 1999 - 2009	92
Tabela 22	Índices de Concentração do Emprego nas Mesorregiões do Rio de Janeiro 1987 – 2009	98
Tabela 23	Distribuição do Emprego Industrial por Mesorregião do Rio de Janeiro 1987 e 2009	99
Tabela 24	Índices de Concentração do Emprego nas Mesorregiões do Rio de Janeiro 1987 – 2009	101
Tabela 25	Distribuição do emprego por mesorregião do interior fluminense, período de 1987 - 2009	105
Tabela 26	Evolução do emprego por atividade econômica das mesorregiões Fluminense, no período de 1987 - 2009	110

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Varição do PIB do Estado do Rio de Janeiro 1990 – 2001	18
Figura 2	Evolução do emprego total no Estado do Rio de Janeiro, no período de 1987 a 2009.	20
Figura 3	Varição do Número de Empregos Totais das Atividades Econômicas do Rio de Janeiro, 1987 - 2009	21
Figura 4	Curva de Lorenz	32
Figura 5	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Noroeste fluminense, 1987 - 1992.	38
Figura 6	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Norte fluminense, 1987 - 1992.	40
Figura 7	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Centro fluminense, 1987 - 1992.	43
Figura 8	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Baixadas, 1987 - 1992.	46
Figura 9	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Sul fluminense, 1987 - 1992.	49
Figura 10	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Metropolitana fluminense, 1987 - 1992.	52
Figura 11	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Noroeste fluminense, 1992 - 1999.	58

Figura 12	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Norte fluminense, 1992 - 1999.	61
Figura 13	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Centro fluminense, 1992 - 1999.	64
Figura 14	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Baixadas, 1992 -1999.	67
Figura 15	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Sul fluminense, 1992 -1999.	70
Figura 16	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Metropolitana fluminense, 1992 -1999.	73
Figura 17	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Noroeste fluminense, 1999 - 2009.	79
Figura 18	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Norte fluminense, 1999 -2009.	82
Figura 19	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Centro fluminense, 1999 - 2009.	85
Figura 20	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Baixadas, 1999 - 2009.	88
Figura 21	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Sul fluminense, 1999 - 2009.	91
Figura 22	Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Metropolitana fluminense, 1999 - 2009.	94
Figura 23	Distribuição do emprego por mesorregião fluminense - 1987	101
Figura 24	Distribuição do emprego por mesorregião fluminense - 2009	101
Figura 25	Evolução do índice de Gini das Atividades Econômicas dos Municípios do Rio de Janeiro usando o indicador Emprego 1987 – 2009.	103
Figura 26	Evolução do índice de Theil das Atividades Econômicas dos Municípios do Rio de Janeiro usando o indicador Emprego 1987 – 2009.	104
Figura 27	Evolução das Razões de concentração das Atividades Econômicas dos Municípios do Rio de Janeiro usando o indicador Emprego 1987 – 2009.	104

Figura 28	Evolução do Emprego nas Cinco Mesorregiões do Interior Fluminense de 1987 – 2009.	106
Figura 29	Distribuição do emprego por mesorregião do interior fluminense - 1987	108
Figura 30	Distribuição do emprego por mesorregião do interior fluminense - 2009	109
Figura 31	Distribuição do emprego nas atividades econômicas das regiões do Rio de Janeiro em 1987	112
Figura 32	Distribuição do emprego nas atividades econômicas das regiões do Rio de Janeiro em 2009	112
Figura 33	Evolução do pessoal ocupado por subsetores produtivos da economia nas mesorregiões do estado do Rio de Janeiro, no período de 1987 – 2009	114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Efeito alocação e componentes modificados	28
Quadro 2	Classificação das atividades econômicas, por região, com base nos componentes do efeito alocação, período 1987 a 1992.	53
Quadro 3	Classificação das atividades econômicas, por região, com base nos componentes do efeito alocação, período 1992 a 1999.	74
Quadro 4	Classificação das atividades econômicas, por região, com base nos componentes do efeito alocação, período 1999 a 2009	95

RESUMO

CRESPO, Hélio Júnior de Souza; D.Sc.; Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Novembro – 2010. O desenvolvimento econômico do estado do Rio de Janeiro: a evolução do emprego no território fluminense nas últimas duas décadas. Orientador: Prof. Paulo Marcelo de Souza. Co-orientador: Prof. Niraldo José Ponciano.

O estudo descreve o processo de reestruturação do emprego do território fluminense, a partir das mesorregiões do Estado do Rio de Janeiro - ERJ. A análise tem por base a descentralização econômica dos setores produtivos a partir das mudanças no nível de emprego gerado ao longo do período compreendido entre os anos de 1987 a 2009. A motivação tem base na possibilidade de ampliar a compreensão sobre as transformações ocorridas, prioritariamente, na estrutura do emprego do interior fluminense que é central na análise. Trata-se de identificar os quantitativos de empregos formais criados ao longo do período proposto e inferir sobre os rumos da economia fluminense.

A pesquisa tem por base três períodos: o primeiro, de 1987 – 1992, caracterizado por intensa desarticulação das atividades econômicas; o segundo, de 1992 – 1999, de estabilização e reorganização das atividades tendo em vista o novo paradigma do sistema produtivo mundial e, o terceiro, de 1999 – 2009, de retomada do processo de crescimento econômico do estado do Rio de Janeiro com evidente fortalecimento do processo de interiorização da economia.

A mesorregião metropolitana do Rio de Janeiro é concentradora do emprego. Entretanto, as mesorregiões do interior ampliaram sua participação no estoque de emprego de 12,07 % para 18,27 % em relação ao total do estado, no período da pesquisa. Esse processo de desconcentração das atividades produtivas do espaço metropolitano é decorrente da perda de competitividade e da ampliação do custo sócio ambiental que, associados aos fatores atrativos, entre os quais, o incentivo fiscal das regiões do interior fluminense, deslocam a produção. Entretanto, o movimento carece de articulação com base em um projeto nacional elaborado e articulado com as regiões, o que coloca em risco a sustentabilidade regional e local.

As mesorregiões norte fluminense e baixadas litorâneas apresentam destaque na economia e mostraram que 11 (onze) ou mais dos setores produtivos analisados no interior das mesorregiões proporcionam maior vantagem competitiva especializada do que o conjunto da economia do estado, além de efeito alocação positivo para desenvolvimento de atividades econômicas.

O comércio é o setor econômico com maior contingente de pessoas empregadas no estado do Rio de Janeiro. Em 2009, este setor passa a ter uma contribuição de 35,6% em relação ao total do emprego das atividades.

Palavras-chave: emprego, crescimento econômico, reorganização territorial, descentralização, método estrutural diferencial.

ABSTRACT

CRESPO, Hélio Júnior de Souza; D.Sc.;Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. November – 2010. The economic development of the state of Rio de Janeiro: the employment development at North part of Rio de Janeiro. Adviser: Prof. Paulo Marcelo de Souza Co-adviser: Prof. Niraldo José Ponciano.

The study examines the productive restructuring process of Rio de Janeiro territory, from Rio de Janeiro - RJ meso-regions. The analysis is based on the economic decentralization of the production sectors from the changes in the employment levels generated during the period between the years of 1987 to 2009. The research aims to bring relevant information about the regional problems and possibilities. The need to broaden the understanding about the changes, a priori in the production structure of the interior of the state is central in the analysis. This is to identify quantitative formal jobs created during the proposed period and infer the direction of the economy of Rio de Janeiro.

The study was based on three periods: the first from 1987 - 1992 is characterized by severe dislocation of economic activity, the second from 1992 - 1999 stabilization and reorganization of activities in view of the new paradigm of global production system and the third from 1999 - 2009 to return the process of economic development of the state of Rio de Janeiro with a clear strengthening of internalization of economy.

The Rio de Janeiro metropolitan meso-region is employment concentrative. However, the internal meso-regions amplified their share in employment of

12.07% to 18.27% compared to the state's total, during the research period. This process of productive activities decentralization in the metropolitan area is due to the loss of competitiveness and enhancement of social and environmental costs. These, combined with attractive factors, among which the tax incentive from the internal regions of the state, moving the production. However, the movement lacks articulation, with basis in a national project developed and coordinated with the regions, which puts at risk the regional and local sustainability.

The north and lowlands north of the state of Rio de Janeiro have highlighted the economy and showed that 11 (eleven) or more of the productive sectors analyzed within meso-regions provide greater competitive advantage specialized than the entire state economy, and effect positive allocation for development economic activities.

The trade is the economic sector with largest number of people employed in the state of Rio de Janeiro. In 2009, this sector is replaced by a contribution of 35.6% compared to total employment activities.

Key- words: employment, economic growth, territorial reorganization, decentralization, structural differential method.

1. INTRODUÇÃO

O processo de desconcentração ou concentração produtiva é um fenômeno ligado à redistribuição geográfica da atividade econômica que tem como característica central o processo de industrialização ou desindustrialização das regiões periféricas que, por meio de estímulos ao sistema produtivo, buscam fortalecimento das mesmas e do mercado interno do país (SOBRAL, 2007).

O processo de desconcentração produtiva regional no Brasil está marcado por diferentes períodos, que se relaciona com a capacidade das regiões gerarem excedentes, que aplicados à produção conduzem ao fortalecimento do mercado interno e trazem dinamismo aos setores econômicos.

A acumulação produtiva nacional, nas últimas décadas, tem mostrado que a concentração de investimentos na produção nas regiões metropolitanas agrava as desigualdades sociais, bem como, aumenta os custos de financiamento das infra-estruturas urbanas. Neste sentido, o processo de redução do papel estruturante do Estado fica fragilizado, pois a necessidade de investimentos cada vez maiores em regiões de grandes concentrações populacionais complexifica a gestão dos espaços geográficos das cidades.

O sistema produtivo nacional tem empreendido ações regionais alternativas desarticuladas, isto traz dificuldades para um crescimento sustentável da economia. Entretanto, o cerne da questão é a carência de um estruturado

projeto de desenvolvimento econômico de país que norteie políticas e ações para o setor industrial, sem o qual, se permanecerá enfraquecido para alcançar a necessária coesão territorial. Dessa forma, a lógica de um processo de inserção nacional em nichos internacionais não deve ser a tônica do nosso modelo de desenvolvimento, mas sim, o fortalecimento do mercado interno com vistas às possibilidades de inserção no sistema global de mercado (SOBRAL, 2007).

Segundo Harvey, a transição para a acumulação flexível da produção exige que as organizações sejam intensas em tecnologias e superem em definitivo a rigidez do modelo fordista. Para tanto, as subcontratações, a mobilidade das estruturas industriais e a inovação são de importância decisiva. Por outro lado, os trabalhadores tiveram uma intensificação do envolvimento com os processos e aceleração das necessidades de requalificação profissional (HAVERY, 2006).

Diante do exposto, o Brasil e, particularmente, o Estado do Rio de Janeiro está em meio a um enorme desafio de consolidação de espaço territorial. A possibilidade de induzir estudos, planejamentos e ações que possibilitem ao povo acessar melhores condições de vida e de tomada de consciência no uso racional da riqueza devem ser o atrativo das reflexões. Neste sentido, buscar e identificar elementos que possam constituir a base para o fortalecimento, para transformação e qualificação das estruturas internas de uma região coopera com o processo de desenvolvimento endógeno.

No Brasil as estratégias e mecanismos para alcançar o crescimento têm como base a renúncia fiscal promovida pelas regiões, isso gera uma verdadeira guerra fiscal em busca da atração de empresas multinacionais, que, muitas vezes, promovem sua entrada no território sem qualquer compromisso com o espaço geográfico que se inserem. Essa prática é decorrente da necessidade de se criar novos postos de trabalho para a população, o que de fato não vem ocorrendo de forma ampla, pois, os modernos processos são em larga medida automatizados, exigindo maior qualificação para os postos de trabalho existentes, os quais, em sua maioria são ocupados por profissionais de outros centros.

O mecanismo de incentivo fiscal atuando isoladamente em uma região é insuficiente e ineficiente para gerar a sustentabilidade necessária ao encadeamento da produção. Para Kurgman (1995), a associação de empresas

em uma região precisa gerar rendimentos crescentes e aglomerações que se estruturam organicamente, caso contrário, irá desaparecer com o tempo (AMARAL FILHO, 2001).

Essa tendência mostra que os elementos fundantes de uma economia sólida precisam de uma conjugação de fatores que estão ausentes no modelo de desenvolvimento que vem sendo adotado. A estratégia dos estados de comandar o processo tem característica federalista. Diante disso, o atual estágio do processo está marcado por formas desarticuladas e carentes de uma política nacional que regulamente as bases para um modelo regional e local.

O governo federal tem papel fundamental na mediação estrutural entre as regiões, dando coesão e sentido solidário às mesmas. Neste sentido, o Estado deve prover as regiões potencialmente produtoras de bens e serviços de infraestrutura, entre os quais: transportes, sistemas de comunicação, energia, estabilidade fiscal e financeira, que permitam equilíbrio na política de desenvolvimento regional e local.

O capital privado deve participar dos investimentos em infra-estrutura para fomentar e participar do desenvolvimento das regiões, mas seu papel central é provocar um efeito dinâmico de endogenização do excedente econômico e atrair excedentes de outras regiões para dinamizar a produção. Os efeitos multiplicadores sobre produto e renda estão consagrados em teorias de desenvolvimento conhecidas como *pólos de crescimentos*¹ que produzem efeitos para trás e para frente e efeitos cumulativo circulares. Entretanto, apresentam resultados frustrantes em termos de equilíbrio das regiões, pois, as políticas nucleadas têm gerado declínio e ascensão dos pólos (BOISER, 1988).

Um novo conceito surge, o de *distrito industrial*², que fica mais próximo dos novos tempos pós-fordista e de descentralização produtiva. Uma determinada região deve gerar fatores além daqueles já consagrados nas teorias anteriores, isto significa que para manutenção das aglomerações industriais são necessárias circulações de conhecimentos científicos e tecnológicos, localização concentrada de fornecedores e de clientes, concentração convergente de atividades produtivas e de fluxos de informações (MARSHALL, 1982).

¹ Ver mais sobre o modelo de desenvolvimento em pólos de crescimento em Boiser 1988

² Ver mais sobre o modelo de desenvolvimento em distritos industriais em Marshall 1982

A questão da competitividade aparece como fator relevante na sustentabilidade do desenvolvimento endógeno. Diante disso, o sistema produtivo deve estar associado a um composto de relações múltiplas e complexas com um numeroso e variável grupo de empresas de forma a criar um ambiente aberto e permanente de interações e estratégias de evolução que possibilitem um pertencimento regional a esta estrutura evolutiva e não mais centrado apenas na empresa (AMARAL FILHO, 2001).

Outro aspecto em relação ao modelo de desenvolvimento é a sua estruturação de baixo para cima, ou seja, tendo como base as potencialidades locais e não de um planejamento central, coordenado pelo Estado, o que neste caso caracterizaria um modelo de desenvolvimento de cima para baixo. Entretanto, deve-se incluir nesta última modalidade os grandes projetos estruturantes, como as petroquímicas, posto que exigem uma série de modificações profundas na estrutura local ou regional, entre elas, a questão da energia e dos transportes (LUCAS, 1988).

O debate sobre o desenvolvimento regional e local endógeno e suas tendências encontra apoio em dois grupos de características: indutiva e dedutiva. A corrente de pensamento do primeiro, mais descritivos, defende a realização de estudos específicos para explicar as particularidades de cada caso de desenvolvimento local. A segunda, mais generalista, defende postulados mais gerais para compreender a dinâmica territorial de forma mais holística. Nestes últimos, encontraram-se autores que vêem na crise do sistema fordista, portanto, da produção em alta escala, a possibilidade de eclosão da produção em pequena escala, com base na produção flexível (AMARAL FILHO, 1996).

O modelo flexível de desenvolvimento surge em regiões onde a ocorrência de núcleos de estudos de alta tecnologia abre janelas para que os arranjos locais possam engendrar novos processos produtivos, com produtos mais específicos e com forte aceitação regional e local. Destaca-se que a alta tecnologia citada não se restringe à microeletrônica e à informática, mas aos diferentes setores das atividades econômicas.

A questão é promover, a partir das vocações regionais, com vínculos históricos, ou então, com base em uma decisão política de lideranças locais e regionais, elementos consistentes de pesquisa tecnológica que possam

engendrar novos modelos produtivos com características de flexibilidade e de pequena escala, porém, de alto valor agregado.

No Estado do Rio de Janeiro as relações trabalhistas têm bases frágeis e a mudança de paradigma da indústria fluminense tem sido impulsionada, a partir de meados da década de 90, principalmente, pela atividade petrolífera que se estabeleceu na região metropolitana e no norte fluminense. A pergunta que se coloca é: Esta condição recente caracteriza um processo de descentralização da economia fluminense?

Defende-se o argumento em favor da hipótese de que há evidências econômicas e de reorganizações do sistema produtivo que geram crescimento do emprego e de outros fatores da produção que vêm induzindo o desenvolvimento fora da região metropolitana fluminense. Entretanto, não se descarta que a limitação da análise dos dados observados possa incobrir efeitos do processo de reorganização territorial do Rio de Janeiro que confirmam ao território fluminense uma outra visão da realidade econômica.

OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa é estudar as mudanças na distribuição regional da economia, com base em seus efeitos sobre o emprego formal no estado do Rio de Janeiro, mediante o método estrutural-diferencial em modelo original e ampliado. Em termos específicos, buscou-se:

- Caracterizar o processo de desconcentração do emprego nas mesorregiões fluminense, em três períodos distintos 1987 – 1992, 1992 – 1999, e, 1999 – 2009;
- Identificar a taxa de crescimento e participação na distribuição do emprego em 26 (vinte e seis) subsetores da economia do estado do Rio de Janeiro.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Os condicionantes históricos da desconcentração regional na economia brasileira e os reflexos no espaço fluminense.

Este capítulo é uma tentativa de ampliar a visão sobre os condicionantes para a desconcentração produtiva regional no país, estabelecendo um referencial teórico a partir da interlocução com autores que traduzem as ações estabelecidas no território nacional para o fortalecimento do processo de industrialização brasileira.

Desse modo, busca-se entender os complexos caminhos das regiões para estruturação do mercado nacional, da divisão do trabalho, da produção de bens e equipamentos. Para tanto, inicia-se a discussão no processo histórico que deu origem à formação do mercado interno, sua relação de dependência com o mundo globalizado e os estoques de empregos nas principais capitais brasileiras. Discute-se em seguida o deslocamento do poder político, econômico e social do estado do Rio de Janeiro para São Paulo, distrito federal - Brasília e demais regiões.

A seguir, passa-se à discussão da reestruturação produtiva fluminense e a mudança do papel do Estado nos anos noventa. O capítulo é encerrado com a análise do estoque de emprego industrial nas mesorregiões do Estado do Rio de Janeiro, com aprofundamento na mesorregião norte fluminense e as implicações e de um crescimento dos postos de trabalho em relação ao estoque nacional.

A crise econômica mundial de 1929 abriu espaço para uma nova proposta de desenvolvimento, que tinha como base o fortalecimento do processo de industrialização brasileira e o Estado como apoio para as ações de transformação da realidade nacional. O lento processo de estruturação estava baseado na proteção da indústria nacional, com altas tarifas de importação de bens de produção como máquinas, equipamentos e matérias-primas. (CANO, 1998)

Os condicionantes das regiões apontaram para caminhos diversos na formação do mercado nacional, bem como no processo de divisão territorial do trabalho. Cabe destacar que o complexo cafeeiro paulista articulava com eficácia os produtores, comerciantes, bancos, indústria de alimentos, trabalhadores e governo, o que sem dúvida gerou excedentes e encadeamentos que fortaleceram o mercado interno e trouxeram dinamismo aos setores econômicos.

Isto se traduziu em uma concentração espacial da produção no estado de São Paulo, anterior à década de 30, consolidando a posição hegemônica de bens mais elaborados e industrializados. Esse processo, na visão de Cano (1998), trouxe uma série de conseqüências para as demais regiões do Brasil, dentre as quais os efeitos de destruição, de inibição e o de estímulo ao crescimento de outras regiões, com outras dinâmicas de industrialização. Esta realidade desencadeou uma valorização da força de trabalho e fortalecimento da articulação entre as diferentes regiões internas e externas do estado, em oposição à configuração pré-1930, que tinha predominância para o mercado externo exportador.

A desorganização econômica, territorial e social causada pela segunda guerra mundial exigiu que, cessado o conflito, em 1945, ocorresse uma reformulação do pensamento da humanidade, e em especial de formas de recuperação física e estrutural dos países mais atingidos, tais como a Inglaterra, Alemanha e Japão. Embora não atingido fisicamente pela guerra, o mundo capitalista subdesenvolvido entrou na discussão sobre as formas de crescimento e de organização de suas estruturas socioeconômicas. Surgiu, em 1948, a Comissão Econômica para América Latina e Caribe – CEPAL, que viu na industrialização o principal caminho de superação da situação de subdesenvolvimento dos países da América Latina.

Nos anos de 1950, o principal problema da industrialização era a insuficiência de recursos financeiros para subsidiar a produção, já que o país dependia da receita das exportações de bens agrícolas, assim como do pequeno capital internacional disponível para ser aplicado no território nacional.

O governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960) mudou este quadro com a entrada de capital estrangeiro, sob forma de empréstimos, para financiamento das empresas de produção de bens duráveis, de máquinas e de equipamentos. Os investimentos públicos concentraram-se na estruturação da malha rodoviária e na oferta de energia.

O brasileiro Celso Furtado, economista e membro da Cepal, coordenou, em conjunto com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), um estudo que ficou registrado como “Esboço de um programa de desenvolvimento para economia brasileira no período de 1955 a 1960”. Esse documento serviu de base para criação do Plano de Metas. Entretanto, o plano não considerou a recomendação do estudo de reforma agrária, com base na distribuição de terras.

Os anos de 1960 foram marcados por crescimento da inflação, quedas dos investimentos e déficits nas contas externas e públicas, o que desencadeou uma série de medidas de contenção e estabilização, que incluíam os modelos tributário e financeiro.

A mudança da estrutura produtiva no Brasil foi caracterizada por uma grande disparidade regional. A região sudeste, até o final dos anos de 1960, concentrou espacialmente o processo de industrialização nacional, principalmente o estado de São Paulo (CANO, 2008).

A consolidação da economia paulista tem por base o estabelecimento de relações capitalistas de trabalho e de propriedade, aspectos específicos da região, que geraram uma acumulação que, aplicada à produção, tornou o estado de São Paulo o centro dinâmico da indústria nacional (CANO, 1998).

O Nordeste e o Rio de Janeiro tinham sua economia baseada em latifúndios e relações trabalhistas frágeis, seguindo o modelo pré-capitalista. Esta situação não gerou o excedente duradouro indispensável à estruturação da indústria, permitindo apenas surtos de crescimento (CANO, 1998).

O Sul do país adotou uma estrutura fundiária caracterizada pela pequena propriedade, o que possibilitou uma desconcentração da produção. Porém, cabe destacar que as atividades diversificadas da produção não criaram acumulação de capital suficiente para transpor os limites da economia local e regional (CANO, 1998).

A partir da década de 1970, no entanto, observa-se no país um movimento de desconcentração produtiva nacional, que se caracterizou por uma expansão das atividades produtivas nas regiões periféricas do Brasil, em um contexto de expressivo crescimento econômico nacional e, na economia paulista, principal destaque do país, um processo de interiorização, com forte presença do Estado. Cabe destacar que o processo de desconcentração produtiva é fruto de movimentos da economia nacional que confrontam as vantagens aglomerativas e os custos locacionais decorrentes das atividades industriais (PACHECO, 1996).

O debate sobre o processo de desconcentração regional no Brasil se estabelece inicialmente no eixo São Paulo e Rio, nos anos de 1970 e 1990. Entretanto, a perda de participação das regiões metropolitanas e a entrada de outras regiões de estados como os de Minas Gerais, das regiões Sul, do centro-oeste e do nordeste mostram que o processo de transformação da estrutura industrial brasileira tem diferentes padrões (SABÓIA, 2009).

Sabóia (2009) sustenta que, usando os índices clássicos, persiste a tendência desconcentradora em todos os tipos de indústria, sejam elas tradicionais, de *commodities*, difusoras ou de bens tradicionais. Neste sentido, as regiões metropolitanas vêm perdendo a centralidade dos processos produtivos e de parte dos investimentos fabris. Na tabela 1 pode-se verificar que a massa de empregos formais na indústria das 25 (vinte e cinco) maiores mesorregiões brasileiras segue a tendência das indústrias, isto é, migram para mesorregiões localizadas no interior dos estados.

As 25 mesorregiões brasileiras analisadas representavam, em 1997, 74,00% dos empregos formais nas indústrias do país. Em 2007, este índice cai para 68,70%, o que mostra uma perda de participação para outras regiões fora do grupo estudado.

As regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo Horizonte, em 1997, representavam juntas 37,20% dos empregos na

indústria. Em 2007, essas mesorregiões tiveram sua participação reduzida para 28%. Na tabela pode-se perceber que Campinas segue tendência inversa, com crescimento da massa de empregos, superando as mesorregiões do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte.

Esses resultados ajudam no argumento, aqui defendido, sobre a perda de centralidade das regiões metropolitanas brasileiras, pois o crescimento do emprego formal fora das regiões metropolitanas coopera com a hipótese da desconcentração produtiva da indústria nacional.

Tabela 1 - As 25 Mesorregiões brasileiras com Maior Número de Empregos - 1997/ 2007

1997				2007			
UF	Mesorregião	Empregos	%	UF	Mesorregião	Empregos	%
SP	Metropolitana de São Paulo	1.049.531	22	SP	Metropolitana de São Paulo	1.121.561	15,8
RJ	Metrop. do Rio de Janeiro	260.772	5,5	RS	Metropolitana de Porto Alegre	315.653	4,4
RS	Metropolitana de Porto Alegre	245.855	5,2	SP	Campinas	302.869	4,3
MG	Metrop. de Belo Horizonte	215.659	4,5	MG	Metrop. de Belo Horizonte	283.458	4
SP	Campinas	200.990	4,2	RJ	Metrop. do Rio de Janeiro	266.051	3,8
SP	Macro Metropolitana Paulista	139.994	2,9	SP	Macro Metropolitana Paulista	217.949	3,1
PR	Metropolitana de Curitiba	122.788	2,6	PR	Metropolitana de Curitiba	195.522	2,8
SC	Vale do Itajaí	95.806	2	SC	Vale do Itajaí	176.264	2,5
RS	Nordeste Rio-grandense	94.894	2	SP	Ribeirão Preto	156.051	2,2
SC	Norte Catarinense	94.000	2	SC	Norte Catarinense	154.862	2,2
CE	Metropolitana de Fortaleza	89.156	1,9	RS	Nordeste Rio-grandense	148.876	2,1
SP	Vale do Paraíba Paulista	86.523	1,8	SP	Piracicaba	145.784	2,1
SP	Piracicaba	86.184	1,8	CE	Metropolitana de Fortaleza	137.467	1,9
SP	Ribeirão Preto	78.834	1,7	PR	Norte Central Paranaense	136.126	1,9
PE	Metropolitana de Recife	76.888	1,6	SP	Vale do Paraíba Paulista	123.843	1,7
PR	Norte Central Paranaense	74.440	1,6	MG	Sul/Sudoeste de Minas	123.702	1,7
MG	Sul/Sudoeste de Minas	70.222	1,5	GO	Centro Goiano	109.666	1,5
AL	Leste Alagoano	61.271	1,3	SC	Oeste Catarinense	108.813	1,5
GO	Centro Goiano	59.229	1,2	AM	Centro Amazonense	107.766	1,5
SC	Oeste Catarinense	59.209	1,2	AL	Leste Alagoano	98.137	1,4
SP	Bauru	58.079	1,2	BA	Metropolitana de Salvador	94.442	1,3
MG	Zona da Mata	54.556	1,1	SP	Bauru	93.985	1,3
BA	Metropolitana de Salvador	54.212	1,1	PE	Metropolitana de Recife	89.264	1,3
AM	Centro Amazonense	53.978	1,1	MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	84.994	1,2
RS	Noroeste Rio-grandense	47.736	1	RS	Noroeste Rio-grandense	80.814	1,1
Subtotal		3.530.806	74	Subtotal		4.873.919	68,7
Total		4.769.855	100	Total		7.093.368	100

Fonte: RAIS, apud Sabóia 2009.

O tema da desconcentração no Brasil ganha destaque, mas, tentar explicar esse fenômeno como resultado dos cálculos econômicos e dos custos locais, simplesmente, é uma forma reducionista de interpretação. Para que se tenha uma visão mais ampla desse fenômeno é necessário conhecer os determinantes locais associados à dinâmica econômica nacional. Isto

evidencia que o debate em torno do tema requer uma análise do processo endógeno de acumulação do sistema produtivo, no âmbito nacional.

Na verdade, a construção do espaço econômico nacional só pode ser totalmente entendida no âmbito do processo de integração do mercado interno e da política econômica, *latu sensu*. As empresas, neste sentido, não se movem num vazio. Foi o Estado, especialmente no caso brasileiro, através do câmbio, do crédito, dos inúmeros incentivos e diferenciais tributários, além da infraestrutura, que auxiliou a moldar as condições de desenvolvimento regional recente. Todas sobredeterminadas pela história prévia das regiões, notadamente de seu 'núcleo' industrial, quer do ponto de vista do potencial de acumulação, quer em termos das trajetórias de desenvolvimento e urbanização de cada região (PACHECO, 1996, p.260).

O debate da desconcentração produtiva regional no Brasil, na visão de Cano (2008), está dividido em dois grandes períodos, o da *desconcentração virtuosa* e o da *desconcentração espúria*. O primeiro, que se inicia nos anos de 1970, está ligado a uma diversificação e a um salto quantitativo e qualitativo da base industrial do país. Nesse momento, em um contexto de fortes investimentos públicos e privados, a periferia obteve um crescimento superior às regiões metropolitanas, o que demonstra a necessidade de interação entre centro e periferia (MIOTO, 2007).

Nesse período, que vai até fins dos anos de 1980, houve aumento da demanda no ambiente rural de matérias-primas, alimentos e minérios. Por outro lado, o ambiente urbano se expandia, não considerando os problemas sociais decorrentes da concentração de pessoas e das atividades industriais poluidoras. O Produto Interno Bruto - PIB brasileiro no período alcançou valor de taxa média anual acima de 8,0 % (CANO, 2008).

O segundo momento refere-se aos períodos de 1980 - 1990 e de 1990 - 2005, em um cenário de crise econômica nacional, alto endividamento brasileiro e perda da capacidade de investimento e financiamento do Estado. Nesse cenário, os setores secundários e de transformação são os que tiveram maior impacto da política econômica. A variação média anual do PIB no Brasil foi de 2,2%, taxa bem inferior ao período anterior (CANO, 2008).

A economia brasileira, no período seguinte, nos anos noventa, foi marcada por um aprofundamento do modelo neoliberal de gestão, imersa em políticas restritivas de crédito e financiamento e se colocando de forma subordinada em seu papel na divisão internacional do trabalho. Nesta direção,

aprofundou a dependência como fornecedora de bens primários e intermediários. Entretanto, a partir do início do século XXI observa-se uma mudança positiva nas taxas de crescimento (MIOTO, 2007).

Diante disso, verifica-se que o processo de desconcentração da economia brasileira teve por base a forte atuação do Estado e, no setor produtivo, o surgimento de novas possibilidades territoriais de energizar a movimentação de mercadorias e pessoas, com diminuição de custos, o que vem contribuindo para a expansão do capital. Isso vem caracterizando a desconcentração espacial da produção, principalmente a partir da ascensão do modo de produção flexível (HARVEY, 2006).

As discussões sobre a organização do espaço territorial brasileiro têm produzido complexas formas de ocupação que ao longo do tempo desencadearam: deslocamento da fronteira agrícola nacional; integração do mercado interno; desconcentração urbana metropolitana; pressões ambientais nas áreas industrializadas; mudanças na política econômica; orientação exportadora (PACHECO, 1996)

A tabela 2 apresenta a distribuição do emprego em seis grupos de mesorregiões brasileiras. Nela, pode-se verificar que o primeiro grupo, isto é, as 5 (cinco) maiores mesorregiões, que respondiam por 41,4% do emprego, em 1997, passam, em 2007, a responder por apenas 32,3 % desse total. O grupo de 20 e os três grupos de 25 mesorregiões aumentaram sua importância relativa do emprego passando de 57,6 % para 66,7 %. Nota-se, também, que mesmo o grupo de 37 mesorregiões aumentou sua participação no estoque de empregos, o que mostra a forte tendência desconcentradora da indústria e do emprego formal, associada aos novos arranjos espaciais que beneficiaram as mesorregiões fora dos centros metropolitanos (SABÓIA, 2009).

Tabela 2 - Distribuição do Emprego Nacional por Grupos de Mesorregiões - 1997/2007

Mesorregiões	1997		2007	
	Empregos	%	Empregos	%
5 maiores	1.972.807	41,4	2.289.592	32,3
20 seguintes	1.557.999	32,7	2.584.327	36,4
25 seguintes	730.972	15,3	1.274.381	18
25 seguintes	323.447	6,8	572.691	8,1
25 seguintes	132.559	2,8	265.067	3,7
37 seguintes	52.071	1,1	107.310	1,5
Total	4.769.855	100	7.093.368	100

Fonte: RAIS, apud Sabóia 2009

A sociedade capitalista industrial tem suas bases estruturais assentadas em um modelo dualista *campo versus cidade*. No processo de urbanização, há crescente especialização e concentração de atividades, de demanda por infraestrutura e de criação e aumento de mercado, o que leva os grupos sociais a se colocarem em movimento para as cidades. O processo migratório desencadeia desigualdades regionais e, mesmo que no primeiro momento possa parecer que o rural seja beneficiado pela necessidade de incremento de alimentos e matérias-primas, não há um planejamento para que a população rural possa acessar parte dos benefícios do crescimento industrial, o que a coloca em situação de empobrecimento sistemático (SINGER, 1998).

Na seção seguinte discute-se como o estado do Rio de Janeiro, no transcurso de sua história de estruturação econômica, vem consolidando as atividades produtivas em busca de sustentabilidade no seu processo de desenvolvimento.

2.2 Os condicionantes históricos para o desenvolvimento regional da economia fluminense.

O estado do Rio de Janeiro foi, durante longo período, o centro dinâmico cultural e político do Brasil. Entretanto, a perda de espaço em seu processo de desenvolvimento econômico para a eficiente estrutura do estado de São Paulo desloca sua posição para uma condição subordinada em relação à economia nacional. A realidade fluminense é fruto de uma lenta migração para o modelo capitalista de relação de trabalho e atualização industrial.

A problemática do desenvolvimento regional fluminense começa a ganhar destaque a partir da década de 1980 junto com a crise nacional. Neste período, o estado mergulha em um profundo processo de perda da centralidade econômica, com evidente desarticulação do mercado interno, equívocos evidentes no processo de industrialização, com conseqüente fragilização da divisão do trabalho (SOBRAL, 2007).

A compreensão das raízes deste equivocado modelo de desenvolvimento econômico fluminense exige um resgate das bases materiais históricas em contraposição com o modelo de divisão do trabalho adotado. Desde a origem o Rio de Janeiro esteve pautado em uma estrutura primitiva em relação ao capital

mercantil. A base da economia era agroexportadora, tendo como produtos o açúcar, o ouro e o café, que geraram excedentes, principalmente porque eram os produtos de exportação nacional. Contudo, mesmo sendo a sede da capital brasileira entre os anos de 1763 até 1960, portanto, detentora da centralidade político-administrativa do país, a cidade do Rio de Janeiro não gerou os efeitos multiplicadores que pudessem criar sustentabilidade econômica, ao contrário esteve dependente dos investimentos públicos para a dinamização da metrópole.

O fortalecimento da cafeicultura paulista e mineira, com melhor produtividade em relação à produtividade fluminense, leva a economia a uma crise. Os entraves da produção no interior fluminense estão fundamentados no modelo tradicional de relação de trabalho – base escravista, na esgotabilidade do solo e falta de terras e investimentos para ampliação da produção e, ainda, em função da subordinação ao capital mercantil (CANO, 1998).

A despeito desta situação do território fluminense, a cidade do Rio de Janeiro continuava sendo o centro das decisões nacionais, pois detinha os tributos da produção brasileira e forte mercado urbano. Mas o interior fluminense ficou isolado, sem investimentos industriais e agrícolas, entregue a uma aristocracia rural decadente (SOBRAL, 2007).

A economia urbana centralizada na capital fluminense persiste em função da presença do Estado e isto, de certa forma, inibe o processo de desenvolvimento do território de forma articulada com suas necessidades. Como centro político do país, o comando carioca em nome das necessidades nacionais bloqueia os interesses locais. O processo produtivo fluminense se fragiliza e a burguesia local toma uma atitude mais preocupada com a manutenção do tradicional comando sobre o país do que na defesa direta dos assuntos regionais específicos (LESSA, 2000).

Os processos de industrialização fluminense, bem como suas atividades agrícolas, estão em posição subordinada em relação ao contexto paulista e de outros estados. O desenvolvimento econômico regional se apóia no setor de serviços e na centralidade política e urbana, associado aos projetos industriais e de infra-estrutura estatal. Esta ação é insuficiente para que a metrópole pudesse encadear um processo de crescimento econômico no espaço regional fluminense (MELO, 2001).

A década de 1980 foi marcada por um planejamento de estado brasileiro que teve sua centralidade na elaboração de políticas econômicas de controle monetário, fiscal, inflacionário e de exportação e importação de bens e serviços. Estas medidas repercutiram de forma negativa na capacidade de investimentos do setor produtivo e como consequência observou-se uma queda na taxa de crescimento do PIB, acentuada elevação da dívida externa, redução do emprego e intensificação da inflação. A década seguinte foi impregnada pela discussão da questão monetária e da retomada da trajetória de modernização e crescimento que, no caso do estado do Rio de Janeiro, foi apoiada pela arrecadação de *royalties* do petróleo (FERNANDES, 2007).

As regiões, a partir dos anos de 1980, foram imersas em outro paradigma do modelo de acumulação de riqueza. O capital movimenta-se entre os diferentes locais levando em conta as vantagens competitivas produzidas pelo Estado e Municípios para a localização da produção. Segundo Piquet (2003)

“cada parte desse capital se articula diretamente a outras em escala global e, cada vez menos, passam pelas estruturas de produção regional ou nacional, cabendo ao Estado-nação apenas não interpor obstáculos “artificiais” ao livre jogo das forças de mercado” (PIQUET, 2003, p. 3)

Diante disso, perdem-se os vínculos da política de desenvolvimento dos anos de 1970, em que se buscava a equidade interna das regiões a partir de compensações geridas pelo Estado com intuito de atenuar as tendências do mercado.

A década de 1990 foi marcada por intensas mudanças estruturais no processo de localização da indústria nacional, fruto de aberturas comerciais, reestruturação produtiva e do processo decisório dos agentes econômicos (ANDRADE; SERRA, 2000).

A abertura comercial é fator determinante para elevação da produtividade industrial. Dessa forma, a modernização dos processos produtivos, com introdução de novos maquinários, além de modernas técnicas de gerenciamento, possibilita ganho de eficiência de mão-de-obra, resultando em um ambiente mais favorável de concorrência da unidade fabril na região.

A mudança de paradigma que possa contribuir para superação da crise do setor produtivo se estabelece com base no modelo de “acumulação flexível” ou

“toyotismo”, que tem nos avanços da microeletrônica um novo padrão tecnológico para a reversão da estagnação industrial nacional (SANTOS, 2002).

As exigências de reestruturação produtiva se impõem a partir desse novo modelo capitalista de produção. As empresas, na busca de “externalidades” mais favoráveis, além da incorporação de novas tecnologias de produção e gestão, começam a se deslocar das regiões metropolitanas para o interior dos estados, em função dos incentivos fiscais e locacionais oferecidos pelos municípios. Entretanto, as regiões metropolitanas permanecem como centro econômico, tendo como foco principal os setores de serviço e o comércio (SILVA NETO, 2003).

Neste contexto, o Rio de Janeiro, que tinha sua base econômica no padrão anterior, ficou mais suscetível ao agravamento da crise do setor industrial. Dessa forma, a indústria perde a centralidade como eixo dinâmico de geração de produtos e empregos, com taxa de crescimento anual média de apenas 2% do PIB. A partir de então, o setor de serviços passa a ser forte empregador e criar mais dinamismo para economia fluminense (SANTOS, 2002).

O setor secundário, no caso fluminense, tem na indústria de transformação uma participação que corresponde a menos da metade da participação industrial do PIB do estado. Na verdade, esse desempenho tem sido sustentado pelo subsetor da Extração Mineral. Já no setor terciário, a elevada perda de participação do subsetor intermediação financeira, com a migração de grande parte de suas atividades para São Paulo, foi compensada pela expansão do segmento atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas.

A crescente importância do setor terciário está relacionada à maior complexidade das condições de reprodução da força de trabalho e do capital, pois abrangem atividades ainda mais dependentes da qualificação da força de trabalho do que as dos demais setores, as quais, por isso, tendem a aumentar a participação do setor não só no PIB como na geração de emprego, especialmente em cidades de médio e grande porte, o que contribui para a polarização espacial. É diferente do que ocorre na indústria, porque as atividades secundárias evitam arcar com as deseconomias de aglomeração produzidas nas áreas metropolitanas e deslocam-se para cidades menores, porém próximas aos seus mercados consumidores.

Segundo Oliveira (1999), as regiões do interior vêm apresentando crescente dinamismo econômico. As atividades econômicas ligadas ao setor de petróleo têm destaque, isto é, a extrativa mineral, nos casos das mesorregiões norte fluminense e baixadas, particularmente em função dos *royalties*. Já a mesorregião sul fluminense ganha expressão no processo de reorganização fluminense em função do pólo metal mecânico, com destaque para as unidades fabris ligadas ao setor automobilístico. Diante disso, distingue-se um processo de descentralização das atividades econômicas no estado do Rio de Janeiro.

Na Figura 1, a seguir, pode-se constatar a evolução do Produto Interno Bruto – PIB do Rio de Janeiro, no período de 1990 – 2001. Verifica-se, entre 1992 e 1993, a ocorrência de uma inflexão positiva dos índices da economia do estado do Rio de Janeiro. Segundo Oliveira (2003), um dos fatores que contribuíram para inflexão positiva de valores do PIB foi o amplo processo de reestruturação da Petrobras, que influenciou diretamente a atividade econômica extrativa mineral, além do comércio, transporte e serviços entre outras, causando efeitos relevantes para mesorregião norte fluminense.

Nesse novo contexto, a cidade de Macaé, localizada na mesorregião Norte Fluminense é o pólo de disseminação dos efeitos positivos que vêm impulsionando a economia da região.

A cidade de Campos dos Goytacazes, localizada na mesma mesorregião, vem desempenhando papel destacado no subsetor de ensino, com instituições da rede pública, como o Instituto Federal fluminense, Universidade Federal Fluminense e Universidade Estadual do Norte fluminense Darcy Ribeiro que induzem pesquisas regionais sobre a região e junto com a rede privada de educação contribuem na formação de profissionais qualificados para atuar em diferentes segmentos das atividades produtivas.

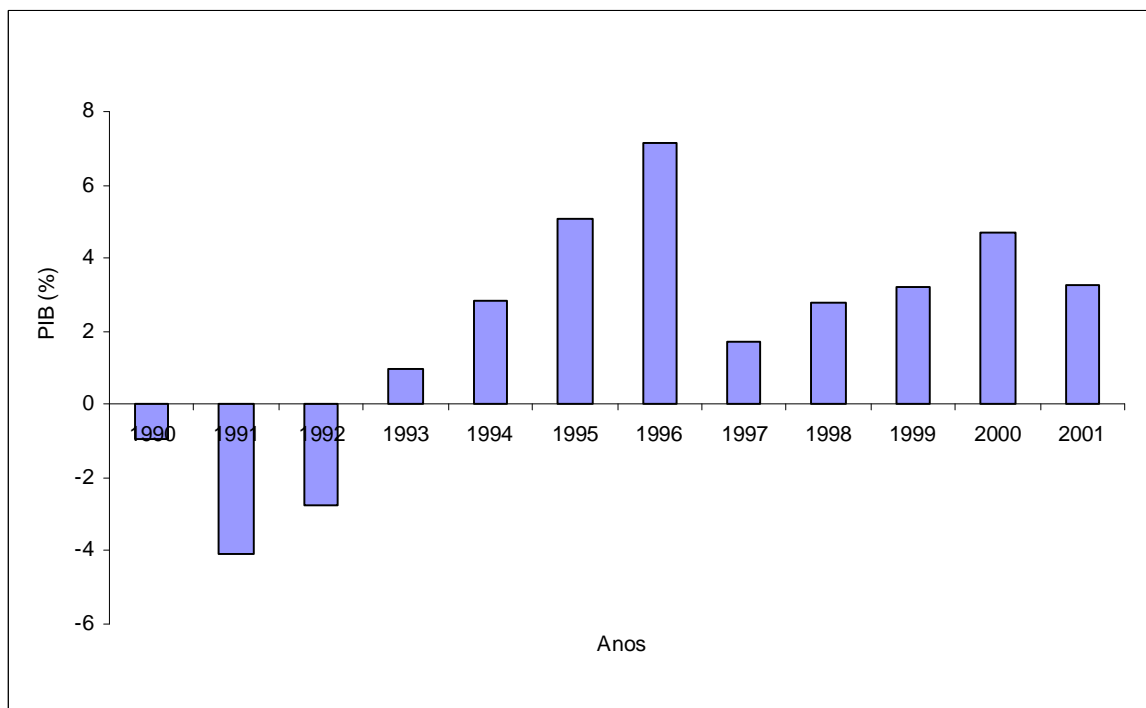


Figura 1 – Variação do PIB do Estado do Rio de Janeiro 1990 – 2001
Fonte: Silva Neto, 2006.

O setor extrativista gera empregos diretos e desencadeia uma série de serviços que exigem a estruturação de empresas para apoiar o segmento de exploração e produção de petróleo. Sabe-se que o Estado do Rio de Janeiro é responsável por mais de 80% da produção nacional de petróleo e isso tem gerado efeitos dos mais diversos na economia e no ambiente da região. Toda essa conjuntura gera aquecimento de outras atividades econômicas, como o setor da construção civil e mercado imobiliário (SILVA NETO, 2006).

A evolução da economia do Estado do Rio de Janeiro – ERJ, no período de 1987 até 2009, pode ser dividida, basicamente, em três períodos distintos, com base nas flutuações no nível de emprego formal. Essas flutuações, exibidas na Figura 2, permitem distinguir claramente os períodos.

O primeiro período, de 1987 a 1992, sofre influência do processo de globalização produtiva e financeira da economia, da redefinição do papel do Estado diante da promulgação da nova Constituição em 1988, e de um ciclo de inovação tecnológica que traz exigências crescentes para inserção das pessoas no mundo do trabalho. Diante disso, a questão emprego está associada a elementos externos, tais como as novas tecnologias e as modificações nas trocas internacionais e, ao mesmo tempo, a elementos internos, como o nível de qualificação da mão-de-obra, os custos dos contratos e a proteção social e

trabalhista que também afetam a taxa de emprego. Nesse período, o emprego decresceu a uma taxa média de 2,01% ao ano³, alcançando seu ponto mínimo em 1992.

Os anos de 1990 foram marcados por altas taxas inflacionárias. O desafio do governo Collor, recém-empossado, era o da estabilização monetária, da retomada do crescimento e da modernização industrial. Neste período, as taxas de inflação alcançaram valores absurdos de 80% mensais, associados ao menor índice do emprego e significativa perda de PIB. A forte estrutura neoliberal marcou o período deste governo, que pautou sua estratégia de recuperação em uma política de retenção dos ativos financeiros internos (poupança) e abertura econômica ao mercado internacional (SILVA, 2004).

O segundo período, de 1992 a 1999, foi marcado por um processo de estagnação da oferta de empregos formais, quando se constatou apenas um leve crescimento do emprego, de 0,12% ao ano. Esse momento esteve associado à implementação do novo modelo econômico brasileiro, caracterizado pela racionalização e desconcentração do gasto público e, também, pela privatização do setor produtivo estatal.

Esse período evidencia a crise, iniciada na década anterior, do modelo de desenvolvimento até então adotado pelo governo brasileiro, intrinsecamente vinculado à forte presença estatal nos investimentos e ao planejamento da economia. A redução da presença estatal e a maior abertura do mercado nacional à concorrência internacional, especialmente a partir dos anos 90, evidenciaram a incapacidade da produção interna de competir com os produtos estrangeiros, o que levou várias empresas, nacionais ou não, a se reestruturarem organizacional e produtivamente (ALMEIDA, 2002).

³ A taxa anual média de variação no emprego (r), em percentagem ao ano, para um período de n anos, foi obtida pela seguinte expressão: $r = \left(\sqrt[n]{\frac{E}{E_0}} - 1 \right) \times 100$. Em que E é o estoque de emprego ao fim do período, e E_0 o estoque no início do período.

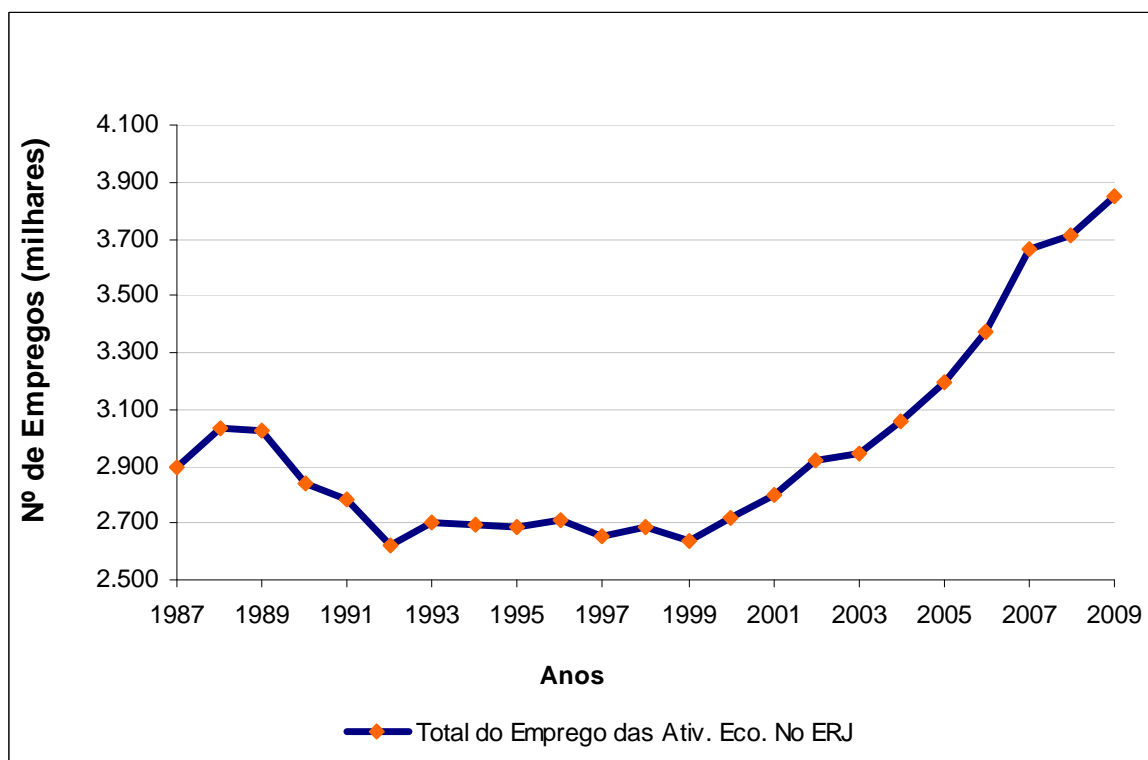


Figura 2 – Evolução do emprego total no Estado do Rio de Janeiro, no período de 1987 a 2009.

Fonte: Dados da pesquisa

A abertura da economia ao comércio e aos fluxos de capitais internacionais, o programa de privatizações e o fim do processo inflacionário deveriam promover um ambiente favorável, minimizando distorções de mercado, gerando incremento de produtividade, proporcionando estabilidade para os investimentos e trazendo, como efeito, possibilidades promissoras ao crescimento. Entretanto, essas ações foram ineficazes para mudança da realidade sócioeconômica do Brasil e especialmente do ERJ⁴ (DAMASCENO E ARAÚJO, 2003).

O terceiro momento, de 1999 a 2009, reflete o processo de reestruturação produtiva do país, bem como do Estado do Rio de Janeiro, combinando ampliação do saldo comercial com elevação do nível geral de emprego. Neste período, verifica-se uma taxa média positiva de crescimento do emprego formal de 3,84 % ao ano.

⁴ A taxa de crescimento médio anual do PIB foi de 2,41% no período 1991-2002, e de 2,02% no período 1996-2002, taxas que são, inclusive, inferiores à taxa de crescimento da década de 80, de 2,9%, considerada a década perdida.

A figura 3 apresenta a Variação do Número de Empregos Totais das Atividades Econômicas do Rio de Janeiro. Nela, pode-se verificar que os períodos descritos na figura 2 são identificados, levando em conta as variações dos anos. Pode-se observar que a maior variação negativa no emprego ocorreu entre os anos de 1988 – 1990, com decréscimo de 190 mil empregos. A variação decrescente pode estar associada ao momento político vivido a partir de 1988 com a nova Constituição Brasileira, que gerou incertezas sobre os rumos da economia.

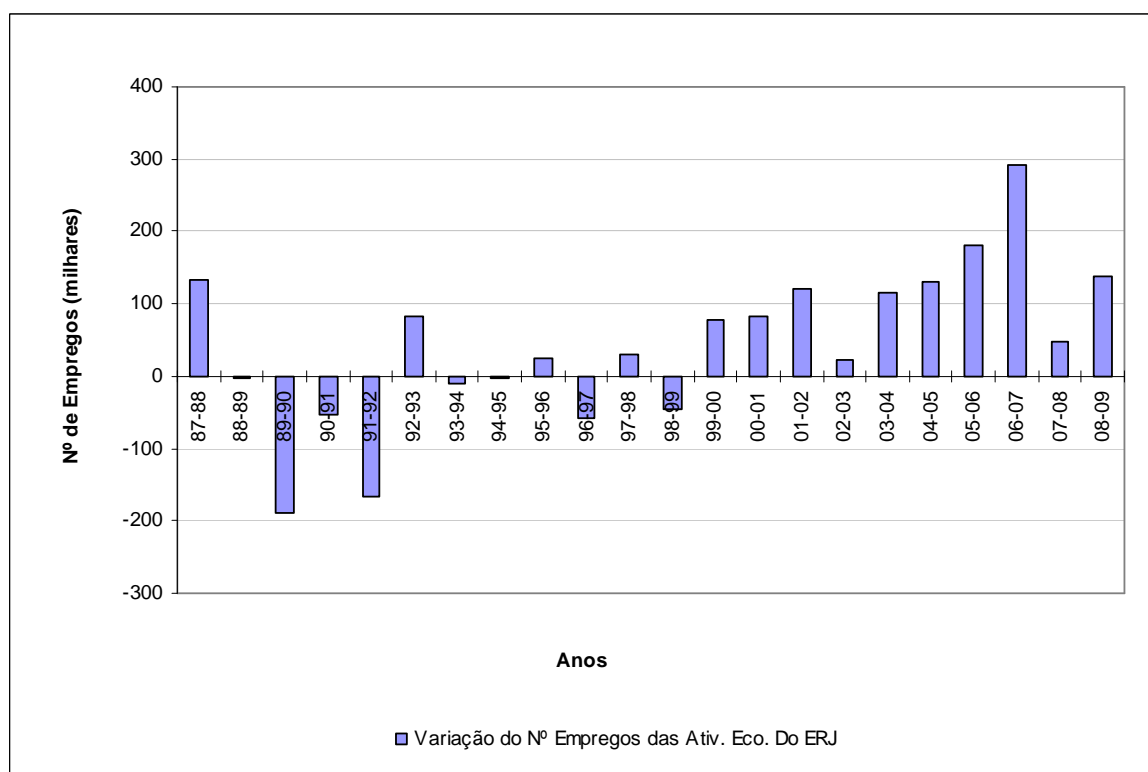


Figura 3 - Variação do Número de Empregos Totais das Atividades Econômicas do Rio de Janeiro, período de 1987 - 2009

Fonte: Dados da pesquisa

A década de 1990 foi caracterizada por um aprofundamento desta política nos primeiros anos, associado à reorganização produtiva do capital mundial, o que trouxe como consequência uma reconcentração das atividades produtivas para as proximidades dos centros de maior base tecnológica e com ampla infraestrutura socioeconômica. Dessa forma, verifica-se um movimento contrário ao estimulado na década de 1970 quando, na tentativa de integração nacional, houve uma desconcentração da produção na medida em que parte das atividades produtivas foi para regiões menos desenvolvidas (SIMÕES, 2004).

Em meados e fins dos anos de 1990 a mudança de postura do estado nacional, bem como os reflexos das políticas neoliberais, gerou novas expectativas em relação ao crescimento econômico do Estado do Rio de Janeiro.

Conforme Figura 3, observam-se variações positivas crescentes no emprego a partir dos anos de 2000, com taxa de crescimento entre 2000 e 2009 de 7,67% ao ano. No período de 2006 – 2007 ocorre variação positiva expressiva, com aumento de 292 mil postos de emprego nas diferentes atividades econômicas do Rio de Janeiro.

A interrupção de crescimento da economia ocorrida em 2008 deve-se à crise mundial do sistema financeiro. Entretanto, a observação da figura 3 mostra rápida recuperação do emprego nas atividades econômicas fluminense no ano seguinte - 2009.

As evidências apresentadas na figura 3 indicam taxas de crescimento ascendentes. Contudo, não se pode inferir desses resultados que as mudanças políticas e econômicas recentes resultem em desdobramentos significativos na renda e na redução das desigualdades sociais. Por outro lado, é notório que a realidade brasileira mais recente tem evidenciado efeitos positivos das medidas de atração das empresas e de fortalecimento de outras atividades econômicas para os territórios.

Na visão de Rosélia Piquet, além das estratégias de atração das empresas, cresce o “ativismo local”, que é uma forma de movimentação dos atores regionais na busca de soluções mais apropriadas para superação das dificuldades locais, tendo como base a cooperação e a parceria. Fica evidente a evolução do pensar e agir dos sujeitos envolvidos na discussão do desenvolvimento para uma região (PIQUET, 2003).

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1. O modelo estrutural-diferencial

Para analisar as mudanças na distribuição espacial da economia do estado do Rio de Janeiro, foi utilizado o modelo estrutural-diferencial. Esse modelo, em sua forma original ou ampliada, tem sido empregado em vários estudos, como é o caso de Souza (2007), Souza et al. (2007), Santos (2000), Souza e Souza (2004), Pereira e Campanile (1999).

Na pesquisa, as mudanças na distribuição regional da economia serão analisadas com base em seus efeitos sobre o emprego formal. Ainda que dados sobre o valor da produção sejam mais adequados, a maior disponibilidade de dados sobre emprego, em nível regional, tem feito com que, nos estudos empregando a abordagem estrutural-diferencial, esta última variável predomine. Há que se ressaltar, porém, que o uso do emprego, como medida de crescimento econômico, implica assumir que não há diferenças significativas na produtividade do trabalho nas diversas atividades de cada região. Caso contrário, dada região poderia apresentar um diferencial de crescimento devido à maior produtividade de sua mão-de-obra, e não por vantagens locacionais que, por hipótese, o modelo aponta como razões para aquele diferencial (SOUZA e SOUZA, 2004).

Embora o método não permita inferir sobre as causas do maior dinamismo de determinado setor ou das vantagens locacionais de determinada região, ele representa, conforme Haddad (1989), um modelo analítico capaz de

gerar informações importantes para a realização de pesquisas adicionais sobre problemas de desenvolvimento regional.

Através desse modelo, espera-se poder comparar o crescimento do pessoal ocupado, nas diversas atividades, bem como identificar a presença de fatores, em nível regional e municipal, que contribuam para explicar esse comportamento.

Para analisar as mudanças no emprego entre dois períodos, com o uso do método estrutural-diferencial, parte-se das matrizes contendo dados sobre o emprego por setor de atividade, para cada unidade territorial de análise e para o conjunto dessas unidades. Nesse método, cuja descrição baseia-se em Haddad e Andrade (1989), Pereira (1997) e Pereira e Campanile (1999), admite-se que o crescimento de determinado setor i , em uma dada região j , pode ser decomposto em um efeito estrutural ou proporcional em um efeito diferencial ou regional. O efeito estrutural reflete a composição setorial regional, indicando, quando positivo, que a região se especializou em setores mais dinâmicos da economia, ou seja, de setores com taxa de crescimento maior do que a do conjunto da economia. Situação contrária ocorre quando a região se especializa em setores mais estagnados, o que se manifesta por efeito estrutural negativo.

Já o efeito diferencial ou regional indica, quando positivo, que o setor que está crescendo mais em uma região do que em outras, refletindo assim a presença de fatores locais propiciadores desse diferencial de crescimento, evidenciando que a região se apresenta especialmente vantajosa para a produção desse setor, relativamente ao estado. De acordo com Santos (2000), aspectos como variação nos custos dos transportes, estímulos fiscais, diferenças de preços relativos de insumos e fatores de produção mais abundantes contribuem para conferir vantagens locacionais a determinada região, o que se reflete em efeito diferencial positivo.

Sejam E_{ij}^0 e E_{ij}^t o pessoal ocupado no setor i da região j nos períodos inicial e final, respectivamente. Assim, a variação real do pessoal ocupado entre esses períodos (ΔE_{ij}^t) é equivalente a:

$$\Delta E_{ij}^t = E_{ij}^t - E_{ij}^0 \quad (1)$$

Admitindo como e_{ij} a taxa de crescimento do pessoal ocupado no setor i da região j , entre os tempos inicial e final, obtidos por

$$e_{ij} = \frac{E_{ij}^t}{E_{ij}^0} \quad (2)$$

resulta que o montante do pessoal ocupado no período final, no setor i da região j (E_{ij}^t), pode ser expresso como o produto do pessoal ocupado inicialmente no setor i da região j (E_{ij}^0) pela taxa de crescimento desse mesmo setor na mesma região (e_{ij}), ou seja:

$$E_{ij}^t = E_{ij}^0 \cdot \frac{E_{ij}^t}{E_{ij}^0} = E_{ij}^0 \cdot e_{ij} \quad (3)$$

Substituindo a equação (3) na expressão da variação real do pessoal ocupado no setor i da região j entre os períodos inicial e final (1), obtém-se

$$\Delta E_{ij}^t = E_{ij}^t - E_{ij}^0 = E_{ij}^0 \cdot e_{ij} - E_{ij}^0 = E_{ij}^0 (e_{ij} - 1) \quad (4)$$

Define-se a taxa de crescimento do pessoal ocupado no setor i no estado (e_i) como a divisão entre o montante do pessoal ocupado no setor i do estado no período final (E_i^t) pelo montante inicialmente ocupado no setor i do estado (E_i^0), isto é,

$$e_i = \frac{E_i^t}{E_i^0} \quad (5)$$

Similarmente, a taxa de crescimento do pessoal ocupado no estado entre os instantes inicial e final como a divisão do total do pessoal ocupado ao final do período (E^t) pelo pessoal ocupado no início (E^0), ou seja,

$$e = \frac{E^t}{E^0} \quad (6)$$

Somando-se e subtraindo-se essas taxas de crescimento na expressão (4), ou seja, fazendo

$$\Delta E_{ij}^t = E_{ij}^t - E_{ij}^0 = E_{ij}^0 \cdot (e_{ij} - 1 + e - e + e_i - e_i)$$

e, multiplicando e reagrupando os termos, obtém-se:

$$\Delta E_{ij}^t = E_{ij}^t - E_{ij}^0 = E_{ij}^0(e - 1) + E_{ij}^0(e_i - e) + E_{ij}^0(e_{ij} - e_i) \quad (7)$$

que é a expressão para a decomposição da variação do pessoal ocupado no setor i entre o período inicial e final, na região j. Nessa expressão:

$E_{ij}^0(e - 1)$ corresponde à variação teórica do pessoal ocupado em nível regional, que seria obtida caso a região crescesse à taxa de crescimento do emprego estadual;

$E_{ij}^0(e_i - e)$ é a variação estrutural ou proporcional que, se positiva, representa uma situação em que setor i cresce acima da média do estado; e,

$E_{ij}^0(e_{ij} - e_i)$ representa o efeito diferencial ou regional, indicando a existência ou não de vantagens locacionais, ou seja, de condições propícias para o crescimento do setor. Se positivo, indica que o setor i cresce mais na região j que em outras.

O efeito total, ou variação líquida total (VLT) é obtido pela soma dos efeitos estrutural e diferencial, e mede a diferença entre o crescimento real ou efetivo apresentado pelo estado e o crescimento teórico, isto é, aquele que seria obtido caso crescesse a taxa do estado como um todo. Assim, retomando a expressão (7) e fazendo uso da equação (3), demonstra-se que o efeito total corresponde a:

$$\Delta E_{ij}^t - E_{ij}^0(e - 1) = E_{ij}^0(e_i - e) + E_{ij}^0(e_{ij} - e_i) = E_{ij}^0(e_{ij} - e) \quad (8)$$

Da expressão (8) pode-se concluir que os efeitos totais positivos correspondem a setores dinâmicos, que estariam crescendo, em termos reais, mais do que cresceriam se estivessem evoluindo a taxa estadual.

Uma das limitações do modelo, em sua formulação original, é a aplicação das taxas de crescimento ao pessoal ocupado no ano inicial (E_{ij}^0), o que implica não considerar possíveis mudanças na estrutura do emprego no tempo. Por essa razão, a proposta de Stilwell (1969) é a de calcular o efeito proporcional mediante o emprego do final do período (E_{ij}^t), em vez daquele observado no início (E_{ij}^0), o que permite obter um novo efeito proporcional.

Esteban-Marquillas (1972), por sua vez, adicionou aos efeitos proporcional e diferencial o efeito alocação. Para tanto, esse autor elaborou a

noção de emprego homotético (\hat{E}_{ij}^0), equivalente ao pessoal ocupado que o setor i da região j teria se a estrutura de emprego fosse igual à do estado, tal que:

$$\hat{E}_{ij}^0 = E_j^0 (E_i^0 / E^0) \quad (9)$$

em que: \hat{E}_{ij}^0 é o emprego homotético do setor i da região j no ano inicial; E_j^0 o pessoal ocupado da região j no ano inicial; E_i^0 o pessoal ocupado no setor i do estado no ano inicial; e, E^0 o pessoal ocupado do estado no ano inicial. Através do uso do emprego homotético obtém-se o efeito competitivo (D'_{ij}), livre da influência do efeito proporcional:

$$D'_{ij} = \hat{E}_{ij}^0 (e_{ij} - e_i) \quad (10)$$

Para absorver o resíduo entre D_{ij} e D'_{ij} , Esteban-Marquillas introduziram no método o efeito alocação (A_{ij}), dado por:

$$A_{ij} = (E_{ij}^0 - \hat{E}_{ij}^0) (e_{ij} - e_i) \quad (11)$$

Com essas modificações, as parcelas constituintes da variação líquida total (VLT) passam a ser os efeitos proporcional, competitivo e alocação.

Na formulação de Esteban-Marquillas, Herzog e Olsen (1979) substituem o pessoal ocupado inicialmente (E_{ij}^0) pelo pessoal ocupado do final do período (E_{ij}^t), tal como proposto por Stilwell (1969). Inserindo a mudança do peso na composição do emprego ($E_{ij}^t - \hat{E}_{ij}^t$), obtém-se um novo efeito alocação, cujos componentes são a composição do emprego no ano inicial, a do ano final e as respectivas taxas de crescimento.

$$A_{ij} = [(E_{ij}^t - \hat{E}_{ij}^t) - (E_{ij}^0 - \hat{E}_{ij}^0)] (e_{ij} - e_i) \quad (12)$$

De acordo com os sinais do efeito alocação (A_{ij}) os setores, dentro de determinada região, podem ser classificados conforme o quadro seguinte. Assim, uma determinada região será especializada em dado setor se a variação do emprego efetivo for maior do que a variação do emprego esperado, e terá vantagem competitiva nessa atividade se ela crescer, na região, acima da média estadual.

Quadro 1 - Efeito alocação e componentes modificados

Definição	Efeito alocação	Componentes	
		Especialização ($E_{ij}^t - \hat{E}_{ij}^t$) - ($E_{ij}^0 - \hat{E}_{ij}^0$)	Vantagem competitiva ($e_{ij} - e_i$)
Desvantagem competitiva Especializada	-	+	-
Desvantagem competitiva não especializada	+	-	-
Vantagem competitiva não especializada	-	-	+
Vantagem competitiva Especializada	+	+	+

Fonte: Herzog e Olsen (1979).

Conforme Souza e Souza (2004), as áreas mais dinâmicas, para determinado setor, são aquelas com vantagem competitiva especializada, nas quais o setor torna-se mais representativo na estrutura econômica regional do que na do estado, e cresce mais na região do que no total do estado, o que se reflete em efeito alocação positivo. Setor com taxa de crescimento superior à observada no estado, mas que, ainda assim, vem perdendo importância na estrutura econômica regional, quando comparado à importância que ocupa na economia do estado, caracteriza-se por vantagem competitiva não especializada.

Também resulta em efeito alocação positivo uma situação em que o emprego em um determinado setor, que cresce menos na região do que na média do estado, torna-se também menos representativo nessa região do que no estado, caracterizando desvantagem competitiva não especializada. Quando um setor, além de ter menor taxa de crescimento na região do que no estado, eleva participação na economia regional, comparativamente à importância que ocupa

no estado, trata-se de um caso de desvantagem competitiva especializada.

Com as mudanças introduzidas no efeito alocação, o efeito competitivo (D''_{ij}) será agora:

$$E^0_{ij} (e_i - e) + \hat{E}^0_{ij} (e_{ij} - e_i) + (E^0_{ij} - \hat{E}^0_{ij}) (e_{ij} - e_i) = E^0_{ij} (e_i - e) + D''_{ij} + [E^t_{ij} - \hat{E}^t_{ij} - (E^0_{ij} - \hat{E}^0_{ij})] (e_{ij} - e_i) \quad (13)$$

Reordenando os termos dessa equação, obtém-se o efeito competitivo (D''_{ij}), conforme Herzog e Olsen:

$$D''_{ij} = (2E^0_{ij} - E^t_{ij} + \hat{E}^t_{ij} - \hat{E}^0_{ij}) (e_{ij} - e_i) \quad (14)$$

Após as correções feitas por Herzog e Olsen, a variação líquida total será obtida com base no efeito proporcional original (P_{ij}) mais o efeito competitivo modificado e o efeito alocação modificado:

$$VLT = P_{ij} + D''_{ij} + A_{ij} = E^0_{ij} (e_i - e) + (2E^0_{ij} - E^t_{ij} + \hat{E}^t_{ij} - \hat{E}^0_{ij})(e_{ij} - e_i) + [(E^t_{ij} - \hat{E}^t_{ij}) - (E^0_{ij} - \hat{E}^0_{ij})] (e_{ij} - e_i) \quad (15)$$

3.2. Medidas de concentração

Para verificar as mudanças na distribuição do emprego entre regiões, municípios e atividades foram empregados os índices razão de concentração, índice T de Theil e índice Gini. Normalmente, esses índices são utilizados para caracterizar o grau de concentração de firmas no mercado, a concentração de renda, de ativos, etc. No presente trabalho, tais indicadores são utilizados para determinar em que medida a distribuição das atividades econômicas do estado do Rio de Janeiro, caracterizada em termos do emprego, tem se alterado nos últimos anos. Uma breve descrição desses índices, baseada em Costa (1979), Hoffmann (1983) e Hoffmann (1991), é feita nos itens seguintes:

3.2.1. Razão de concentração

A razão de concentração é, usualmente, utilizada para determinar o grau de concentração de firmas no mercado. Nesse contexto, a participação das m maiores firmas em um mercado formado por n firmas, que corresponde à razão de concentração dessas m firmas, é obtida pela expressão:

$$CR_m = \frac{\sum_{i=1}^m X_i}{\sum_{i=1}^n X_i} = \sum_{i=1}^m P_i \quad (1)$$

em que X representa a variável de interesse, e P_i a participação da i -ésima firma no total do mercado. Normalmente, esse índice é calculado considerando-se a participação das quatro ou oito maiores firmas no mercado de determinado bem ou serviço (CR_4 ou CR_8), envolvendo aspectos como produção, vendas, etc. Na presente pesquisa, propõe-se a utilização desse índice para caracterizar a distribuição do emprego entre regiões e, neste caso, as Razões de concentração CR_2 , CR_4 e CR_8 serão calculadas para caracterizar a participação das duas, quatro e oito regiões com maior participação no emprego.

3.2.2. Índice T de Theil

Para caracterizar o grau de concentração da distribuição regional do emprego, foi também empregado o índice de Theil, comumente adotado para mediar a desigualdade na distribuição de renda da população. Nesse último contexto, e considerando-se uma população de n pessoas, com cada uma recebendo uma fração não negativa da renda total y_i ($y_i \geq 0$, $i = 1, \dots, n$), define-se como entropia dessa distribuição de renda a medida:

$$H(y) = \sum_{i=1}^n y_i \ln \frac{1}{y_i} \quad (2)$$

Em que $H(y)$ é a entropia da distribuição de renda e y_i é a participação da i -ésima pessoa na renda total.

Esta medida representa o inverso da concentração, i.e., seu valor diminui com o aumento da concentração. Caso a concentração seja absoluta, ($y_j = 1$ e $y_i = 0$, para todo $i \neq j$), o índice de entropia atinge o valor $H(y) = 0$, que representa o limite inferior deste índice. No extremo oposto, isto é, em caso de perfeita igualdade ($y_i = 1/n$, para $i = 1, \dots, n$), tem-se o limite superior do índice, com valor de $H(y) = \log n$.

O índice de Theil é obtido a partir da definição de entropia da distribuição. Essa medida consiste em se subtrair, da entropia da distribuição, o seu próprio valor máximo, isto é:

$$T = \log n - H(y) = \sum_{i=1}^n y_i \log n y_i \quad (3)$$

Em que T é o índice T de Theil, que assume os valores $T = 0$, em caso de distribuição perfeitamente igualitária, e $T = \log n$, no caso de máxima desigualdade.

3.2.3. Índice de Gini

O índice de Gini é uma medida de concentração, mais freqüentemente aplicada à renda, à propriedade fundiária e à concentração das indústrias, e foi aqui empregado para caracterizar a distribuição regional do emprego. Este coeficiente é medido através da fórmula geral seguinte:

$$G = 1 - \sum_{i=1}^n (Y_i + Y_{i-1})(X_i - X_{i-1}) \quad (4)$$

em que X_i é a percentagem acumulada da população (pessoas que recebem renda, proprietários de terra, indústrias, etc.) até o estrato i ; X_{i-1} é a percentagem acumulada da população até o estrato anterior ao estrato i ; Y_i é a percentagem acumulada da renda, área, valor da produção, etc., até o estrato i ; Y_{i-1} é a mesma percentagem acumulada até o estrato anterior ao estrato i ; e n é o número de estratos de renda, área, valor da produção, etc.

Outra definição do índice de Gini pode ser dada através da curva de Lorenz. Seja p o valor da proporção acumulada da população até certo estrato e Φ o valor correspondente à proporção acumulada da variável de interesse, nesse caso o emprego. Os pares de valores (p, Φ) , para os diversos estratos, irão definir um conjunto de pontos, cuja união constitui a curva de Lorenz (Figura 6), que mostra como a proporção acumulada do emprego varia em função da proporção acumulada das regiões, com estas últimas ordenadas de acordo com valores crescentes de participação no emprego.

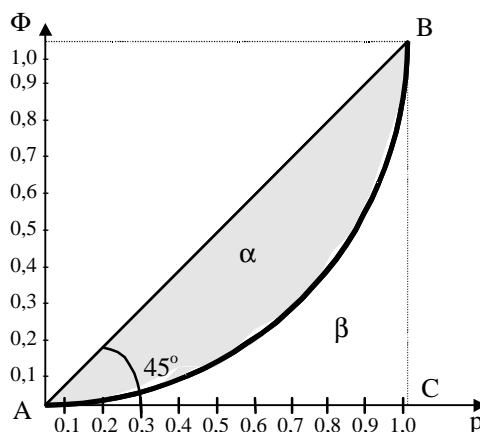


Figura 4. A curva de Lorenz

A área α é denominada área de concentração, e seu valor aumenta de acordo com a concentração da distribuição. No caso extremo de igualdade completa, a curva de Lorenz se transformaria em um segmento de reta formando 45° com os eixos, denominado linha de perfeita igualdade. Por outro lado, considerando uma situação de máximo de desigualdade, isto é, uma região responderia por todo o emprego, enquanto as $n-1$ regiões restantes nada teriam, a curva de Lorenz se confundiria com o poligonal ACB, com a área de desigualdade aproximadamente igual à área do triângulo ACB, que é igual a 0,5. Por definição, o índice de Gini (G) é a relação entre a área de concentração (α) e a área do triângulo ABC, ou seja:

$$G = \alpha / (\alpha + \beta) = \alpha / 0,5 = 2\alpha \quad (5)$$

dado que $0 \leq \alpha < 0,5$, tem-se que $0 \leq G < 1$.

O índice de Gini é um número adimensional. Aumentando a concentração, cresce a curvatura da curva de Lorenz, aumentando, portanto, a área entre a curva e a linha que passa a 45° no gráfico, com o índice de Gini aproximando-se de 1,0 quanto maior for a concentração. Por outro lado, quanto mais igualitária a distribuição da variável analisada, a curva de Lorenz se aproxima da linha de 45° , e o índice de Gini tende a zero.

3.3. Área do estudo e fonte de dados

Na pesquisa, faz-se uma análise das mudanças no emprego setorial do estado do Rio de Janeiro, em nível de suas mesorregiões geográficas, no

decorrer do período de 1987 a 2009. A análise é conduzida distinguindo-se três subperíodos, caracterizando momentos distintos da economia do estado: 1987-1992, 1992-1999 e 1999-2009. São considerados, para a análise, os estoques de empregos formais em 31 de dezembro dos anos 1987 até 2009, dos 26 (vinte e seis) subsetores das atividades econômicas apresentadas pelo IBGE, nas diferentes mesorregiões do estado do Rio de Janeiro.

O Estado do Rio de Janeiro está dividido em seis mesorregiões: Noroeste Fluminense, com 13 (treze) municípios; Norte Fluminense, com 9 (nove) municípios; Centro Fluminense, com 16 (dezesesseis) municípios; Baixadas Litorâneas, com 10 (dez) municípios; Sul Fluminense, com 14 (quatorze) municípios; e, a região Metropolitana do Rio de Janeiro, com 30 (trinta) municípios, que totalizam 92 municípios no território do estado do Rio de Janeiro.

Os dados sobre o pessoal ocupado nas atividades econômicas, em nível de mesorregiões, são provenientes da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, do Ministério do Trabalho e Emprego. As informações provenientes dessas fontes são mais adequadas a análises estruturais do mercado de trabalho formal, como é o caso da pesquisa, sendo, portanto, mais recomendáveis do que as informações provenientes do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados-CAGED, indicadas para análises de conjuntura do mercado de trabalho formal (BRASIL, 2008).

Na tabela 3 estão apontadas as atividades econômicas pesquisadas. Estas compõem 26 (vinte e seis) subsetores da economia fluminense, e estão dispostas com numeração correspondente para efeito de apresentação gráfica dos resultados do estudo.

Tabela 3 - Relação dos setores econômicos fluminense e numeração correspondente na pesquisa.

Atividades Econômicas	Numeração correspondente
Extrativa mineral	1
Indústria de prod. min. não metál.	2
I. metalúrgica	3
I. mecânica	4
I. do mat. Elétr. e de comunic.	5
I. do material de transporte	6
I. da madeira e do mobiliário	7
I. do papel, editorial e gráfica	8
I da borracha, fumo, couros	9
I. quím. farm., veter., perfum.	10
I. têxtil vest. artef. de tecidos	11
I. de calçados	12
I. Ali., bebidas e álcool etílico	13
Serv. ind. de utilidade pública	14
Construção civil	15
Comércio varejista	16
Comércio atacadista	17
Inst. de crédito, seg. capitaliz.	18
Com. e admin. Imóveis	19
Transportes e comunicações	20
Serv de aloj., ali., reparação	21
Serv. médicos, odont. e veterinário	22
Ensino	23
Admin. públ. direta e autárquica	24
Agricultura e outros	25
Outros / ignorado	26

Fonte: RAIS.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Resultados do método estrutural-diferencial

4.1.1. Período de 1987 a 1992

Nesta seção será exibida a análise das mesorregiões fluminenses para o período de 1987 – 1992. Os resultados estão expressos por meio de tabelas e figuras onde serão visualizados os setores da economia bem como os valores da variação líquida total e sua decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação e ainda os comentários decorrentes da aplicação metodológica para o primeiro período.

Na Tabela 4 encontram-se os valores da variação líquida total, bem como sua decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para a região Noroeste fluminense, referente ao primeiro dos três períodos analisados.

Nesse período, a variação líquida total mostrou-se positiva para a maior parte dos setores da região, com exceção das indústrias metalúrgica, de material elétrico e comunicação, de material de transporte, de madeira e mobiliário, de produtos alimentícios, além dos serviços de crédito, transportes e comunicação, de alojamento e alimentação. Esses setores, contrariamente aos demais, apresentaram variação líquida total negativa, uma vez que cresceram menos do que o crescimento teórico, que seria obtido caso crescesse a taxa do estado como um todo. Em outras palavras, a taxa de crescimento do emprego nesses setores, para região Noroeste, foi menor do que a observada para o conjunto da

economia do estado. Apesar disso, o emprego total dessa região exibiu um crescimento maior do que o observado no estado, em razão da dinâmica de crescimento ocorrido nos demais setores.

Tabela 4 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Noroeste fluminense, 1987-1992.

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	-9,77	26,74	-1,35	15,62
I. minerais não metálicos	-103,48	161,27	72,19	129,98
I. metalúrgica	-42,48	-30,97	7,15	-66,30
I. mecânica	-4,59	-102,50	119,25	12,16
I. mat. elétrico/comunic.	-	-	-	-
I. material de transporte	-126,37	59,66	-2,20	-68,91
I. madeira e mobiliário	-65,61	-55,11	15,57	-105,15
I. papel e gráfica	-40,06	163,01	28,97	151,92
I. borracha, fumo, couro	-10,73	-35,88	62,27	15,66
I. química	-3,42	-2,25	6,59	0,93
I. têxtil	-65,92	82,57	36,51	53,16
I. calçados	0,24	-49,09	89,30	40,45
I. produtos alimentícios	-114,61	-1200,65	422,50	-892,76
Serviços utilidade pública	66,30	129,93	11,46	207,69
Construção civil	12,30	221,18	-29,92	203,56
Comércio varejista	-271,59	679,53	-14,04	393,90
Comércio atacadista	34,83	7,14	-1,16	40,81
Crédito, seguros.	-106,25	5,47	-1,00	-101,79
Com e administração	-12,29	263,45	-34,56	216,61
Transportes/comunic.	16,96	-101,25	36,36	-47,93
S. alojam., alimentação	-106,63	-1,54	0,33	-107,83
S. médicos, odontol.	217,94	61,92	4,35	284,21
Ensino	11,36	-182,77	102,51	-68,89
Administração pública	-544,29	1095,13	3456,44	4007,28
Agricultura	177,98	-70,51	200,50	307,97
Outros/ignorado	3685,86	-5686,64	2901,75	900,97
Total	0,00	5528,31	0,00	5528,31

Fonte: resultados da pesquisa.

Parte desse resultado está associado ao comportamento dinâmico, no estado, de alguns dos setores econômicos listados, com efeito estrutural positivo, como é o caso de indústria de calçados, serviços de utilidade pública, construção civil, comércio atacadista, transportes e comunicação, serviços médicos e odontológicos, ensino, agricultura e outros. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro.

Entretanto, deve-se ao predomínio do efeito competitivo a presença de variação líquida total para a maior parte dos setores considerados. Observa-se que o efeito competitivo foi positivo para a indústria extrativa mineral, de minerais não metálicos, de material de transporte, papel e gráfica, têxtil e para os serviços de utilidade pública, construção civil, comércio varejista, comércio atacadista, crédito, seguros, comércio e administração, médicos e odontológicos e administração pública. Esses resultados evidenciam que, no período, a região ofereceu condições para que os setores mencionados exibissem um crescimento superior ao observado no estado, para os mesmos setores, mostrando-se, portanto, especialmente vantajosa para o desenvolvimento dessas atividades.

Há que se destacar ainda o efeito alocação que, com exceção dos setores indústria extrativa mineral, indústria de material de transporte, construção civil, comércio varejista, comércio atacadista, crédito e seguros, mostrou-se positivo para todos os demais.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 5. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 5, pode-se observar que, a partir do setor número 10 (indústria química), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superam os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito competitivo e alocação, e, nos casos dos setores 17 (comércio atacadista), 22 (serviços médicos), 24 (administração pública) e 26 (outros), ao efeito proporcional.

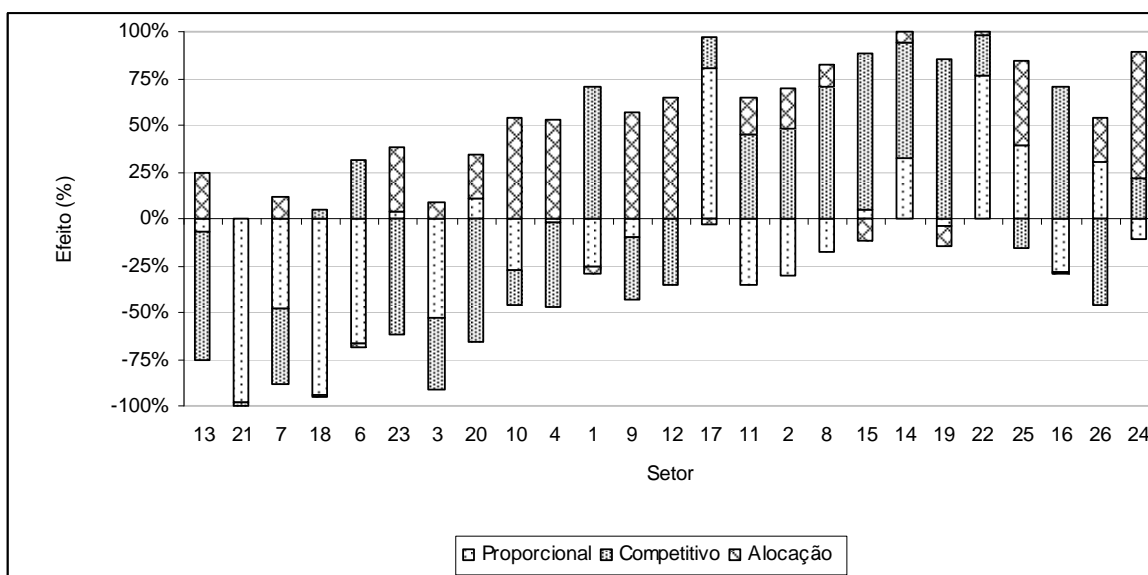


Figura 5 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Noroeste fluminense, 1987-1992.
Fonte: Dados da pesquisa

A análise da região Norte fluminense está representada pela Tabela 5 onde se encontram os valores da variação líquida total e a decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação.

A região Norte fluminense, no período, apresenta um equilíbrio entre os diferentes setores da economia. A variação líquida total mostrou-se negativa para a metade dos setores da região, com exceção da extrativa mineral, de material elétrico e comunicação, de material de transporte, indústria de calçados, serviço de utilidade pública, construção civil, comércio atacadista, além dos serviços transportes e comunicação, de alojamento e alimentação, médico e odontológico, agricultura e outros. A constatação de variação líquida total positiva para esses setores da economia indica dinâmica favorável de crescimento do emprego para os mencionados setores na região.

A análise dos demais setores mostra uma taxa de crescimento do emprego menor do que o teórico que utiliza o emprego no estado como referência. Diante disso, pode-se constatar que setores como indústria minerais não metálicos, indústria metalúrgica, indústria mecânica, indústria do mobiliário, papel e gráfica, couro, têxtil, química, produtos alimentícios, comércio varejista, créditos e seguros, comércio e administração, administração pública não foram capazes de gerar efeitos positivos no emprego suficientes para que seu

desempenho pudesse apoiar a promoção da região na superação de sua condição.

Tabela 5 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Norte fluminense, 1987-1992

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	-572,54	1823,26	223,08	1473,80
I. minerais não metálicos	-336,42	-343,73	49,88	-630,27
I. metalúrgica	-36,41	-21,95	-51,46	-109,82
I. mecânica	-254,77	17,32	4,63	-232,82
I. mat. elétrico/comunic.	-3,34	-730,53	787,71	53,83
I. material de transporte	-45,54	-317,67	405,77	42,56
I. madeira e mobiliário	-145,29	-90,26	10,23	-225,33
I. papel e gráfica	-97,53	-308,78	45,82	-360,48
I. borracha, fumo, couro	-32,48	-22,02	27,58	-26,92
I. química	-48,53	9,84	-18,94	-57,63
I. têxtil	-322,42	-40,14	-12,90	-375,46
I. calçados	1,35	9,53	2,41	13,29
I. produtos alimentícios	-709,42	-2775,32	623,69	-2861,04
Serviços utilidade pública	191,89	58,86	4,66	255,41
Construção civil	226,90	433,41	81,48	741,79
Comércio varejista	-911,81	-568,41	28,70	-1451,52
Comércio atacadista	63,71	144,25	34,89	242,85
Crédito, seguros.	-247,14	99,72	25,26	-122,15
Com e administração	-53,85	-456,41	0,15	-510,11
Transportes/comunic.	165,31	262,90	12,44	440,65
S. alojam., alimentação	-346,17	499,10	106,30	259,23
S. médicos, odontol.	450,03	-412,92	56,95	94,05
Ensino	51,11	131,18	132,69	314,98
Administração pública	-1141,82	-1682,72	-34,53	-2859,07
Agricultura	1299,86	-185,61	-244,20	870,05
Outros/ignorado	8789,61	-11341,98	5540,45	2988,08
Total	0,00	-2032,05	0,00	-2032,05

Fonte: resultados da pesquisa.

O efeito estrutural positivo somente aparece para as atividades econômicas da Indústria de calçados, serviços de utilidade pública, construção civil, comércio atacadista, transportes e comunicação, serviços médicos e odontológicos, ensino, agricultura e outros. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro.

O efeito competitivo foi positivo para atividade extrativa mineral, indústria mecânica, indústria química, de calçados, para os serviços de utilidade pública, construção civil, comércio atacadista, crédito e seguros, transporte e

comunicação, alojamento e alimentação, ensino. Esses resultados foram insuficientes para que, no período, a região oferecesse condições para que os setores da economia exibissem um crescimento superior ao observado no estado.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na figura 6. Nesta figura pode-se observar que, a partir do setor número 12 (indústria de Calçados), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superam os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito competitivo e alocação para os casos dos setores 1 (extrativa mineral), 4 (indústria mecânica), 12 (indústria de calçados), 14 (serviços de utilidade pública), 17 (comércio atacadista), 23 (ensino), 20 (transporte e comunicações), 15 (construção civil), 21 (alojamento e alimentação).

O emprego total da região Norte fluminense exibiu um crescimento menor do que o observado no estado. A causa da variação líquida total negativa está associada à intensa reorganização dos setores econômicos e à insuficiente dinâmica promovida pelos setores que apresentaram valores positivos de oferta de empregos.

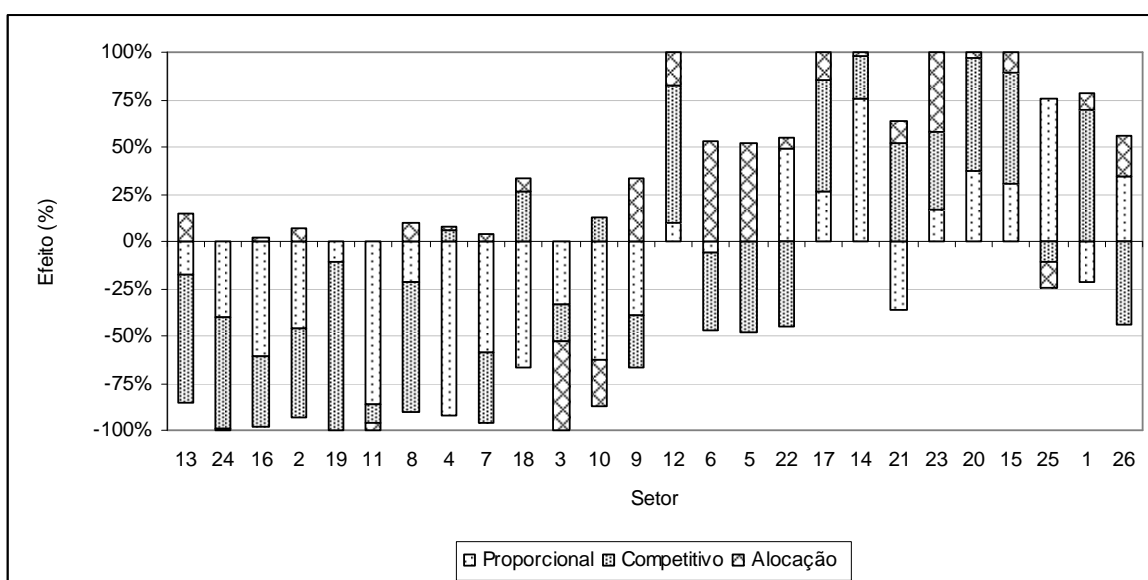


Figura 6 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Norte fluminense, 1987-1992.

Fonte: Dados da pesquisa

A análise da região Centro fluminense está apresentada na Tabela 6 que mostra os valores da variação líquida total e a decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação.

Na região, considerando o período em questão, constata-se que a maior parte dos setores da economia apresentou variação líquida total negativa, com exceção da indústria de calçados, da indústria de produtos alimentícios, do serviço de utilidade pública, da construção civil, do comércio varejista, do comércio atacadista, do comércio e administração, além dos serviços médicos e odontológicos, do ensino, da administração pública, da agricultura e de outros. Diante disso, pode-se afirmar que a taxa de crescimento do emprego nesses setores da região centro fluminense foi maior do que a observada para os referidos setores no conjunto da economia do estado.

Os setores com variação líquida total negativa, contrariamente aos citados acima, apresentaram menor oferta de emprego em relação ao crescimento teórico, uma vez que sua taxa de crescimento foi inferior à taxa total do emprego no estado.

Tabela 6 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Centro Fluminense, 1987-1992

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	-32,67	8,28	-0,40	-24,79
I. minerais não metálicos	-499,06	467,04	20,31	-11,72
I. metalúrgica	-404,67	-890,18	243,87	-1050,99
I. mecânica	-56,62	-44,24	99,12	-1,74
I. mat. elétrico/comunic.	-46,28	23,09	9,54	-13,66
I. material de transporte	-776,05	-342,60	102,71	-1015,93
I. madeira e mobiliário	-82,64	27,90	2,81	-51,92
I. papel e gráfica	-46,87	33,51	2,75	-10,60
I. borracha, fumo, couro	-259,54	44,26	3,83	-211,44
I. química	-329,13	-38,55	3,28	-364,40
I. têxtil	-1700,34	885,16	-113,76	-928,94
I. calçados	0,88	13,67	5,84	20,40
I. produtos alimentícios	-212,16	515,24	9,14	312,21
Serviços utilidade pública	63,90	86,27	-10,74	139,44
Construção civil	91,03	61,04	-2,33	149,74
Comércio varejista	-642,05	756,66	27,09	141,70
Comércio atacadista	48,73	269,57	382,96	701,27
Crédito, seguros.	-169,06	109,20	16,63	-43,23
Com e administração	-18,69	288,39	179,19	448,89
Transportes/comunic.	76,28	-123,19	10,53	-36,38

S. alojam., alimentação	-209,40	-5,72	-0,03	-215,14
S. médicos, odontol.	230,62	-193,37	43,11	80,36
Ensino	48,77	88,03	6,48	143,28
Administração pública	-965,64	1926,15	2157,93	3118,44
Agricultura	614,95	2,50	48,84	666,28
Outros/ignorado	8338,01	-15261,65	8368,61	1444,97
Total	0,00	3386,09	0,00	3386,09

Fonte: resultados da pesquisa.

O baixo comportamento dinâmico dos setores econômicos da mesorregião centro fluminense é explicado a partir da contribuição do efeito proporcional ou estrutural negativo, com exceção do setor de indústria de calçados, serviços de utilidade pública, construção civil, comércio atacadista, transportes e comunicação, serviços médicos e odontológicos, ensino, agricultura e outros. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro.

Quanto ao efeito competitivo identifica-se a presença de dinâmica negativa para pequena parte dos setores econômicos analisados. Observa-se que o efeito competitivo foi positivo para a indústria extrativa mineral, de minerais não metálicos, de material elétrico e comunicações, madeira e mobiliário, papel e gráfica, borracha fumo e couro, têxtil, calçados, produtos alimentícios e para os serviços de utilidade pública, construção civil, comércio varejista, comércio atacadista, crédito, seguros, comércio e administração, ensino, administração pública e agricultura. Esses resultados evidenciam que, no período, a região ofereceu condições para que os setores mencionados exibissem um crescimento superior ao observado no estado, para os mesmos setores, mostrando-se, portanto, especialmente vantajosa para o desenvolvimento dessas atividades.

Deve-se destacar que o efeito alocação, com exceção dos setores indústria extrativa mineral, indústria têxtil, serviço de utilidade pública, construção civil, alojamento e alimentação, mostrou-se positivo para todos os demais.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 7. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 7, pode-se observar que, a partir do setor número 12 (indústria de calçados), todos

os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superam os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito competitivo e alocação, e, nos casos dos setores 12 (indústria de calçados), 17 (comércio atacadista), 19 (comércio e administração de imóveis), 26 (outros) e 24 (administração pública e autárquica), ao efeito proporcional.

O emprego total da região Norte fluminense exibe um crescimento maior do que o observado no estado. Portanto, o efeito positivo da variação líquida total está associado à intensa dinâmica promovida por parte dos setores que apresentaram valores positivos de oferta de empregos.

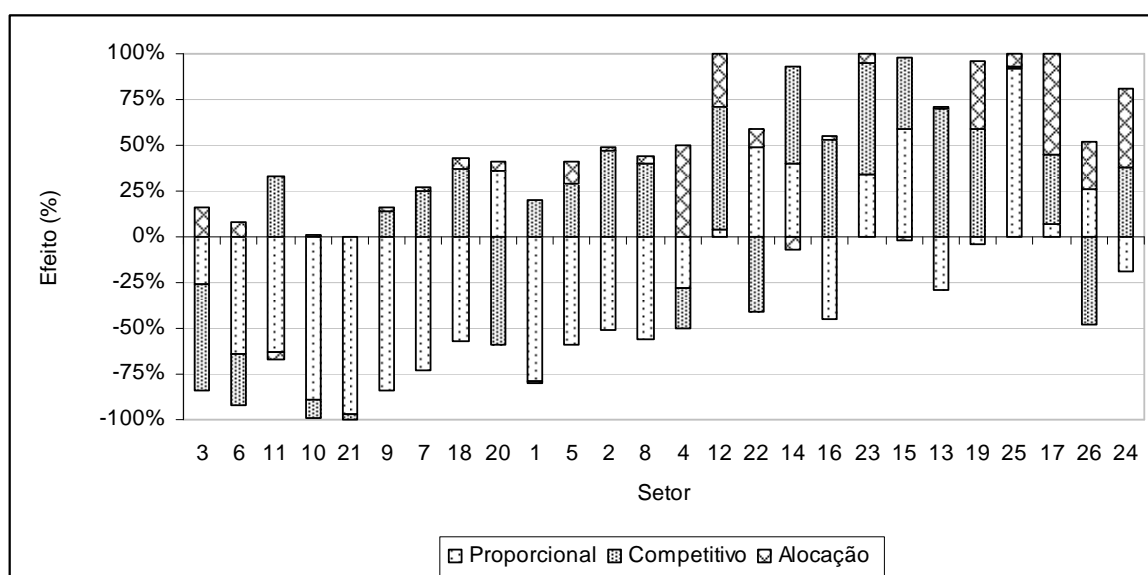


Figura 7 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Centro fluminense, 1987-1992.
Fonte: Dados da pesquisa

A região Baixadas litorâneas está apresentada na Tabela 7, onde se encontram os valores da variação líquida total e sua decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação.

A região, no período, mostra variação líquida total positiva para a maior parte dos setores da região, com exceção da indústria de minerais não metálicos, indústria mecânica, indústria da madeira e mobiliário, indústria borracha fumo e couro, indústria química. Somente, esses setores, contrariamente aos demais, apresentaram variação líquida total negativa. Pode-se destacar que 20 (vinte) dos 26 (vinte e seis) subsectores analisados apresentaram taxa de crescimento do

emprego maior do que a observada para o conjunto da economia do estado. Diante disso, constata-se maior dinamismo da região baixadas em relação ao conjunto dos empregos criados pelo total no estado fluminense.

Tabela 7 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Baixadas, 1987-1992

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	-133,72	166,81	-13,30	19,78
I. minerais não metálicos	-97,45	30,41	-0,49	-67,53
I. metalúrgica	-6,20	5,04	12,78	11,63
I. mecânica	-13,77	-14,89	22,13	-6,53
I. mat. elétrico/comunic.	-0,53	-395,11	418,93	23,29
I. material de transporte	-7,21	-219,39	248,43	21,83
I. madeira e mobiliário	-82,41	-80,76	22,15	-141,02
I. papel e gráfica	-2,24	-50,52	112,56	59,79
I. borracha, fumo, couro	-23,44	-10,09	29,53	-4,00
I. química	-320,24	-183,95	41,79	-462,41
I. têxtil	-21,69	-42,20	97,81	33,93
I. calçados	0,14	-43,74	72,47	28,87
I. produtos alimentícios	-16,41	80,31	3,21	67,10
Serviços utilidade pública	46,78	156,45	40,25	243,48
Construção civil	51,45	226,50	-9,14	268,81
Comércio varejista	-417,97	1007,39	27,11	616,54
Comércio atacadista	24,68	158,74	11,33	194,76
Crédito, seguros.	-90,75	139,30	4,94	53,49
Com e administração	-15,80	280,45	-20,54	244,11
Transportes/comunic.	22,54	172,42	-28,83	166,14
S. alojam., alimentação	-162,40	597,58	-24,53	410,65
S. médicos, odontol.	124,75	-69,55	19,57	74,76
Ensino	28,81	82,17	-5,74	105,25
Administração pública	-961,38	2583,46	771,89	2393,97
Agricultura	289,68	-72,90	-31,03	185,74
Outros/ignorado	8527,29	-10982,81	3905,99	1450,47
Total	0,00	5992,90	0,00	5992,90

Fonte: resultados da pesquisa.

O resultado está associado ao comportamento dinâmico de alguns dos setores econômicos identificados a seguir, com efeito estrutural positivo, como é o caso de indústria de calçados, serviços de utilidade pública, construção civil, comércio atacadista, transportes e comunicação, serviços médicos e odontológicos, ensino, agricultura e outros. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro.

Observa-se que o efeito competitivo foi positivo para a indústria extrativa mineral, de minerais não metálicos, metalúrgica, de produtos alimentícios, e para os serviços de utilidade pública, construção civil, comércio varejista, comércio atacadista, crédito, seguros, comércio e administração, médicos e odontológicos, transporte e comunicação, alojamento e alimentação, ensino e administração pública. Esses resultados evidenciam que, no período, a região ofereceu condições para que os setores mencionados exibissem um crescimento superior ao observado no estado, para os mesmos setores, mostrando-se, portanto, especialmente vantajosa para o desenvolvimento dessas atividades.

O efeito alocação, para maior parte dos subsetores da região, mostrou-se positivo, sendo o impulsionador da economia, com exceção do setor indústria extrativa mineral, indústria de minerais não metálicos, indústria da madeira do mobiliário, indústria do fumo borracha, indústria química.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 8. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 8, pode-se observar que, a partir do setor número 9 (indústria borracha fumo e couro), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superam os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito competitivo e alocação dos setores 22 (serviços médicos), 23 (ensino), 20 (transporte e comunicação), 25 (agricultura), 17 (comércio atacadista), 14 (serviço de utilidade pública), 15 (construção civil), e 26 (outros), e, nos casos dos setores, 5 (indústria de material elétrico), 6 (indústria de material de transporte), 24 (administração pública), 25 (agricultura) e 26 (outros) ao efeito proporcional.

O emprego total da região baixadas litorâneas exibe um crescimento maior do que o observado no estado. Portanto, o efeito positivo da variação líquida total está associado ao conjunto de relevantes contribuições promovidas por parte dos setores analisados que apresentaram oferta de empregos gerando, com isso, encadeamentos internos que combinados promoveram a economia da região.

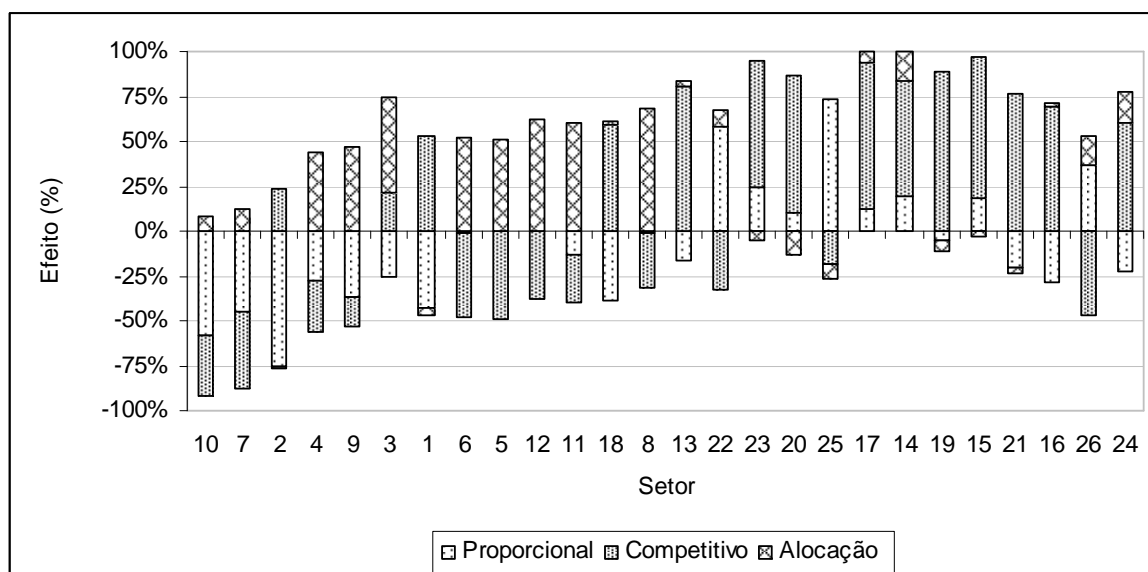


Figura 8 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Baixadas, 1987-1992.

Fonte: Dados da pesquisa

A região Sul fluminense está apresentada na Tabela 8, onde se encontram os valores da variação líquida total e os efeitos proporcional, competitivo e alocação.

A região, no período, mostrou variação líquida total negativa para a maior parte dos setores da região, com exceção da indústria metalúrgica, da indústria material elétrico comunicação, da indústria da madeira e mobiliário, da indústria de calçados, do serviço de utilidade pública, dos serviços médicos e odontológicos, da administração pública, da agricultura e de outros.

Os 17 (dezessete) setores com variação líquida negativa forçaram a economia da referida região para uma condição desfavorável em relação ao estado do Rio de Janeiro. Dessa forma, pode-se inferir que a região Sul fluminense apresenta taxa de crescimento de emprego menor do que o total do estado. Em outras palavras, os setores não foram capazes de gerar elementos internos favoráveis como forma de promover a economia da região.

O emprego total da região Sul fluminense exibiu um crescimento menor do que o observado no estado, em razão dos valores negativos ocorridos nos setores de extrativa mineral, indústria não metálicos, mecânica, material de transporte, papel e gráfica, couro, química, têxtil, produtos alimentícios, construção civil, comércio varejista e atacadista, créditos e seguros, comércio e administração, comunicação e transporte, alojamento e alimentação, ensino.

Tabela 8 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Sul Fluminense, 1987-1992

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	-26,70	-22,34	-15,46	-64,50
I. minerais não metálicos	-6104,27	-1710,59	428,24	-7386,62
I. metalúrgica	-1264,89	2730,77	689,12	2155,00
I. mecânica	-579,93	-4,38	-0,60	-584,91
I. mat. elétrico/comunic.	-6,16	-23235,10	23950,63	709,37
I. material de transporte	-2392,65	-1315,23	406,46	-3301,41
I. madeira e mobiliário	-51,08	-427,23	671,99	193,68
I. papel e gráfica	-214,62	-255,20	9,24	-460,59
I. borracha, fumo, couro	-390,30	63,83	302,64	-23,82
I. química	-696,02	-57,98	-5,49	-759,50
I. têxtil	-912,72	-169,57	-19,06	-1101,35
I. calçados	0,49	-80,65	130,15	49,99
I. produtos alimentícios	-215,37	-1225,38	205,65	-1235,10
Serviços utilidade pública	314,36	42,19	4,95	361,50
Construção civil	672,33	-8519,45	2790,20	-5056,92
Comércio varejista	-1488,37	508,00	61,10	-919,27
Comércio atacadista	98,74	-97,16	-12,53	-10,96
Crédito, seguros.	-309,01	93,89	99,75	-115,37
Com e administração	-110,53	-3017,09	369,71	-2757,92
Transportes/comunic.	205,79	-1056,06	18,98	-831,29
S. alojam., alimentação	-865,23	-575,44	-40,19	-1480,86
S. médicos, odontol.	713,38	487,20	749,53	1950,11
Ensino	72,16	-140,67	-10,23	-78,74
Administração pública	-2126,04	1920,12	2035,42	1829,50
Agricultura	1034,73	-575,95	-32,55	426,24
Outros/ignorado	16938,35	-14001,25	4738,46	7675,56
Total	0,00	-10818,19	0,00	-10818,19

Fonte: resultados da pesquisa.

O efeito proporcional ou estrutural de alguns dos setores econômicos da mesorregião sul fluminense mostrou-se positivo, como é o caso de indústria de calçados, serviços de utilidade pública, construção civil, comércio atacadista, transportes e comunicação, serviços médicos e odontológicos, ensino, agricultura e outros. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro, o que evidencia um dinamismo para os referidos setores.

A preponderância do efeito competitivo deve-se a 20 (vinte) subsetores que apresentaram variação líquida total negativa, o que representa a maior parte

dos setores considerados. Observa-se que o efeito competitivo foi positivo somente para a indústria metalúrgica, de borracha fumo e couro, e para os serviços de utilidade pública, comércio varejista, crédito seguros, serviço médico odontológico, administração pública. Esse resultado evidencia que, no período, a região não ofereceu condições para que os demais setores exibissem um crescimento superior ao observado no estado, para os mesmos setores, mostrando-se, portanto, em desvantagem competitiva para o desenvolvimento de grande parte das atividades.

Deve-se destacar que o efeito alocação, com exceção dos setores extrativa mineral, indústria mecânica, indústria química, indústria têxtil, comércio atacadista, serviço de alojamento e alimentação, ensino, agricultura, mostrou-se positivo para todos os demais.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 9. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 9, pode-se observar que, a partir do setor número 12 (indústria de calçados), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superaram os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito competitivo e alocação, e, nos casos dos setores 3 (indústria metalúrgica), 9 (indústria borracha fumo e couro), 14 (serviço de utilidade pública), 16 (comércio varejista), 21 (créditos e seguros), 22 (serviços médicos e odontológicos) e 24 (administração pública e autárquica) e 26 (outros) somente para o efeito alocação.

A região Sul fluminense mostrou variação líquida total negativa. Dessa forma, a região apresentou menor oportunidade de emprego do que o total do emprego no estado do Rio de Janeiro.

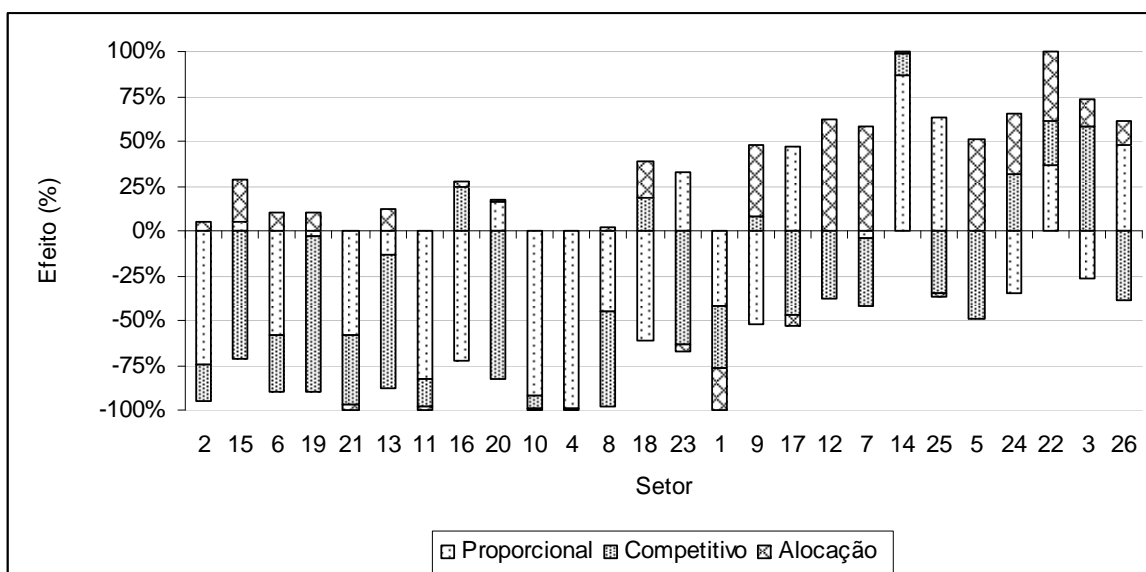


Figura 9 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Sul fluminense, 1987-1992.

Fonte: Dados da pesquisa

A região Metropolitana fluminense está apresentada na Tabela 9 onde estão dispostos os valores da variação líquida total e a decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação.

A região, no período, mostrou variação líquida total negativa para 18 (dezoito) setores da região, com exceção da indústria de produtos alimentícios, do serviço de utilidade pública, construção civil, comércio atacadista, transportes e comunicações, dos serviços médicos e odontológicos, da agricultura e de outros.

A variação líquida negativa exibida pela maioria dos setores mostra que o crescimento na região metropolitana foi menor do que o crescimento teórico, que seria obtido caso crescesse a taxa do estado como um todo. Pode-se inferir que a referida região não apresenta, no período em análise, elementos suficientes para a ascensão de sua economia interna, portanto, a contribuição do emprego nos setores foi inferior do que a observada para o conjunto da economia do estado. Pode-se constatar que os setores ligados a indústria, comércio varejista, créditos e seguros, comércio e administração, alojamento e alimentação, administração pública, historicamente promotores da economia apresentaram variação líquida total negativa o que foi decisivo para a situação de desaquecimento da economia.

Tabela 9 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Metropolitana, 1987-1992

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	-645,55	-2397,85	202,54	-2840,86
I. minerais não metálicos	-5441,41	515,33	310,15	-4615,94
I. metalúrgica	-4530,03	-2765,18	71,01	-7224,20
I. mecânica	-11278,11	-98,39	2,55	-11373,95
I. mat. elétrico/comunic.	-4476,41	-885,91	51,77	-5310,55
I. material de transporte	-11156,09	874,87	99,17	-10182,04
I. madeira e mobiliário	-4464,58	-98,86	1,57	-4561,87
I. papel e gráfica	-3303,06	217,89	0,75	-3084,42
I. borracha, fumo, couro	-14870,81	-483,67	17,70	-15336,77
I. química	-13036,32	246,46	-0,79	-12790,65
I. têxtil	-17744,10	-703,56	-0,86	-18448,52
I. calçados	62,43	-156,36	6,46	-87,46
I. produtos alimentícios	-2483,62	2928,60	413,03	858,01
Serviços utilidade pública	8368,14	-527,61	3,32	7843,85
Construção civil	6297,14	4521,45	225,57	11044,16
Comércio varejista	-24748,90	-2527,23	14,09	-27262,04
Comércio atacadista	2977,14	-912,26	14,22	2079,10
Crédito, seguros.	-12510,92	-603,16	9,99	-13104,08
Com e administração	-2924,84	2138,89	8,37	-777,59
Transportes/comunic.	4160,21	792,35	3,34	4955,90
S. alojam., alimentação	-16420,66	-558,63	2,76	-16976,53
S. médicos, odontol.	10527,94	-765,20	18,42	9781,16
Ensino	3634,49	-204,63	0,97	3430,83
Administração pública	-65840,54	-14718,07	488,79	-80069,82
Agricultura	3428,24	1448,59	-487,68	4389,15
Outros/ignorado	155789,01	24521,62	7297,46	187608,09
Total	0,00	-2057,05	0,00	-2057,05

Fonte: resultados da pesquisa.

O comportamento dinâmico de alguns dos setores econômicos da mesorregião metropolitana fluminense é explicado a partir dos resultados, no estado, do efeito proporcional ou estrutural positivo, como é o caso de indústria de calçados, serviços de utilidade pública, construção civil, comércio atacadista, transportes e comunicação, serviços médicos e odontológicos, ensino, agricultura e outros. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro.

Observa-se que o efeito competitivo foi positivo para um pequeno grupo de setores, identificados a seguir, indústria metalúrgica, de material de transporte, indústria de papel e gráfica, indústria química, indústria de produtos alimentícios,

construção civil, comércio e administração, transporte e comunicação, agricultura. Os resultados desses setores foram insuficientes para promover a região e, portanto, no período, essa não ofereceu condições para que grande parte dos setores exibisse um crescimento superior ao observado no estado. Diante disso, a região mostrou-se em desvantagem para o efeito competitivo quando a comparamos com o conjunto dos setores do estado.

Deve-se destacar que o efeito alocação, com exceção dos setores, indústria química, indústria têxtil, agricultura, mostrou-se positivo para todas as demais atividades econômicas.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 10. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 10, pode-se observar que, a partir do setor número 13 (indústria de alimentos), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superam os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito proporcional, e, nos casos dos setores 25 (agricultura), 20 (transporte e comunicação), 15 (construção civil), somente para o efeito competitivo.

O emprego total da região Metropolitana fluminense exibiu um crescimento menor do que o observado no estado, em razão dos valores negativos exibidos nos setores internos de sua economia. Ainda pode-se inferir que a economia metropolitana não foi capaz de produzir efeitos suficientes para sustentar sua posição histórica de catalizadora dos empregos no estado fluminense. Diante disso, verificou-se a tendência de perda de centralidade da região como polarizadora do emprego.

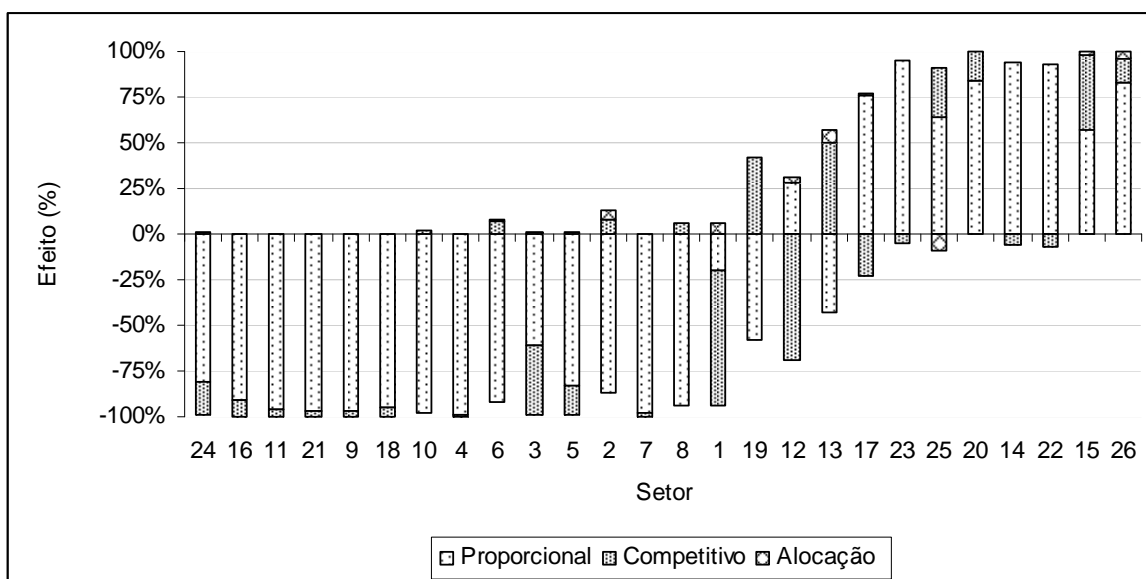


Figura 10 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Metropolitana fluminense, 1987-1992.
Fonte: Dados da pesquisa

A decomposição do efeito alocação nos componentes especialização e vantagem competitiva permitiu classificar os diversos setores, conforme definições apresentadas no Quadro 1.

No Quadro 2, que apresenta a classificação resultante, pode-se constatar que houve alta variabilidade em relação à vantagem competitiva ou desvantagem competitiva, especializada ou não especializada, do efeito alocação entre as mesorregiões fluminenses.

A mesorregião noroeste fluminense apresentou, no período de 1987 a 1992, vantagem competitiva especializada para 11 (onze) subsetores da produção, e, vantagem competitiva não especializada para 8 (oito) subsetores da economia. Isto coloca a região noroeste em posição favorável para o avanço dos sistemas produtivos apontados.

A mesorregião norte fluminense apresentou, no período de 1987 – 1992, vantagem competitiva especializada para 13 (treze) subsetores da economia, e, desvantagem competitiva especializada para 5 (cinco) subsetores e desvantagem não especializada para 8 (oito) subsetores. A resposta ao efeito alocação de 50 % dos setores com vantagem competitiva especializada mostra que a região cresce nos referidos setores mais do que o estado.

A mesorregião centro fluminense apresentou, no período de 1987 – 1992, vantagem competitiva especializada para 15 (quinze) setores da economia, e, vantagem competitiva não especializada para 4 (quatro) setores. Ainda, desvantagem competitiva especializada para 1 (um) setor e desvantagem competitiva não especializada para 6 (seis) subsetores. Diante disso, pode-se constatar que a região centro fluminense possui 58% dos setores da economia que apresentaram maior vantagem competitiva especializada do que o estado.

A mesorregião baixadas litorâneas apresentou, no período de 1987 – 1992, vantagem competitiva especializada para 14 (quatorze) setores da economia, e, vantagem competitiva não especializada para 7 (sete) setores. Ainda, desvantagem competitiva especializada para 1 (um) setor e desvantagem competitiva não especializada para 4 (quatro) subsetores. Diante disso, pode-se constatar que a região baixadas mostra que 54% dos setores da economia apresentaram maior vantagem competitiva especializada do que o estado.

Quadro 2 – Classificação das atividades econômicas, por região, com base nos componentes do efeito alocação, período 1987 a 1992.

Vantagem competitiva		Desvantagem competitiva	
Especializada	Não especializada	Especializada	Não especializada
Região Noroeste Fluminense			
I. minerais não metálicos I. mecânica I. papel e gráfica I. borracha, fumo, couro I. química I. têxtil I. calçados Serviços utilidade pública S. médicos, odontol. Administração pública Agricultura	I. mat. elétrico/comunic. I. extrativa mineral I. material de transporte Construção civil Comércio varejista Comércio atacadista Crédito, seguros. Com e administração		I. metalúrgica I. madeira e mobiliário I. produtos alimentícios Transportes/comunic. S. alojam., alimentação Ensino Outros/ignorado
Região Norte Fluminense			
I. extrativa mineral I. mecânica I. mat. elétrico/comunic. I. material de transporte I. borracha, fumo, couro I. calçados Serviços utilidade pública Construção civil Comércio atacadista Crédito, seguros. Transportes/comunic. S. alojam., alimentação. Ensino		I. metalúrgica I. química I. têxtil Administração pública Agricultura	I. minerais não metálicos I. madeira e mobiliário I. papel e gráfica I. produtos alimentícios Comércio varejista Com e administração S. médicos, odontol. Outros/ignorado
Região Centro Fluminense			
I. minerais não metálicos I. mecânica I. mat. elétrico/comunic. I. madeira e mobiliário	I. extrativa mineral I. têxtil Serviços utilidade pública Construção civil	S. alojam., alimentação	I. metalúrgica I. material de transporte I. química Transportes/comunic.

I. papel e gráfica I. borracha, fumo, couro I. calçados I. produtos alimentícios Comércio varejista Comércio atacadista Crédito, seguros. Com e administração Ensino Administração pública Agricultura			S. médicos, odontol. Outros/ignorado
Região Baixadas			
I. metalúrgica I. mecânica I. mat. elétrico/comunic. I. material de transporte I. papel e gráfica I. borracha, fumo, couro I. têxtil I. calçados I. produtos alimentícios Serviços utilidade pública Comércio varejista Comércio atacadista Crédito, seguros. Administração pública	I. Extrativa mineral I. minerais não metálicos Construção civil Com e administração Transportes/comunic. S. alojam., alimentação Ensino	Agricultura	I. madeira e mobiliário I. química S. médicos, odontol. Outros/ignorado
Região Sul Fluminense			
I. metalúrgica I. mat. elétrico/comunic. I. madeira e mobiliário I. borracha, fumo, couro I. calçados Serviços utilidade pública Comércio varejista Crédito, seguros. S. médicos, odontol. Administração pública		I. extrativa mineral I. mecânica I. química I. têxtil Comércio atacadista S. alojam., alimentação Ensino Agricultura	I. minerais não metálicos I. material de transporte I. papel e gráfica I. produtos alimentícios Construção civil Com e administração Transportes/comunic. Outros/ignorado
Região Metropolitana Fluminense			
I. minerais não metálicos I. material de transporte I. papel e gráfica I. produtos alimentícios Construção civil Com e administração Transportes/comunic. Outros/ignorado	I. química Agricultura	I. têxtil	I. extrativa mineral I. metalúrgica I. mecânica I. mat. elétrico/comunic. I. madeira e mobiliário I. borracha, fumo, couro I. calçados Serviços utilidade pública Comércio varejista Comércio atacadista Crédito, seguros. S. alojam., alimentação S. médicos, odontol. Ensino Administração pública

Fonte: Dados da pesquisa

A mesorregião sul fluminense apresentou, no período de 1987 – 1992, vantagem competitiva especializada para 10 (dez) setores da economia, e, ainda, desvantagem competitiva especializada para 8 (oito) setores e desvantagem

competitiva não especializada para 8 (oito) subsetores. Diante disso, pode-se constatar que a região sul fluminense mostra que 38% dos setores da economia apresentaram maior crescimento do que o estado.

A mesorregião metropolitana fluminense apresentou, no período de 1987 – 1992, vantagem competitiva especializada para 8 (oito) setores da economia, e, e, vantagem competitiva não especializada para 2 (dois) setores. Ainda, desvantagem competitiva especializada para 1 (um) setor e desvantagem competitiva não especializada para 15 (quinze) subsetores. Diante disso, pode-se constatar que a região metropolitana fluminense mostra que 31% dos setores da economia apresentaram maior vantagem competitiva especializada do que o estado.

4.1.2. Período de 1992 a 1999

Nesta seção será exibida a análise das mesorregiões fluminenses para o período de 1992 – 1999 por meio de tabelas e figuras onde serão visualizados os setores da economia, bem como os valores da variação líquida total e sua decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação e ainda os comentários resultantes da aplicação metodológica deste segundo período.

A região Noroeste fluminense está apresentada na Tabela 10, nesse período, a variação líquida total mostrou-se positiva para 20 (vinte) setores o que evidencia a potencialidade da região. Identifica-se com variação líquida negativa o setor de indústria de material elétrico comunicação, indústria de papel e gráfica, indústria de calçados, serviços de utilidade pública, créditos, seguros e outros. Esses setores cresceram menos do que o crescimento teórico, que seria obtido caso crescesse a taxa do estado como um todo.

A região Noroeste fluminense apresenta taxa de crescimento do emprego maior do que a do estado em suas atividades produtivas. Verifica-se que 77% dos setores analisados dessa região exibiram crescimento maior do que o conjunto da economia do estado. Embora, seja uma região com baixa contribuição no estoque de empregos em relação ao total do estado, os setores econômicos exibiram um desempenho positivo e setores como a agricultura, indústria de produtos alimentícios, indústria da madeira e indústria de material de transporte são promotores da economia interna da mesorregião.

Tabela 10 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Noroeste fluminense, 1992-1999

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	-41,02	-796,91	1217,79	379,86
I. minerais não metálicos	-264,78	124,00	451,25	310,48
I. metalúrgica	-2,11	125,26	-0,11	123,04
I. mecânica	-6,70	-358,71	463,21	97,80
I. mat. elétrico/comunic.	-3,09	28,03	-29,97	-5,04
I. material de transporte	-131,24	32,14	226,12	127,03
I. madeira e mobiliário	-41,28	54,01	80,95	93,68
I. papel e gráfica	-149,06	31,37	-5,57	-123,26
I. borracha, fumo, couro	-25,96	-47,43	82,97	9,58
I. química	-3,18	107,06	-81,05	22,84
I. têxtil	-85,46	-144,89	671,50	441,15
I. calçados	-39,65	-16,34	5,53	-50,46
I. produtos alimentícios	-3,30	305,66	531,04	833,40
Serviços utilidade pública	-108,53	11,40	-2,39	-99,52
Construção civil	-43,15	256,69	180,17	393,71
Comércio varejista	1388,97	825,89	-56,11	2158,75
Comércio atacadista	55,74	-12,79	3,22	46,18
Crédito, seguros.	-150,98	-23,98	5,88	-169,08
Com e administração	510,61	868,80	-436,62	942,79
Transportes/comunic.	87,56	80,72	-47,21	121,07
S. alojam., alimentação	-305,14	466,43	-86,02	75,27
S. médicos, odontol.	1370,73	-277,09	-5,72	1087,92
Ensino	93,86	4658,50	-3860,82	891,54
Administração pública	901,48	337,85	-37,63	1201,69
Agricultura	446,58	-3630,10	4986,80	1803,27
Outros/ignorado	-1917,14	-2,26	-0,76	-1920,16
Total	0,00	8793,51	0,00	8793,51

Fonte: resultados da pesquisa.

Parte desse resultado está associada ao comportamento dinâmico, no estado, de alguns dos setores econômicos listados, com efeito estrutural positivo, como é o caso de comércio varejista, comércio atacadista, comércio e administração, transportes e comunicação, serviços médicos e odontológicos, ensino, administração pública, agricultura. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro.

Observa-se que o efeito competitivo foi positivo para a indústria de minerais não metálicos, metalúrgica, materiais elétrico e comunicação, materiais transporte, madeira e mobiliário, papel e gráfica, química, de produtos

alimentícios, e para os serviços de utilidade pública, construção civil, comércio varejista, comércio e administração, transportes e comunicação, alojamento e alimentação, ensino e administração pública. Esses resultados evidenciam que, no período, os 16 (dezesesseis) setores ofereceram, na região, condições para que o emprego exibisse um crescimento superior ao observado no estado, para os mesmos setores, o que é um fator impulsionador para o desenvolvimento dessas atividades.

Pode-se destacar que o efeito alocação, com exceção dos setores, indústria de metalúrgica, do material elétrico e comunicação, papel e gráfica, indústria química, serviço de utilidade pública, comércio varejista, comércio e administração, transportes e comunicação, alojamento, alimentação, médicos e odontológicos, ensino, administração pública e outros, mostrou-se positivo para todos os demais.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 11. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 11, pode-se observar que, a partir do setor número 9 (indústria borracha fumo e couro), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superam os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito proporcional nos setores 17 (comércio atacadista), 20 (transporte e comunicação) 19 (comércio e administração de imóveis) 22 (serviços médicos), 24 (administração pública), 16 (comércio varejista) e ao efeito competitivo e alocação dos setores 7 (indústria de madeira e do mobiliário), 6 (indústria do material de transporte), 2 (indústria de minerais não metálicos), 15 (construção civil) e 13 (indústria de alimentos bebidas), e, nos casos dos setores, 4 (indústria mecânica), 1 (extrativa mineral), 11 (indústria têxtil, vestuário e artefatos de tecidos), 25 (agricultura) para o efeito alocação.

A mesorregião Noroeste fluminense exibiu uma taxa de crescimento no emprego maior do que o estado. Portanto, pode-se inferir que investimentos nos setores identificados com os efeitos competitivo e alocação positivos terão vantagem econômica.

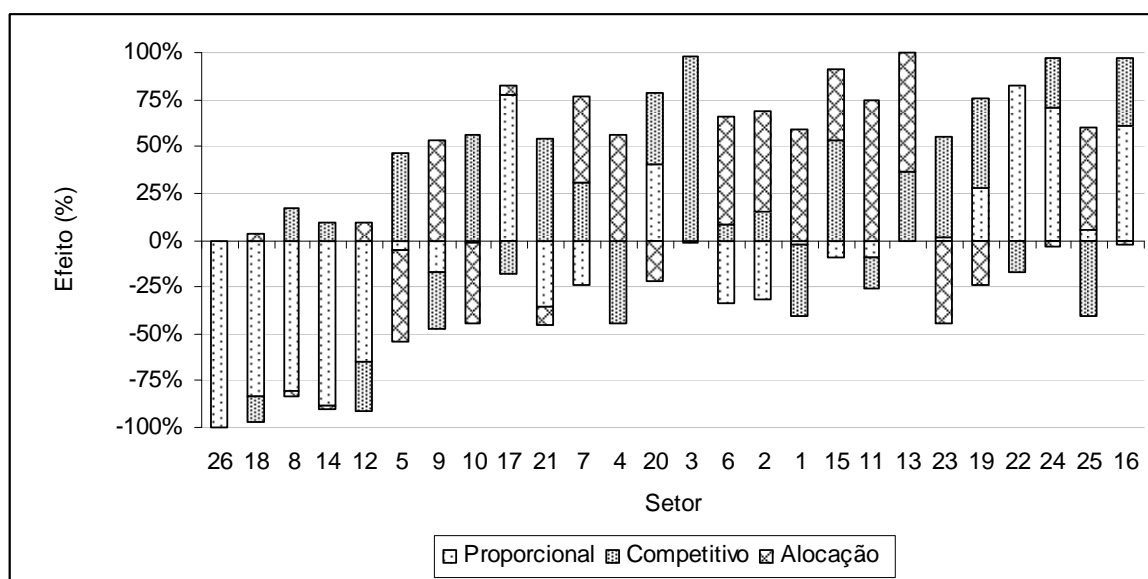


Figura 11 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Noroeste fluminense, 1992-1999.
Fonte: Dados da pesquisa

A região Norte fluminense está apresentada na Tabela 11 onde se encontram os valores da variação líquida total e sua decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para o segundo dos três períodos analisados.

A região, no período em questão, mostra variação líquida total positiva para a maior parte dos setores da região, com exceção da indústria extrativa mineral, de material elétrico de comunicação, material de transporte, de papel e gráfica, têxtil, de calçados, produtos alimentícios, serviços de utilidade pública, créditos, seguros, alojamento e alimentação, e outros. Esses setores, opostamente aos demais, apresentaram variação líquida total negativa, uma vez que cresceram menos do que o crescimento teórico, que seria obtido caso crescesse a taxa do estado como um todo.

A região Norte fluminense mostra que os 15 (quinze) setores que apresentaram condições favoráveis de crescimento do emprego são fortes encadeadores da economia, pois, o emprego total dessa região exibiu um crescimento maior do que o observado no estado, em razão do crescimento ocorrido nestes setores.

Tabela 11 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Norte fluminense, 1992-1999

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	-2574,58	-2174,51	691,69	-4057,40
I. minerais não metálicos	-337,80	-3672,55	5604,58	1594,23
I. metalúrgica	-1,32	-4099,76	5073,86	972,77
I. mecânica	-107,46	99,93	28,40	20,87
I. mat. elétrico/comunic.	-43,93	-0,70	1,03	-43,60
I. material de transporte	-85,42	-3,04	18,17	-70,28
I. madeira e mobiliário	-93,41	91,25	17,16	15,00
I. papel e gráfica	-187,28	-524,75	190,42	-521,61
I. borracha, fumo, couro	-39,97	-837,09	992,42	115,35
I. química	-33,25	74,87	3,70	45,31
I. têxtil	-256,38	88,30	-0,48	-168,56
I. calçados	-66,82	10,71	2,33	-53,77
I. produtos alimentícios	-29,07	-7622,15	2784,36	-4866,85
Serviços utilidade pública	-243,74	-484,26	149,84	-578,16
Construção civil	-459,93	622,06	-15,15	146,98
Comércio varejista	3505,40	2777,39	532,91	6815,70
Comércio atacadista	115,63	590,20	467,09	1172,92
Crédito, seguros.	-375,35	-309,08	70,32	-614,11
Com e administração	1551,13	2796,92	-640,03	3708,02
Transportes/comunic.	990,10	-193,05	27,18	824,23
S. alojam., alimentação	-1079,68	375,65	-50,69	-754,72
S. médicos, odontol.	2120,89	668,39	196,22	2985,50
Ensino	1508,77	1344,78	-501,92	2351,63
Administração pública	647,18	2808,90	4821,17	8277,24
Agricultura	1858,53	-1076,82	2706,78	3488,49
Outros/ignorado	-5417,13	-5,35	-2,19	-5424,67
Total	0,00	15380,48	0,00	15380,48

Fonte: resultados da pesquisa

Parte desse resultado está associada ao comportamento dinâmico, no estado, de alguns dos setores econômicos listados, com efeito estrutural positivo, como é o caso de comércio varejista, comércio atacadista, comércio e administração, transportes e comunicação, serviços médicos e odontológicos, ensino, administração pública, agricultura. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro.

Observa-se que o efeito competitivo foi positivo para a indústria mecânica, madeira e mobiliário, química, têxtil, calçados, construção civil, comércio varejista, comércio e administração, para os serviços de alojamento e

alimentação, médicos e odontológicos, ensino e administração pública. Esses resultados evidenciam que, no período, a região ofereceu condições para que os setores mencionados exibissem um crescimento superior ao observado no estado, para os mesmos setores, mostrando-se, portanto, notadamente vantajosa para o desenvolvimento dessas atividades.

O efeito alocação apresenta 20 (vinte) setores com valores positivos, com exceção dos setores, indústria têxtil, construção civil, comércio e administração, alojamento, alimentação, ensino, e outros, mostrou-se positivo para todos os demais. Diante disso, pode-se inferir que a região produziu os efeitos de vantagem de alocação para a maior parte dos setores considerados.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 12. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 12, pode-se observar que, a partir do setor número 7 (indústria da madeira e mobiliário), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superam os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito proporcional nos setores 20 (transporte e comunicação), 17 (comércio atacadista), 23 (ensino), 22 (serviços médicos), 25 (agricultura), 19 (comércio e administração de imóveis), 16 (comércio varejista) e ao efeito competitivo e alocação dos setores 7 (indústria da madeira e do mobiliário), 4 (indústria mecânica), 10 (indústria química), 17 (comércio atacadista), 22 (serviços médicos), 24 (administração pública, e, nos casos dos setores, 9 (indústria da borracha, fumo, couro), 3 (indústria metalúrgica), 2 (indústria de minerais não metálicos) para o efeito alocação.

A mesorregião Norte fluminense exibiu uma taxa de crescimento no emprego maior do que o estado. Portanto, pode-se esperar que investimentos nos setores identificados com os efeitos competitivo e alocação positivos terão vantagem econômica.

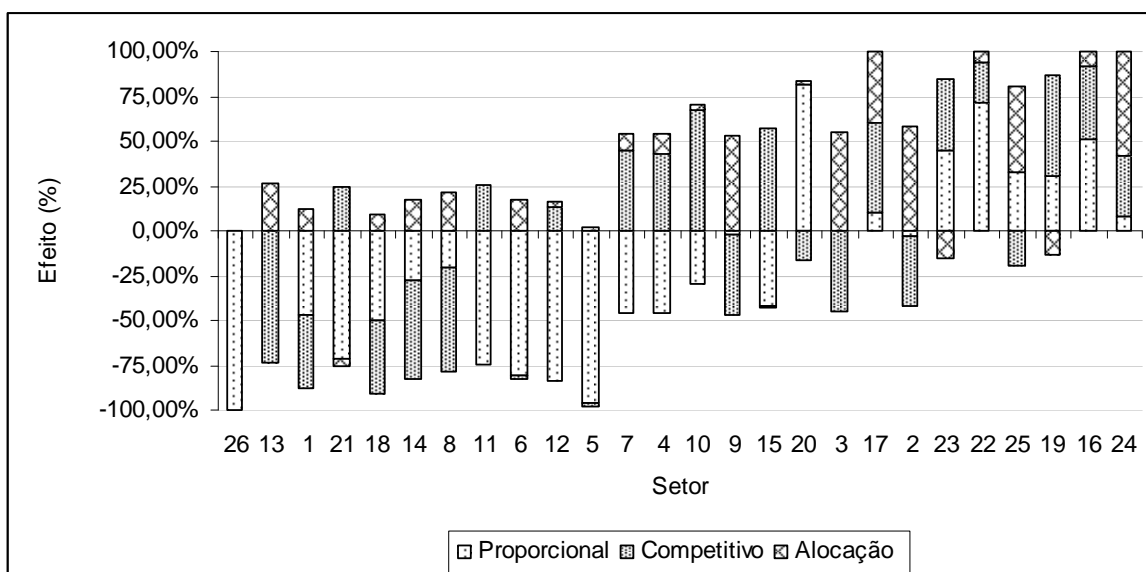


Figura 12 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Norte fluminense, 1992-1999.
Fonte: Dados da pesquisa

A região Centro fluminense está apresentada na Tabela 12 onde estão dispostos os valores da variação líquida total e sua decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação, referente ao segundo dos três períodos analisados.

A região, nesse período, mostrou variação líquida total positiva para 19 (dezenove) dos setores econômicos, com exceção da indústria extrativa mineral, minerais não metálicos, metalúrgica, de material elétrico de comunicação, borracha fumo e couro, de calçados, produtos alimentícios, para os serviços de créditos, seguros, e outros.

Os setores com variação líquida total positiva mostram que são capazes de promover efeitos de empregabilidade superior à taxa do estado, o que os coloca em condições favoráveis em relação à possibilidade de encadeamentos produtivos regionais. Identifica-se que a indústria de transporte, indústria do mobiliário, têxtil, construção civil, comércio varejista e atacadista e outras têm contribuído de forma relevante para a posição destacada ocupada pela região em discussão. Neste sentido, a taxa de crescimento do emprego nesses setores, na região Centro fluminense, foi maior do que a observada para o conjunto da economia do estado.

Tabela 12 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Centro Fluminense, 1992-1999

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	-113,56	36,28	-5,87	-83,15
I. minerais não metálicos	-959,75	409,09	-66,74	-617,40
I. metalúrgica	-16,25	-731,10	229,23	-518,12
I. mecânica	-38,44	50,16	54,16	65,88
I. mat. elétrico/comunic.	-138,59	-91,01	11,70	-217,90
I. material de transporte	-470,64	338,06	424,51	291,94
I. madeira e mobiliário	-73,30	92,08	167,87	186,65
I. papel e gráfica	-129,10	146,00	-11,46	5,44
I. borracha, fumo, couro	-321,35	178,51	60,59	-82,25
I. química	-229,94	322,61	-31,35	61,32
I. têxtil	-1619,39	2512,68	1426,66	2319,95
I. calçados	-52,13	-22,00	4,53	-69,60
I. produtos alimentícios	-12,49	-1198,14	313,03	-897,60
Serviços utilidade pública	-92,24	136,50	428,90	473,15
Construção civil	-168,03	854,88	329,36	1016,21
Comércio varejista	2954,07	2323,09	-204,24	5072,91
Comércio atacadista	130,34	627,77	60,27	818,38
Crédito, seguros.	-265,28	-312,31	107,91	-469,68
Com e administração	832,98	3131,72	-1930,72	2033,97
Transportes/comunic.	420,75	1497,99	-273,45	1645,30
S. alojam., alimentação	-598,73	2051,62	0,33	1453,22
S. médicos, odontol.	1133,15	1274,37	-622,20	1785,32
Ensino	1166,34	1551,96	-878,00	1840,30
Administração pública	1158,65	5125,98	1181,30	7465,92
Agricultura	1138,31	-299,68	1131,87	1970,50
Outros/ignorado	-3739,63	-3,13	-2,76	-3745,53
Total	0,00	21805,13	0,00	21805,13

Fonte: resultados da pesquisa.

Parte desse resultado está associada ao comportamento dinâmico, no estado, de alguns dos setores econômicos listados, com efeito estrutural positivo, como é o caso de comércio varejista, comércio atacadista, comércio e administração, transportes e comunicação, serviços médicos e odontológicos, ensino, administração pública, agricultura. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro.

Observa-se que o efeito competitivo foi positivo para 19 (dezenove) setores, exceto para as indústrias metalúrgicas, material elétrico e comunicação, calçados, produtos alimentícios, créditos e seguros, agricultura e outros. Esses

não foram capazes de, no período, oferecer condições favoráveis de avanços que gerassem crescimento do emprego para a região em relação ao observado no estado. Diante disso, os setores com variação positiva, para o efeito em discussão, mostraram-se especialmente vantajosos para o desenvolvimento de atividades produtivas, permitindo a região exibir uma variação total do emprego acima da taxa do conjunto do estado.

Pode-se destacar que o efeito alocação, com exceção dos setores de indústria extrativa mineral, minerais não metálicos, metalurgia, material elétrico e comunicação, borracha fumo e couro, calçados, produtos alimentícios, e para os serviços de créditos e seguros, e outros, mostrou-se positivo para todos os demais setores. Essa condição, de 62% dos setores considerados apresentando efeito alocação positivo, contribuiu para que a região centro fluminense exibisse condições favoráveis de avanços de sua economia.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 13. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 13, pode-se observar que, a partir do setor número 8 (indústria do papel editorial e gráfica), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superam os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito proporcional nos setores 20 (transporte e comunicação), 22 (serviços médicos), 23 (ensino), 25 (agricultura), 16 (comércio varejista), e ao efeito competitivo e alocação dos setores 4 (indústria mecânica), 7 (indústria da madeira e do mobiliário), 6 (indústria metalúrgica), 14 (serviço de utilidade pública), 17 (comércio atacadista), 15 (construção civil), 11 (indústria têxtil), 24 (administração pública) e 14 (serviço de utilidade pública) para o efeito alocação.

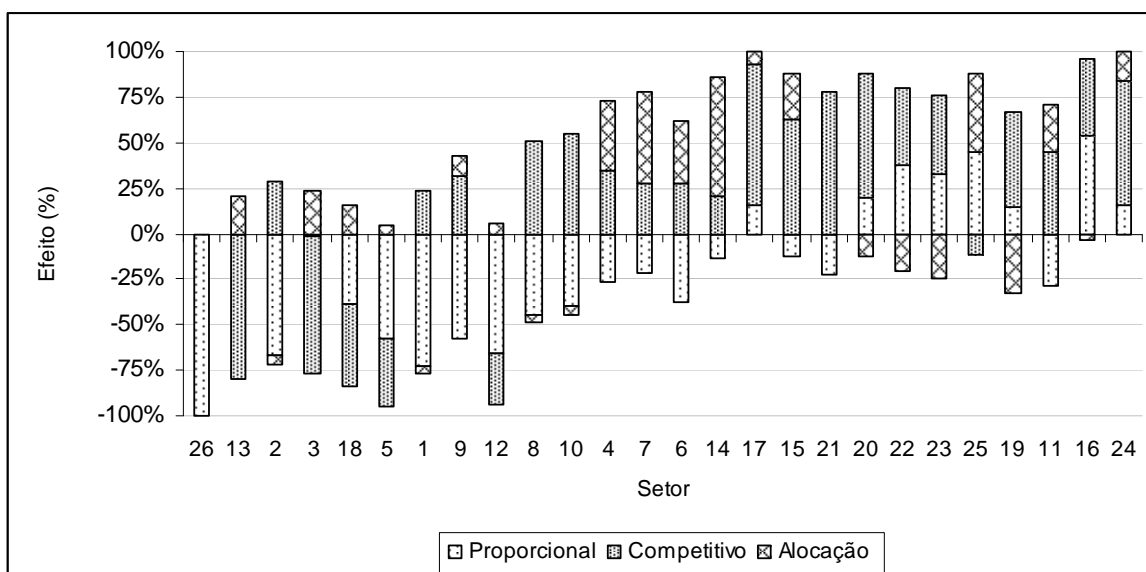


Figura 13 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Centro fluminense, 1992-1999.
Fonte: Dados da pesquisa

A região Baixadas está exibida na Tabela 13 onde encontram-se os valores da variação líquida total e a decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para o segundo dos três períodos analisados.

Nesse período, na região, a variação líquida total mostrou-se positiva para 18 (dezoito) dos setores da região, com exceção da indústria extrativa mineral, mecânica, de material elétrico de comunicação, papel e gráfica, química, calçados, para os serviços de créditos, seguros, e outros.

Considerando que a maioria dos setores exibiu variação líquida positiva pode-se inferir que esses apresentaram crescimento maior que o teórico, isto significa que a região obteve crescimento acima da taxa do estado. Diante disso, a região Baixadas litorâneas promoveu condições favoráveis em função de seus diversos encadeamentos para que os setores econômicos exibissem um crescimento na contribuição do emprego maior do que a observada para o conjunto da economia do estado.

Tabela 13 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Baixadas, 1992-1999

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	-502,00	114,81	-22,74	-409,92
I. minerais não metálicos	-154,99	100,36	85,98	31,35
I. metalúrgica	-0,50	301,24	-221,20	79,53
I. mecânica	-7,57	-13,83	7,18	-14,22
I. mat. elétrico/comunic.	-16,09	18,55	-28,68	-26,22
I. material de transporte	-22,06	-239,96	324,69	62,67
I. madeira e mobiliário	-49,48	81,69	15,20	47,41
I. papel e gráfica	-20,68	15,65	-7,70	-12,73
I. borracha, fumo, couro	-36,86	-27,62	66,88	2,40
I. química	-205,71	-390,35	134,61	-461,45
I. têxtil	-32,30	115,00	-35,78	46,92
I. calçados	-27,17	-9,52	1,38	-35,31
I. produtos alimentícios	-1,11	261,56	279,66	540,11
Serviços utilidade pública	-96,32	5,04	690,26	598,98
Construção civil	-115,51	614,93	385,79	885,21
Comércio varejista	2141,89	2279,63	702,91	5124,43
Comércio atacadista	52,98	366,83	-63,34	356,46
Crédito, seguros.	-158,58	-83,73	29,93	-212,38
Com e administração	640,50	2955,16	-770,22	2825,45
Transportes/comunic.	151,00	832,89	-427,40	556,49
S. alojam., alimentação	-548,75	2002,34	371,54	1825,12
S. médicos, odontol.	658,01	247,68	-165,57	740,12
Ensino	724,84	1204,01	-654,39	1274,46
Administração pública	1075,06	3520,40	477,89	5073,35
Agricultura	405,89	-961,97	1744,69	1188,61
Outros/ignorado	-3797,03	-2,26	0,28	-3799,01
Total	0,00	16287,83	0,00	16287,83

Fonte: resultados da pesquisa.

Parte desse resultado está associada ao comportamento dinâmico, no estado, de alguns dos setores econômicos listados, com efeito estrutural positivo, como é o caso de comércio varejista, comércio atacadista, comércio e administração, transportes e comunicação, serviços médicos e odontológicos, ensino, administração pública, agricultura. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro.

A presença de variação líquida total positiva para a maior parte dos setores considerados está associada à preponderância do efeito competitivo. Observa-se que o efeito competitivo foi positivo para 18 (dezoito) dos setores,

exceto para as indústrias mecânica, material de transporte, borracha, fumo e couros, química, calçados, créditos e seguros, agricultura e outros.

O efeito competitivo positivo para a maior parte dos setores ajuda a explicar o comportamento dinâmico da região. Os resultados evidenciam que, no período, a região ofereceu condições para que os setores ativos exibissem um crescimento superior ao observado no estado, para os mesmos setores, mostrando-se, portanto, especialmente vantajosa para o desenvolvimento das atividades.

O efeito alocação apresenta 16 (dezesseis) subsetores com indicação positiva, com exceção dos setores, indústria extrativa mineral, metalurgia, material elétrico e comunicação, papel e gráfica, têxtil, e para o comércio atacadista, comércio e administração, transporte e comunicação, os serviços de médicos e odontológicos e ensino. Verifica-se que essa condição contribui para que a taxa de emprego crescesse a razões superiores à do estado.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 14. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 14, pode-se observar que, a partir do setor número 8 (indústria do papel editorial e gráfica), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superam os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito proporcional nos setores 22 (serviços médicos), 23 (ensino), 25 (agricultura), 16 (comércio varejista), e ao efeito competitivo e alocação dos setores 2 (indústria de minerais não metálicos), 7 (indústria da madeira e do mobiliário), 13 (indústria de alimentos e bebidas), 15 (construção civil), 21 (serviço de alojamento e alimentação), e 14 (serviço de utilidade pública) e 25 (agricultura) para o efeito alocação.

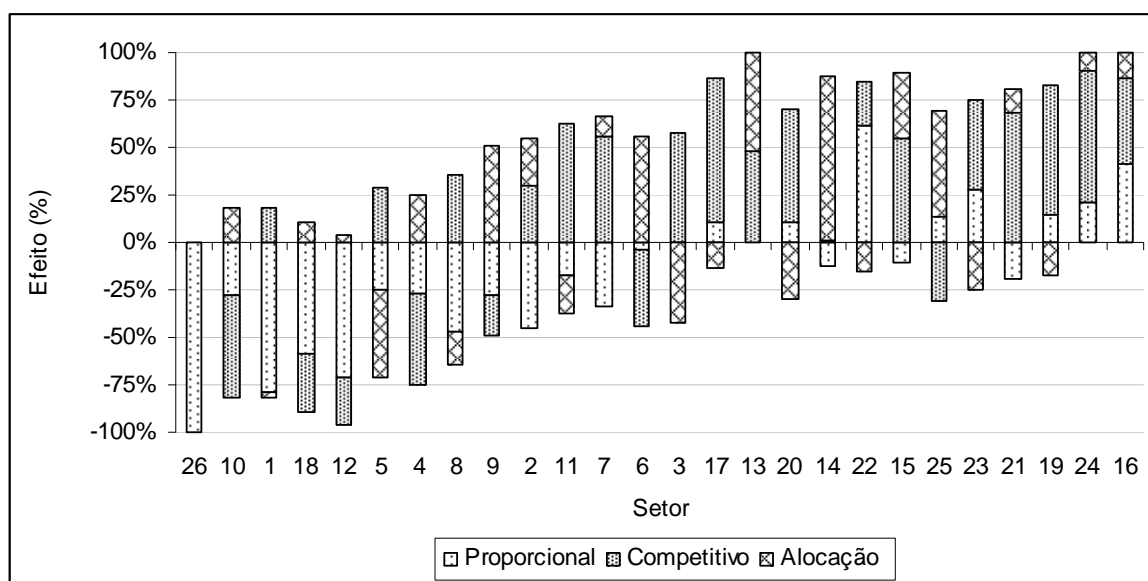


Figura 14 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Baixadas, 1992-1999.

Fonte: Dados da pesquisa

A região Sul fluminense está exposta na Tabela 14 onde exibem-se os valores da variação líquida total e a sua decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação, referente ao segundo dos três períodos analisados.

Na região, considerando o período, a variação líquida total mostrou-se positiva para a maior parte dos setores da região, com exceção da indústria de minerais não metálicos, de material elétrico comunicação, material de transporte, papel e gráfica, borracha, fumo e couro, química, têxtil, calçados, para os serviços de créditos, seguros, alojamento e alimentação, e outros.

Pode-se constatar que 15 (quinze) setores obtiveram variação líquida positiva e isto indica que crescem mais que o crescimento teórico, tomando como referência o crescimento do emprego nos setores em todo estado.

A região Sul fluminense, embora tenha uma expressiva contribuição nos postos de trabalho do estado do Rio de Janeiro, sofre, notadamente, influência direta da região metropolitana, por essa razão a dificuldade de encadeamentos dos setores econômicos desta região como o da indústria de minerais não metálicos que exibiu valores negativos em todos os efeitos considerados.

Apesar disso, o emprego total dessa região exibiu um crescimento maior do que o observado no estado, em razão do crescimento ocorrido nos demais setores.

Tabela 14 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Sul Fluminense, 1992-1999

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	-79,28	-23,30	205,38	102,80
I. minerais não metálicos	-8140,99	-11137,87	4994,74	-14284,12
I. metalúrgica	-100,45	2644,00	1461,01	4004,56
I. mecânica	-228,61	214,04	239,91	225,34
I. mat. elétrico/comunic.	-458,47	-199,64	19,82	-638,29
I. material de transporte	-1355,35	-478,45	153,46	-1680,34
I. madeira e mobiliário	-105,05	-3048,69	4343,37	1189,63
I. papel e gráfica	-492,13	-156,60	19,36	-629,38
I. borracha, fumo, couro	-635,96	-378,09	40,64	-973,40
I. química	-488,13	-1734,17	558,50	-1663,80
I. têxtil	-715,97	-326,85	37,92	-1004,90
I. calçados	-57,27	-2,10	-12,29	-71,66
I. produtos alimentícios	-7,63	715,42	365,29	1073,08
Serviços utilidade pública	-387,70	435,54	192,00	239,84
Construção civil	-553,92	-1065,04	7284,78	5665,83
Comércio varejista	6327,16	3186,19	530,94	10044,30
Comércio atacadista	147,73	442,00	-6,16	583,57
Crédito, seguros.	-477,20	13,12	0,88	-463,21
Com e administração	2378,46	3410,31	3725,33	9514,10
Transportes/comunic.	1024,61	292,30	-40,63	1276,28
S. alojam., alimentação	-2387,48	-1553,07	210,86	-3729,69
S. médicos, odontol.	5955,18	-5193,78	1617,49	2378,89
Ensino	1220,23	2393,49	1295,32	4909,04
Administração pública	1994,86	4624,81	524,96	7144,63
Agricultura	1208,50	1,95	704,47	1914,91
Outros/ignorado	-12369,79	-15,35	-1,15	-12386,29
Total	0,00	12741,71	0,00	12741,71

Fonte: resultados da pesquisa.

Parte desse resultado está associada ao comportamento dinâmico, no estado, de alguns dos setores econômicos listados, com efeito estrutural positivo, como é o caso de comércio varejista, comércio atacadista, comércio e administração, transportes e comunicação, serviços médicos e odontológicos, ensino, administração pública, agricultura. Ou seja, do total de setores

considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro.

Observa-se que o efeito competitivo foi positivo para parte dos setores, exceto para a indústria extrativa mineral, minerais não metálicos, material elétrico de comunicação, material de transporte, madeira e mobiliário, papel e gráfica, borracha, fumo e couros, química, têxtil, calçados, construção civil, alojamento e alimentação, serviço médicos e odontológicos, e outros. Esses resultados evidenciam que, no período, a região ofereceu condições para que os demais setores exibissem um crescimento superior ao observado no estado, para os mesmos setores, mostrando-se, portanto, especialmente vantajosa para o desenvolvimento das atividades.

Atribui-se ao efeito alocação a preponderância da presença de variação líquida total positiva para a maior parte dos setores considerados. Pode-se destacar que o efeito alocação, com exceção dos setores, indústria de calçados, para o comércio atacadista, transporte e comunicação, e outros, mostrou-se positivo para todos os demais.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 15. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 15, pode-se observar que, a partir do setor número 1 (indústria extrativa mineral), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superaram os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito proporcional nos setores 20 (transporte e comunicação), 25 (agricultura), 22 (serviços médicos), 23 (ensino), 19 (comércio e administração de imóveis), 16 (comércio varejista), e ao efeito competitivo e alocação dos setores 4 (indústria mecânica), 14 (serviço de utilidade pública), 13 (indústria de alimentos e bebidas), 3 (indústria metalúrgica), 19 (comércio e administração de imóveis), e 7 (indústria da madeira e do mobiliário) e 25 (agricultura) para o efeito alocação.

A região Sul fluminense exibiu uma taxa de crescimento no emprego maior do que o conjunto dos setores no estado. Portanto, pode-se esperar que

investimentos nos setores identificados com os efeitos competitivo e alocação positivos terão vantagem econômica.

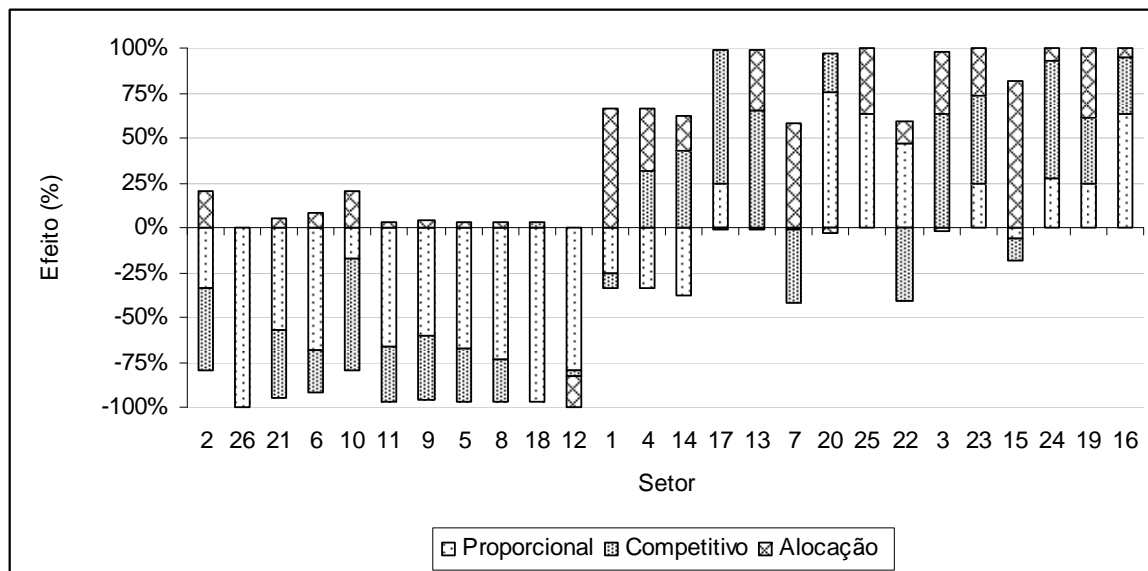


Figura 15 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Sul fluminense, 1992-1999.
Fonte: Dados da pesquisa

A região Metropolitana fluminense apresentada na Tabela 15 exibe os valores da variação líquida total e sua decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação, referente ao segundo dos três períodos analisados.

Nesse período, a variação líquida total mostrou-se negativa, na região, para a maior parte dos setores, com exceção da indústria de produtos alimentícios, comércio atacadista, comércio varejista, comércio e administração, transportes e comunicações, dos serviços médicos e odontológicos, ensino, administração pública, da agricultura. Esses setores apresentaram comportamento inverso, pois exibiram variação líquida total positiva, uma vez que cresceram mais do que o crescimento teórico, que seria obtido caso crescesse a taxa do estado como um todo.

A região Metropolitana é concentradora do emprego, entretanto, mostrou que 17 (dezessete) setores apresentaram variação líquida total negativa. Diante disso, pode-se inferir que a taxa de crescimento do emprego nesses setores foi menor do que a observada para o conjunto da economia do estado. Além disso,

esse resultado é indicador do fraco encadeamento desses setores na região considerada.

Tabela 15 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Metropolitana, 1992-1999

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	-1524,67	191,72	565,66	-767,29
I. minerais não metálicos	-8234,88	1014,15	2093,01	-5127,73
I. metalúrgica	-223,38	-5506,69	724,27	-5005,80
I. mecânica	-4446,15	-817,28	32,83	-5230,61
I. mat. elétrico/comunic.	-10936,96	274,87	-3,98	-10666,07
I. material de transporte	-9267,37	-789,19	-6,52	-10063,08
I. madeira e mobiliário	-3495,25	-2137,25	242,37	-5390,14
I. papel e gráfica	-8536,72	294,78	8,50	-8233,44
I. borracha, fumo, couro	-16739,97	-134,79	3,02	-16871,74
I. química	-9382,19	994,37	41,20	-8346,62
I. têxtil	-14672,68	-4517,40	173,34	-19016,74
I. calçados	-2576,56	38,10	-0,33	-2538,79
I. produtos alimentícios	-137,13	2885,69	378,58	3127,13
Serviços utilidade pública	-9958,34	-1585,77	22,95	-11521,17
Construção civil	-11700,39	-10051,16	602,70	-21148,86
Comércio varejista	100211,26	-13102,86	204,25	87312,65
Comércio atacadista	4650,26	-2491,36	16,28	2175,18
Crédito, seguros.	-17542,28	490,84	10,22	-17041,22
Com e administração	96915,40	-12934,88	-175,77	83804,75
Transportes/comunic.	23992,78	-1698,01	-51,34	22243,43
S. alojam., alimentação	-46936,58	-3746,48	-42,50	-50725,57
S. médicos, odontol.	60530,90	2088,74	171,47	62791,11
Ensino	74320,96	-6261,37	-291,56	67768,02
Administração pública	46680,75	-23808,83	423,21	23295,13
Agricultura	7032,30	-11637,71	6329,72	1724,31
Outros/ignorado	-231590,50	35,56	-0,62	-231555,56
Total	0,00	-75008,67	0,00	-75008,67

Fonte: resultados da pesquisa.

O comportamento dinâmico de alguns dos setores econômicos da mesorregião metropolitana fluminense é explicado a partir dos resultados, no estado, do efeito proporcional ou estrutural positivo, como é o caso do comércio varejista, comércio atacadista, comércio e administração, transportes e comunicação, serviços médicos e odontológicos, ensino, administração pública e agricultura. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que

apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro.

Além disso, deve-se à preponderância do efeito competitivo a presença de variação líquida total negativa para a maior parte dos setores considerados. Observa-se que o efeito competitivo foi positivo, somente para a indústria extrativa mineral, mineral não metálico, material elétrico e comunicação, de papel e gráfica, química, calçados, produtos alimentícios, e para os serviços de crédito e seguros, serviço médico odontológico e outros. Esses resultados evidenciam que, no período, a região apresenta desarticulação de seus encadeamentos produtivos não oferecendo condições de competitividade em relação ao estado como um todo, para os mesmos setores, mostrando-se, portanto, desvantajosa para o desenvolvimento dessas atividades.

Deve-se destacar que o efeito alocação, com exceção dos setores indústria de material elétrico e comunicação, indústria material de transporte, calçados, indústria têxtil, comércio e administração, transporte e comunicação, serviço de alojamento e alimentação, ensino e outros, mostrou-se positivo para todos os demais.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 16. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 16, pode-se observar que, a partir do setor número 25 (agricultura), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superam os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito estrutural, e, nos casos dos setores 17 (comércio atacadista), 20 (transporte e comunicação), 24 (administração pública e autárquica), 22 (serviço médicos e odontológicos), 23 (ensino), 19 (comércio e administração de imóveis), 16 (comércio varejista), e, 1 (extrativa mineral) somente para o efeito alocação.

A região metropolitana exibiu uma taxa de crescimento no emprego menor do que o conjunto dos setores no estado. Portanto, pode-se esperar que investimentos nos setores identificados com os efeitos competitivo e alocação negativa terão desvantagem econômica em relação às demais mesorregiões do estado do Rio de Janeiro.

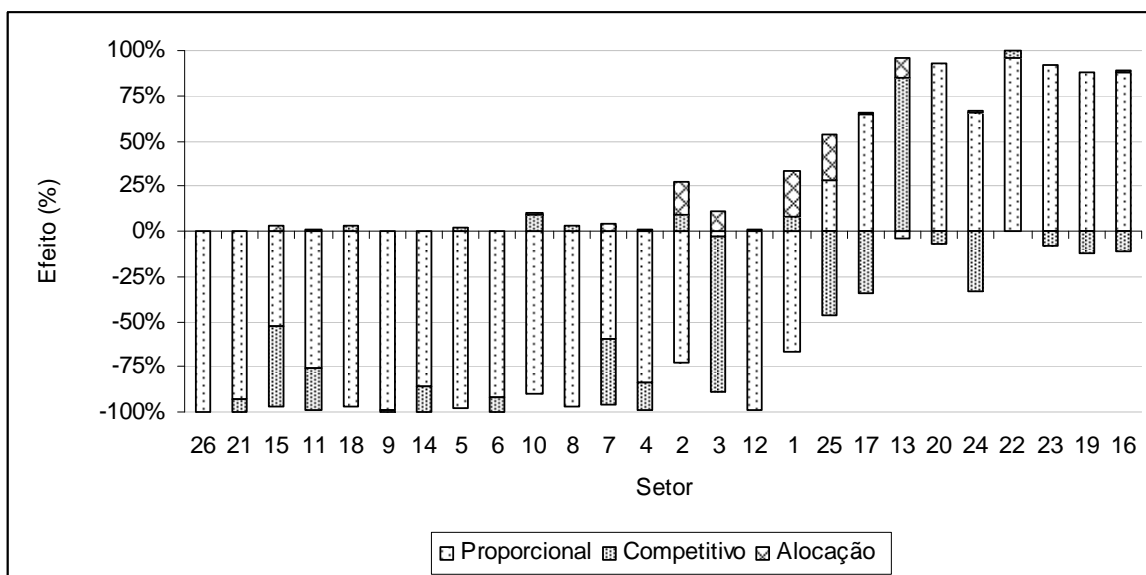


Figura 16 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Metropolitana, 1992-1999.
Fonte: Dados da pesquisa

No Quadro 3, que apresenta a classificação resultante, pode-se constatar que houve alta variabilidade em relação à vantagem competitiva ou desvantagem competitiva, especializada ou não especializada, do efeito alocação entre as mesorregiões fluminenses.

A mesorregião noroeste fluminense apresentou, no período de 1992 - 1999, vantagem competitiva especializada para 10 (dez) subsetores da produção, e, vantagem competitiva não especializada para 10 (dez) subsetores da economia. Ainda, desvantagem competitiva especializada para 3 (três) setores e desvantagem competitiva não especializada para 3 (três) subsetores. Isto coloca a região noroeste em posição favorável para o avanço dos sistemas produtivos apontados.

A mesorregião norte fluminense apresentou, no período de 1992 - 1999, vantagem competitiva especializada para 14 (quatorze) subsetores da economia, e, desvantagem competitiva especializada para 5 (cinco) subsetores, e, desvantagem competitiva especializada para 1 (um) setor, desvantagem não especializada para 6 (seis) subsetores. A resposta ao efeito alocação de 54 % dos setores com vantagem competitiva especializada mostra que a região cresce nos referidos setores mais do que o estado.

A mesorregião centro fluminense apresentou, no período de 1992 - 1999, vantagem competitiva especializada para 11 (onze) setores da economia, e, vantagem competitiva não especializada para 9 (nove) setores. Ainda, desvantagem competitiva especializada para 1 (um) setor e desvantagem competitiva não especializada para 5 (cinco) subsetores. Diante disso, pode-se constatar que a região centro fluminense possui 42% dos setores da economia que apresentaram maior vantagem competitiva especializada do que o estado.

A mesorregião baixadas litorâneas apresentou, no período de 1992 - 1999, vantagem competitiva especializada para 11 (onze) setores da economia, e, vantagem competitiva não especializada para 9 (nove) setores. Ainda, desvantagem competitiva especializada para 1 (um) setor e desvantagem competitiva não especializada para 5 (cinco) subsetores. Diante disso, pode-se constatar que a região baixadas mostra que 42% dos setores da economia apresentaram maior vantagem competitiva especializada do que o estado.

Quadro 3 – Classificação das atividades econômicas, por região, com base nos componentes do efeito alocação, período 1992 a 1999

Vantagem competitiva		Desvantagem competitiva	
Especializada	Não especializada	Especializada	Não especializada
Região Noroeste fluminense			
I. Extrativa mineral I. minerais não metálicos I. mecânica I. material de transporte I. madeira e mobiliário I. borracha, fumo, couro I. têxtil I. produtos alimentícios Construção civil Agricultura	I. metalúrgica I. papel e gráfica I. química Serviços utilidade pública Comércio varejista Com e administração Transportes/comunic. S. alojam., alimentação Ensino Administração pública	I. mat. elétrico/comunic. S. médicos, odontol. Outros/ignorado	I. calçados Comércio atacadista Crédito, seguros.
Região Norte fluminense			
I. minerais não metálicos I. metalúrgica I. mecânica I. mat. elétrico/comunic. I. material de transporte I. madeira e mobiliário I. borracha, fumo, couro I. química I. calçados Comércio varejista Comércio atacadista S. médicos, odontol. Administração pública Agricultura	I. têxtil Construção civil Com e administração S. alojam., alimentação Ensino	Outros/ignorado	I. Extrativa mineral I. papel e gráfica I. produtos alimentícios Serviços utilidade pública Crédito, seguros. Transportes/comunic.
Região Centro Fluminense			
I. mecânica I. material de transporte I. madeira e mobiliário I. borracha, fumo, couro	I. Extrativa mineral I. minerais não metálicos I. papel e gráfica I. química	Outros/ignorado	I. metalúrgica I. mat. elétrico/comunic. I. calçados I. produtos alimentícios

I. têxtil Serviços utilidade pública Construção civil Comércio atacadista S. alojam., alimentação Administração pública Agricultura	Comércio varejista Com e administração Transportes/comunic. S. médicos, odontol. Ensino		Crédito, seguros.
Região Baixadas			
I. minerais não metálicos I. material de transporte I. madeira e mobiliário I. borracha, fumo, couro I. produtos alimentícios Serviços utilidade pública Construção civil Comércio varejista S. alojam., alimentação Administração pública Agricultura	I. Extrativa mineral I. metalúrgica I. papel e gráfica I. têxtil Comércio atacadista Com e administração Transportes/comunic. S. médicos, odontol. Ensino	I. mat. elétrico/comunic.	I. mecânica I. química I. calçados Crédito, seguros. Outros/ignorado
Região Sul Fluminense			
I. Extrativa mineral I. metalúrgica I. mecânica I. madeira e mobiliário I. produtos alimentícios Serviços utilidade pública Construção civil Comércio varejista Crédito, seguros. Com e administração Ensino Administração pública Agricultura	Comércio atacadista Transportes/comunic.	I. calçados Outros/ignorado	I. minerais não metálicos I. mat. elétrico/comunic. I. material de transporte I. papel e gráfica I. borracha, fumo, couro I. química I. têxtil S. alojam., alimentação S. médicos, odontol.
Região Metropolitana fluminense			
I. Extrativa mineral I. minerais não metálicos I. papel e gráfica I. química I. produtos alimentícios Crédito, seguros. S. médicos, odontol.	I. mat. elétrico/comunic. I. calçados Outros/ignorado	I. material de transporte Com e administração Transportes/comunic. S. alojam., alimentação Ensino	I. metalúrgica I. mecânica I. madeira e mobiliário I. borracha, fumo, couro I. têxtil Serviços utilidade pública Construção civil Comércio varejista Comércio atacadista Administração pública Agricultura

Fonte: Dados da pesquisa

A mesorregião sul fluminense apresentou, no período de 1992 – 1999, vantagem competitiva especializada para 13 (treze) setores da economia, e, ainda, vantagem competitiva não especializada para 2 (dois) setores e desvantagem competitiva especializada para 2 (dois) subsetores. Ainda, desvantagem não especializada para 9 (nove) subsetores. Diante disso, pode-se constatar que a região sul fluminense mostra que 50% dos setores da economia apresentaram maior crescimento do que o estado.

A mesorregião metropolitana fluminense apresentou, no período de 1992 – 1999, vantagem competitiva especializada para 7 (sete) setores da economia, e, e, vantagem competitiva não especializada para 3 (três) setores. Ainda, desvantagem competitiva especializada para 5 (cinco) setores e desvantagem competitiva não especializada para 11 (onze) subsetores. Diante disso, pode-se constatar que a região metropolitana fluminense mostra que 27% dos setores da economia apresentaram maior vantagem competitiva especializada do que o estado.

4.1.3. Período de 1999 a 2009

Nesta seção será exibida a análise das mesorregiões fluminenses para o período de 1999 – 2009 por meio de tabelas e figuras onde serão visualizados os setores da economia bem como os valores da variação líquida total e sua decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação e ainda os comentários resultantes da aplicação metodológica deste terceiro e último período.

A região noroeste fluminense está apresentada na Tabela 16 onde se encontram os valores da variação líquida total e sua decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação, referente ao terceiro dos três períodos analisados.

A região, considerando o período, mostrou variação líquida total negativa para metade dos setores econômicos da região, com exceção da indústria metalúrgica, papel e gráfica, química, têxtil, calçados, construção civil, comércio atacadista, comércio varejista, serviços de transportes e comunicações, alojamento e alimentação, ensino.

Os 13 (treze) setores com variação líquida total positiva, de forma inversa aos demais, cresceram mais do que o crescimento teórico, que seria obtido caso crescesse a taxa do conjunto dos setores no estado.

A região Noroeste fluminense exibiu uma taxa de crescimento do emprego menor que do estado. Isso deixa evidente que os setores produtivos da citada região necessitam alcançar diferentes patamares na oferta de emprego e para tanto, ações de infraestrutura e elementos indutores que promovam o avanço regional. O emprego total dessa região exibiu um crescimento menor do

que o observado no estado, em razão dos valores negativos ocorridos nos setores.

Tabela 16 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Noroeste fluminense, 1999-2009.

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	1552,77	-3294,20	1517,50	-223,92
I. minerais não metálicos	-333,73	-72,19	1,46	-404,46
I. metalúrgica	-51,52	89,50	109,94	147,92
I. mecânica	76,24	-480,52	297,85	-106,43
I. mat. elétrico/comunic.	-	-	-	-
I. material de transporte	1027,38	-1968,19	846,44	-94,37
I. madeira e mobiliário	-121,28	10,59	0,71	-109,98
I. papel e gráfica	-216,24	105,32	196,96	86,04
I. borracha, fumo, couro	-27,15	-11,44	0,10	-38,49
I. química	-16,22	-324,79	467,78	126,76
I. têxtil	-230,64	88,96	513,37	371,69
I. calçados	-1,50	-10,17	18,83	7,17
I. produtos alimentícios	-99,66	-136,52	-30,59	-266,76
Serviços utilidade pública	-133,49	-363,91	122,75	-374,64
Construção civil	400,92	-661,99	317,92	56,85
Comércio varejista	559,37	840,62	492,63	1892,62
Comércio atacadista	144,89	106,64	20,39	271,93
Crédito, seguros.	-176,99	0,66	0,01	-176,33
Com e administração	517,74	-6609,78	4178,90	-1913,14
Transportes/comunic.	-94,95	171,25	-51,18	25,13
S. alojam., alimentação	-218,88	420,26	27,51	228,90
S. médicos, odontol.	-359,35	116,30	27,88	-215,18
Ensino	11,70	316,47	133,47	461,64
Administração pública	-805,92	-749,15	-61,05	-1616,11
Agricultura	-1116,47	277,41	35,19	-803,88
Outros/ignorado	0,00	0,00	0,00	0,00
Total	0,00	-2661,04	0,00	-2661,04

Fonte: resultados da pesquisa.

O comportamento dinâmico de alguns dos setores econômicos da mesorregião noroeste fluminense é explicado a partir dos resultados, no estado, do efeito proporcional ou estrutural positivo, como é o caso da extrativa mineral, indústria mecânica, material de transporte, construção civil, comércio varejista, comércio atacadista, comércio e administração, ensino. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro.

A presença de variação líquida total negativa para a metade dos setores considerados deve-se ao predomínio do efeito proporcional.

Observa-se que o efeito competitivo foi positivo para a indústria metalúrgica, madeira e mobiliário, de papel e gráfica, têxtil, comércio varejista, comércio atacadista, e para os serviços de crédito e seguros, transporte e comunicação, alojamento e alimentação, serviço médico odontológico, ensino e agricultura. Esses resultados evidenciam que, no período, a região ofereceu condições para que os setores mencionados exibissem um crescimento superior ao observado no estado, para os mesmos setores, mostrando-se, portanto, especialmente vantajosa para o desenvolvimento dessas atividades.

Deve-se destacar que o efeito alocação, com exceção dos setores indústria de produtos alimentícios, transporte e comunicação, administração pública, mostrou-se positivo para todos os demais.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 17. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 17, pode-se observar que, a partir do setor número 12 (indústria de calçados), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superaram os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito competitivo e alocação, para os casos dos 8 (papel e gráfica), 3 (indústria metalúrgica), 23 (ensino), 19 (comércio e administração de imóveis), 16 (comércio varejista), e, para os setores 12 (indústria de calçados), 10 (indústria química, farmacêutica e veterinária), 11 (indústria têxtil e vestuário) somente para o efeito alocação.

A região Noroeste exibiu uma taxa de crescimento no emprego menor do que o conjunto dos setores no estado. Diante disso, pode-se constatar que o efeito proporcional, competitivo e alocação foram em conjunto os responsáveis pela variação líquida total negativa, além do que a proximidade da região norte, forte encadeadora da produção, tem produzido desvantagem na oferta de empregos na referida mesorregião.

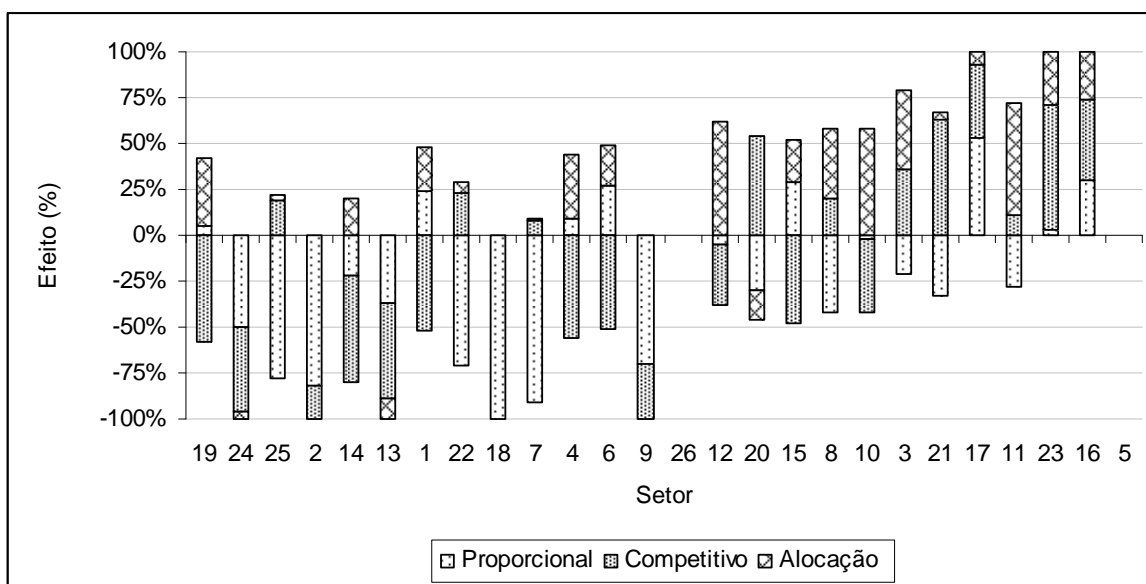


Figura 17 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Noroeste fluminense, 1999-2009.
Fonte: Dados da pesquisa

A região Norte fluminense está apresentada na Tabela 17 onde agruparam os valores da variação líquida total, bem como sua decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação, referente ao terceiro dos três períodos analisados.

Nesse período, a variação líquida total mostrou-se positiva para a maior parte dos setores econômicos da região, com exceção da indústria de minerais não metálicos, de material elétrico de comunicação, madeira e mobiliário, de papel e gráfica, borracha, fumo e couro, têxtil, de calçados, agricultura e outros.

Entre os setores, na região, com valores negativos de variação líquida total está a agricultura, que tem sofrido forte competição em relação às demais regiões do estado do Rio de Janeiro. Notadamente, a agricultura canavieira, que foi durante longo período encadeadora da economia vem sofrendo com a baixa capacidade de competitividade interna e de fora do estado.

Por outro lado, a indústria extrativa mineral apresenta variação líquida total positiva e forte efeito alocação, o que provoca na região evidente força do setor, bem como encadeamentos para outros que se articula com o setor petróleo. Além disso, pode-se identificar que setores como construção, comércio varejista e administração pública merecem destaque.

Tabela 17 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Norte fluminense, 1999-2009

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	13341,79	-15495,13	20506,28	18352,94
I. minerais não metálicos	-897,29	416,21	29,63	-451,45
I. metalúrgica	-161,93	918,83	-209,50	547,39
I. mecânica	247,62	-44778,43	49444,78	4913,97
I. mat. elétrico/comunic.	-23,53	10,57	0,13	-12,83
I. material de transporte	233,37	2739,57	-2577,50	395,44
I. madeira e mobiliário	-179,26	-2,68	0,99	-180,95
I. papel e gráfica	-113,72	542,56	-342,78	86,06
I. borracha, fumo, couro	-87,32	32,39	-20,48	-75,41
I. química	-95,03	1757,29	-1357,95	304,31
I. têxtil	-250,75	-1010,29	672,58	-588,46
I. calçados	-14,27	-16,83	7,69	-23,41
I. produtos alimentícios	-222,63	1234,10	2209,18	3220,66
Serviços utilidade pública	-191,70	778,93	627,63	1214,86
Construção civil	2202,50	-2036,18	10708,67	10874,99
Comércio varejista	1550,40	10508,27	-1279,08	10779,59
Comércio atacadista	512,02	-208,19	95,46	399,29
Crédito, seguros.	-377,99	1242,30	-626,32	237,99
Com e administração	1787,31	13704,38	-6740,01	8751,69
Transportes/comunic.	-1000,50	5335,66	181,05	4516,20
S. alojam., alimentação	-671,98	8306,58	-3455,00	4179,61
S. médicos, odontol.	-784,51	3020,29	-41,91	2193,86
Ensino	39,91	2524,45	-1167,63	1396,73
Administração pública	-1211,90	15340,44	-3449,96	10678,57
Agricultura	-2650,01	-1370,50	329,42	-3691,10
Outros/ignorado	-1,46	0,00	0,00	-1,46
Total	0,00	78019,09	0,00	78019,09

Fonte: resultados da pesquisa.

Parte desse resultado está associada ao comportamento dinâmico, no estado, de alguns dos setores econômicos listados, com efeito estrutural positivo, como é o caso da indústria extrativa mineral, mecânica, material de transporte, construção civil, de comércio varejista, comércio atacadista, comércio e administração e ensino. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro.

Deve-se ao predomínio do efeito competitivo a presença de variação líquida total positiva para a maior parte dos setores considerados. Observa-se que o efeito competitivo foi positivo para a indústria de minerais não metálicos,

indústria metalúrgica, material elétrico e comunicação, material de transporte, papel e gráfica, borracha, fumo e couro, química, produtos alimentícios, serviço de utilidade pública, comércio varejista, créditos e seguros, comércio e administração, transporte e comunicação, para os serviços de alojamento e alimentação, médicos e odontológicos, ensino e administração pública. Esses resultados evidenciam que, no período, a região ofereceu condições para que os setores mencionados exibissem um crescimento superior ao observado no estado, para os mesmos setores, mostrando-se, portanto, especialmente vantajosa para o desenvolvimento dessas atividades.

Pode-se destacar que o efeito alocação mostrou-se positivo para maior parte dos setores, com exceção da indústria de metalurgia, material de transporte, papel e gráfica, borracha, fumo e couro, química, comércio varejista, e para os serviços de créditos e seguros, comércio e administração, alojamento, alimentação, médicos e odontológicos, ensino, administração pública.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 18. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 18, pode-se observar que, a partir do setor número 8 (indústria do papel e gráfica), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superam os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito competitivo nos setores 8 (indústria do papel e gráfica), 18 (créditos e seguros), 10 (química), 6 (material de transporte), 3 (indústria metalúrgica), 14 (serviço de utilidade pública), 23 (ensino), 22 (serviços médicos), 21 (alojamento e alimentação), 20 (transporte e comunicação), 19 (comércio e administração de imóveis), 24 (administração pública), 16 (comércio varejista), 17 (comércio atacadista), 23 (ensino), 22 (serviços médicos), 25 (agricultura), 16 (comércio varejista) e ao efeito alocação para os setores 14 (serviço de utilidade pública), 13 (indústria de alimentos e bebidas), 4 (indústria mecânica), 15 (construção civil),

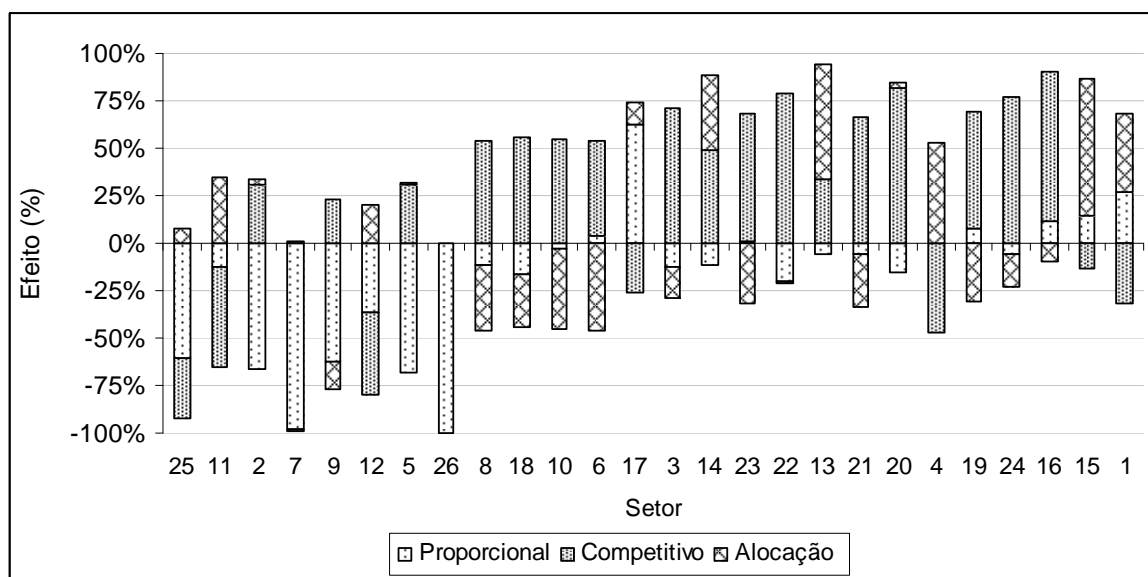


Figura 18 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Norte fluminense, 1999-2009.

Fonte: Dados da pesquisa

A região Centro fluminense está apresentada na Tabela 18, onde se encontram os valores da variação líquida total, bem como sua decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação, referente ao terceiro dos três períodos analisados.

Nesse período, a variação líquida total mostrou-se negativa para 11 (onze) dos setores econômicos da região, com exceção da extrativa mineral, indústria metalúrgica, mecânica, material elétrico e comunicação, papel e gráfica, química, têxtil, calçados, construção civil, comércio atacadista, comércio varejista, serviços de comércio e administração, alojamento e alimentação, médico e odontológico.

Considerando os 15 (quinze) setores com variação líquida total positiva, pode-se afirmar que cresceram mais do que o crescimento teórico, que seria obtido caso crescesse a taxa do estado. Porém, a taxa de crescimento do emprego nesses setores, na região centro fluminense, foi insuficiente para produzir efeito total no emprego quando comparada com o produzido pelos setores no estado como um todo.

O emprego total dessa região exibiu um crescimento menor do que o observado no estado, em razão dos valores negativos ocorridos nos demais setores.

Tabela 18 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Centro fluminense, 1999-2009

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	877,39	-1898,43	1316,73	295,69
I. minerais não metálicos	-523,81	-191,07	14,16	-700,72
I. metalúrgica	-184,94	-3688,46	6525,96	2652,56
I. mecânica	125,39	-167,70	88,15	45,84
I. mat. elétrico/comunic.	-6,72	-1172,31	1238,36	59,34
I. material de transporte	3218,75	-7576,08	3627,23	-730,10
I. madeira e mobiliário	-225,16	85,72	30,97	-108,47
I. papel e gráfica	-235,62	-73,63	666,68	357,42
I. borracha, fumo, couro	-245,22	-108,72	13,65	-340,29
I. química	-559,76	260,11	774,88	475,22
I. têxtil	-2584,67	1516,07	3155,41	2086,81
I. calçados	-0,75	-2979,14	3057,98	78,08
I. produtos alimentícios	-159,82	-142,75	-23,25	-325,83
Serviços utilidade pública	-283,43	-455,78	121,18	-618,03
Construção civil	1296,85	-2037,31	784,73	44,28
Comércio varejista	1238,52	-1116,71	19,42	141,22
Comércio atacadista	478,25	-369,55	-0,61	108,08
Crédito, seguros.	-255,73	148,48	12,23	-95,02
Com e administração	970,67	222,84	-104,97	1088,54
Transportes/comunic.	-599,09	-1234,44	263,98	-1569,55
S. alojam., alimentação	-560,49	1160,44	100,60	700,55
S. médicos, odontol.	-452,53	247,64	2202,46	1997,58
Ensino	31,13	-1053,20	320,04	-702,02
Administração pública	-1541,62	-7875,40	1613,34	-7803,67
Agricultura	-1540,50	447,80	77,07	-1015,63
Outros/ignorado	0,00	0,00	0,00	0,00
Total	0,00	-3878,12	0,00	-3878,12

Fonte: resultados da pesquisa.

O comportamento dinâmico de alguns dos setores econômicos da mesorregião centro fluminense é explicado a partir dos resultados, no estado, do efeito proporcional ou estrutural positivo, como é o caso da extrativa mineral, indústria mecânica, material de transporte, construção civil, comércio varejista, comércio atacadista, comércio e administração, ensino. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro. Diante disso, deve-se ao predomínio do efeito proporcional a presença de variação líquida total negativa para a maior parte dos setores considerados.

Observa-se que o efeito competitivo foi positivo para a indústria de madeira e mobiliário, química, têxtil, e para os serviços de crédito e seguros, transporte e comunicação, alojamento e alimentação, serviço médico odontológico e agricultura. Esses resultados evidenciam que, no período, a região ofereceu condições para que os setores mencionados exibissem um crescimento superior ao observado no estado, para os mesmos setores, mostrando-se, portanto, especialmente vantajosa para o desenvolvimento dessas atividades.

Deve-se destacar que o efeito alocação, com exceção dos setores indústria de produtos alimentícios, comércio atacadista, comércio e administração, mostrou-se positivo para todos os demais.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 19. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 19, pode-se observar que, a partir do setor número 7 (indústria da madeira e mobiliário), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superam os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito competitivo e alocação, para os casos dos 7 (indústria da madeira e mobiliário), 18 (créditos e seguros), 21 (serviços de alojamento e alimentação) 10 (indústria química, farmacêutica e veterinária), e, para os setores 5 (indústria de material elétrico e comunicação), 12 (indústria de calçados), 8 (papel e gráfica), 22 (serviços médicos e odontológicos) e 3 (indústria metalúrgica), somente para o efeito alocação.

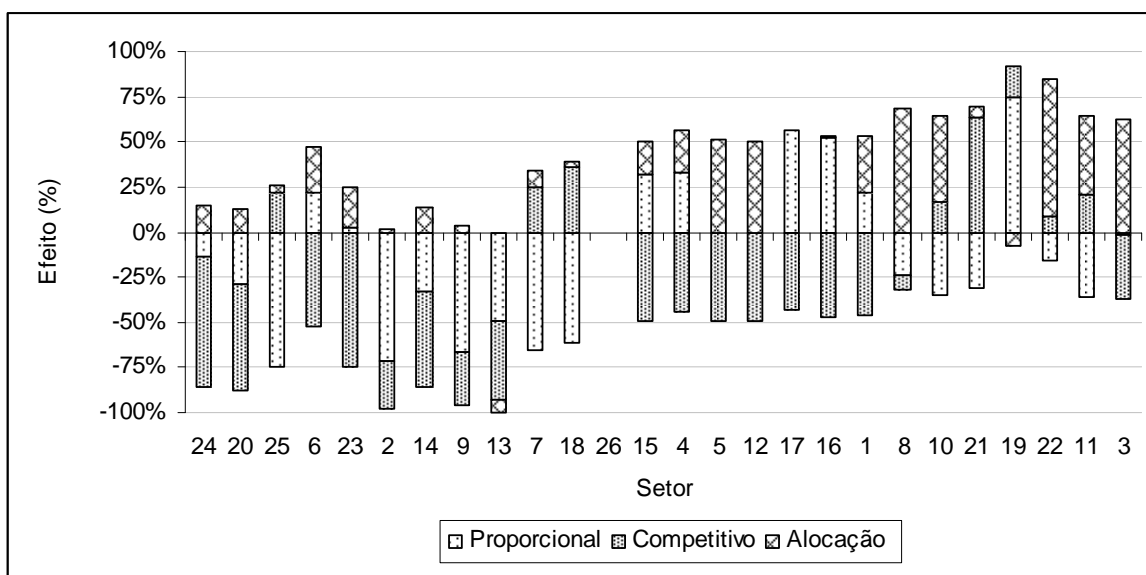


Figura 19 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Centro fluminense, 1999-2009.
Fonte: Dados da pesquisa

A região Baixadas está exibida na Tabela 21 onde se encontram os valores da variação líquida total e sua decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação, referente ao terceiro dos três períodos analisados.

Nesse período, a variação líquida total mostrou-se positiva para a maior parte dos setores da região, com exceção da indústria extrativa mineral, mecânica, de madeira e mobiliário, química, calçados, produtos alimentícios, para os serviços de utilidade pública, agricultura e outros.

Deve-se considerar que os mencionados setores, contrariamente aos demais, apresentaram variação líquida total negativa, uma vez que cresceram menos do que o crescimento teórico, que seria obtido caso crescesse a taxa do estado como um todo. Em outras palavras, a taxa de crescimento do emprego nesses setores, na região Baixadas, foi menor do que a observada para o conjunto da economia do estado.

Os setores de indústria apresentaram posições diversas, mas construção civil, comércio varejista e administração pública apresentaram destaque, na região considerada, com variação líquida total positiva, associada aos demais efeitos e certamente foram setores que possibilitaram o encadeamento de empregos que promoveu a economia.

Tabela 19 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Baixadas, 1999-2009

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	3750,78	-10478,48	5861,84	-865,87
I. minerais não metálicos	-136,17	212,13	160,54	236,50
I. metalúrgica	-19,54	1125,01	-884,32	221,16
I. mecânica	7,56	5475,69	-5163,75	319,50
I. mat. elétrico/comunic.	0,00	0,00	0,00	14,00
I. material de transporte	290,28	-2881,19	2596,18	5,27
I. madeira e mobiliário	-114,03	108,99	-8,08	-13,11
I. papel e gráfica	-31,88	620,80	-448,82	140,10
I. borracha, fumo, couro	-33,48	185,70	-115,12	37,10
I. química	-301,32	-1074,31	626,32	-749,31
I. têxtil	-51,75	712,25	-561,67	98,83
I. calçados	-0,75	-19,99	17,83	-2,92
I. produtos alimentícios	-47,44	-182,40	101,34	-128,50
Serviços utilidade pública	-327,93	-327,82	130,84	-524,91
Construção civil	986,96	2027,25	961,67	3975,88
Comércio varejista	1044,69	5420,86	4867,09	11332,64
Comércio atacadista	199,07	1051,68	-501,26	749,49
Crédito, seguros.	-174,75	1119,19	-430,55	513,88
Com e administração	1067,00	8109,50	-2981,57	6194,92
Transportes/comunic.	-210,44	3343,55	-2059,94	1073,17
S. alojam., alimentação	-563,20	4732,94	28,44	4198,18
S. médicos, odontol.	-210,73	803,12	-475,56	116,83
Ensino	20,96	2062,29	-830,72	1252,53
Administração pública	-1272,04	5037,25	11784,87	15550,07
Agricultura	-790,88	374,72	23,33	-392,83
Outros/ignorado	-5,83	0,00	0,00	-5,83
Total	0,00	43346,80	0,00	43346,80

Fonte: resultados da pesquisa.

Parte do comportamento dinâmico de alguns dos setores econômicos da mesorregião baixadas é explicada a partir dos resultados, no estado, do efeito proporcional ou estrutural positivo, como é o caso da extrativa mineral, indústria mecânica, material de transporte, construção civil, comércio varejista, comércio atacadista, comércio e administração, ensino. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro. Diante disso, deve-se ao predomínio do efeito proporcional a presença de variação líquida total negativa para a maior parte dos setores considerados.

Todavia, deve-se ao predomínio do efeito competitivo a presença de variação líquida total positiva para a maior parte dos setores considerados

Observa-se que o efeito competitivo foi positivo para a maior parte dos setores, com exceção dos setores de indústria extrativa mineral, material de transporte, química, calçados, produtos alimentícios, serviços de utilidade pública. Esses resultados evidenciam que, no período, a região ofereceu condições para que os demais setores exibissem um crescimento superior ao observado no estado, para os mesmos setores, mostrando-se, portanto, especialmente vantajosa para o desenvolvimento das atividades.

Pode-se destacar que o efeito alocação, com exceção dos setores de indústria metalúrgica, mecânica, madeira e mobiliário, papel e gráfica, borracha, fumo e couro, têxtil, e para o comércio atacadista, créditos e seguros, comércio e administração, transporte e comunicação, os serviços de médicos e odontológicos e ensino, mostrou-se positivo para todos os demais.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 20. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 20, pode-se observar que, a partir do setor número 12 (indústria de calçados), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superaram os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito competitivo e alocação dos setores 2 (indústria de minerais não metálicos), 15 (construção civil), 16 (comércio varejista), e efeito competitivo dos setores 7 (indústria da madeira e do mobiliário), 9 (borracha, fumo e couro), 11 (química e farmacêutica), 22 (serviços médicos e odontológicos), 8 (papel e gráfica), 3 (indústria metalúrgica), 4 (indústria mecânica), 18 (crédito e seguro), 17 (comércio atacadista), 20 (transporte e comunicações), 23 (ensino), 21 (serviço de alojamento e alimentação), 19 (comércio e administração de imóveis), e 14 (serviço de utilidade pública) para o efeito alocação.

A região de Baixadas exibiu um crescimento do emprego maior do que o observado no estado, em razão do crescimento ocorrido nos setores que apresentaram variação líquida total positiva e promoveram as ofertas de postos de trabalho.

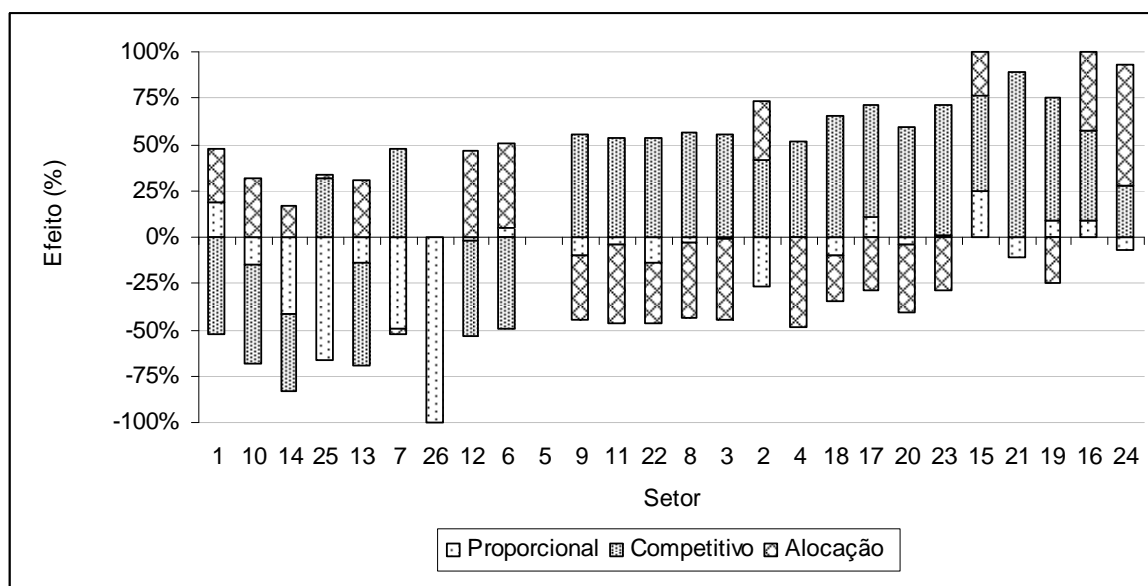


Figura 20 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Baixadas, 1999-2009.

Fonte: Dados da pesquisa

A região Sul fluminense está exibida na Tabela 21 onde se encontram os valores da variação líquida total e sua decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação, referente ao terceiro dos três períodos analisados.

Nesse período, a variação líquida total mostrou-se negativa para a maior parte dos setores da região, com exceção da indústria de material elétrico e comunicação, material de transporte, papel e gráfica, borracha, fumo e couro, química, calçados, serviços de utilidade pública, comércio varejista, comércio atacadista, créditos e seguros, transporte e comunicação, alojamento e alimentação e ensino.

Os 14 (quatorze) setores com variação líquida total negativa cresceram menos do que o crescimento teórico, que seria obtido caso crescesse a taxa do estado. Diante disso, a taxa de crescimento do emprego nesses setores, na região Sul fluminense, foi menor do que a observada para o conjunto da economia do estado.

No entanto, o emprego total dessa região exibiu um crescimento maior do que o observado no estado, em razão do crescimento ocorrido de setores como material de transporte, couro, serviço de utilidade pública, comércio varejista, comércio atacadista, transporte e comunicação, alojamento e alimentação, ensino.

Tabela 20 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Sul Fluminense, 1999-2009

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	1097,49	-9238,28	7978,04	-162,75
I. minerais não metálicos	-882,73	-102,35	3,58	-981,50
I. metalúrgica	-2185,88	-1670,98	-254,64	-4111,50
I. mecânica	640,79	-1538,10	593,43	-303,88
I. mat. elétrico/comunic.	-91,59	-1678,31	2109,96	340,07
I. material de transporte	2094,61	-130131,32	139948,55	11911,84
I. madeira e mobiliário	-768,25	-1513,91	580,79	-1701,37
I. papel e gráfica	-618,13	-109,49	13,26	-714,36
I. borracha, fumo, couro	-118,54	-3923,45	5107,96	1065,98
I. química	-495,25	422,70	630,27	557,72
I. têxtil	-542,30	-641,38	194,54	-989,14
I. calçados	-2,63	6,42	4,00	7,79
I. produtos alimentícios	-184,75	149,36	-2,00	-37,38
Serviços utilidade pública	-658,29	631,31	421,50	394,52
Construção civil	5459,46	-11005,21	2991,15	-2554,60
Comércio varejista	2569,43	1718,83	120,86	4409,12
Comércio atacadista	474,52	734,06	-170,79	1037,79
Crédito, seguros.	-582,19	645,89	61,03	124,73
Com e administração	3713,65	-11008,64	4615,79	-2679,20
Transportes/comunic.	-1092,23	2843,95	738,60	2490,33
S. alojam., alimentação	-1279,13	4652,62	1987,66	5361,14
S. médicos, odontol.	-1149,30	468,21	-6,42	-687,51
Ensino	69,47	705,49	-64,07	710,89
Administração pública	-2166,53	1373,08	-127,62	-921,08
Agricultura	-1547,46	506,70	86,71	-954,04
Outros/ignorado	-4,37	0,00	0,00	-4,37
Total	0,00	11609,22	0,00	11609,22

Fonte: resultados da pesquisa.

Parte do comportamento dinâmico de alguns dos setores econômicos da mesorregião sul fluminense é explicada a partir dos resultados, no estado, do efeito proporcional ou estrutural positivo, como é o caso da extrativa mineral, indústria mecânica, material de transporte, construção civil, comércio varejista, comércio atacadista, comércio e administração, ensino. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro. Diante disso, deve-se ao predomínio do efeito proporcional a presença de variação líquida total negativa para a maior parte dos setores considerados.

Observa-se que o efeito competitivo foi negativo para a metade dos setores, com exceção dos setores de indústria química, calçados, produtos alimentícios, serviços de utilidade pública, comércio varejista, comércio atacadista, créditos e seguros, transporte e comunicação, alojamento e alimentação, médicos e odontológicos, ensino, administração pública, agricultura e outros. Esses resultados evidenciam que, no período, a região ofereceu condições para que os setores citados exibissem um crescimento superior ao observado no estado, para os mesmos setores, mostrando-se, portanto, especialmente vantajosa para o desenvolvimento das atividades.

Entretanto, deve-se ao predomínio do efeito alocação a presença de variação líquida total positiva para a maior parte dos setores considerados. Pode-se destacar que o efeito alocação, com exceção dos setores econômicos de indústria metalúrgica, de produtos alimentícios, e para o comércio atacadista, e ainda para os serviços médicos e odontológicos, ensino e administração pública, mostrou-se positivo para todos os demais.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 21. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 21, pode-se observar que, a partir do setor número 12 (indústria de calçados), todos os demais apresentam variação líquida positiva, ou seja, apresentaram crescimento superior ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos positivos superaram os negativos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito competitivo e alocação dos setores 12 (indústria de calçados), 14 (serviço de utilidade pública), 10 (química, farmacêutico e veterinário), 20 (transporte e comunicações), 21 (serviço de alojamento e alimentação), e efeito competitivo dos setores 18 (crédito e seguro), 23 (ensino), 17 (comércio atacadista), e para os setores 5 (material elétrico e comunicação), 9 (borracha, fumo e couro), 6 (material de transporte) para o efeito alocação.

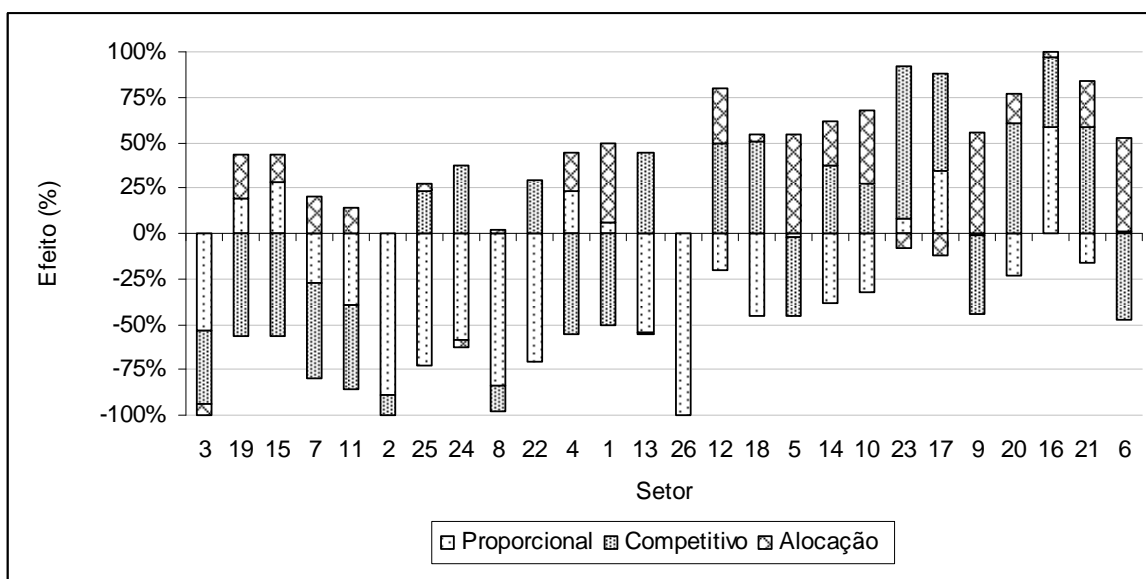


Figura 21 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Sul fluminense, 1999-2009.

Fonte: Dados da pesquisa

A região Metropolitana fluminense está exibida na Tabela 21 onde se encontram os valores da variação líquida total e sua decomposição nos efeitos proporcional, competitivo e alocação, referente ao terceiro dos três períodos analisados.

A região, nesse período, mostrou variação líquida total negativa para a maior parte dos setores da região, com exceção da indústria extrativa mineral, mecânica, material de transporte, construção civil, comércio atacadista, comércio varejista, comércio e administração.

Os 19 (dezenove) setores da economia que apresentaram variação líquida total negativa cresceram menos do que o crescimento teórico, que seria obtido caso crescesse a taxa do estado de forma global.

A região Metropolitana fluminense vem sofrendo impacto em seu processo de sustentação da taxa de crescimento do emprego exibindo crescimento menor do que o observado no estado. Fatores diversos contribuem para a manutenção do quadro acima nos três períodos analisados. A perda de centralidade metropolitana das decisões, bem como a baixa competitividade e os impactos sociais decorrentes da alta concentração populacional vêm desgastando a referida mesorregião.

Tabela 21 - Efeitos proporcional, competitivo, alocação e total, por setor econômico, região Metropolitana, 1999-2009

Setores	Efeitos			Total
	Proporcional	Competitivo	Alocação	
I. Extrativa mineral	12832,23	13167,11	-9942,99	16056,35
I. minerais não metálicos	-4561,22	-475,97	3,88	-5033,30
I. metalúrgica	-2847,94	-2512,41	451,07	-4909,28
I. mecânica	6405,42	-4850,55	1079,15	2634,02
I. mat. elétrico/comunic.	-6016,99	-583,25	54,84	-6545,41
I. material de transporte	18381,87	-9597,05	4973,36	13758,18
I. madeira e mobiliário	-3832,05	609,31	96,60	-3126,14
I. papel e gráfica	-11878,53	-1175,03	4,17	-13049,38
I. borracha, fumo, couro	-7079,19	-1205,01	44,42	-8239,79
I. química	-18648,70	-2185,12	2,83	-20831,00
I. têxtil	-11580,02	-5046,09	406,25	-16219,85
I. calçados	-375,47	-90,13	3,51	-462,09
I. produtos alimentícios	-2451,89	-3334,10	157,61	-5628,38
Serviços utilidade pública	-11519,83	-1680,88	-5,76	-13206,47
Construção civil	43303,91	-2042,02	-8,69	41253,20
Comércio varejista	33415,80	-22001,76	408,99	11823,03
Comércio atacadista	11757,55	-710,48	-47,36	10999,71
Crédito, seguros.	-21397,45	-2130,16	-42,77	-23570,37
Com e administração	74087,27	-3076,27	-310,18	70700,83
Transportes/comunic.	-24549,81	-9422,55	-109,94	-34082,29
S. alojam., alimentação	-27414,97	-17939,69	-22,36	-45377,02
S. médicos, odontol.	-18456,91	-6411,41	49,40	-24818,92
Ensino	1371,54	-2805,77	-140,82	-1575,05
Administração pública	-38406,92	-22874,50	-11,29	-61292,71
Agricultura	-4322,74	-748,81	-39,04	-5110,58
Outros/ignorado	-583,24	0,00	0,00	-583,24
Total	0,00	-126435,95	0,00	-126435,95

Fonte: resultados da pesquisa.

Parte do comportamento dinâmico de alguns dos setores econômicos da mesorregião metropolitana fluminense é explicada a partir dos resultados, no estado, do efeito proporcional ou estrutural positivo, como é o caso da extrativa mineral, indústria mecânica, material de transporte, construção civil, comércio varejista, comércio atacadista, comércio e administração, ensino. Ou seja, do total de setores considerados, estes foram os que apresentaram um crescimento superior ao crescimento observado para o total do emprego no estado do Rio de Janeiro. Diante disso, deve-se ao predomínio do efeito proporcional a presença de variação líquida total negativa para a maior parte dos setores considerados.

Todavia, deve-se ao predomínio do efeito competitivo a presença de variação líquida total negativa para a maior parte dos setores considerados. Observa-se que o efeito competitivo foi positivo para a indústria extrativa mineral e madeira e mobiliário. Esses resultados evidenciam que, no período, a região não ofereceu condições para que os demais setores exibissem um crescimento superior ao observado no estado, para os mesmos setores, mostrando-se, portanto, desvantajosa para o desenvolvimento de todas as demais atividades econômicas.

Deve-se destacar que o efeito alocação, com exceção dos setores, indústria extrativa mineral, serviço de utilidade pública, construção civil, comércio atacadista, créditos e seguros, comércio e administração, transporte e comunicação, alojamento e alimentação, ensino, administração pública e agricultura, mostrou-se positivo para todos os demais setores de atividades econômicas.

A contribuição percentual dos efeitos sobre a variação líquida total, para cada um dos setores analisados, é descrita na Figura 22. Nesta figura, os setores, na abscissa, foram dispostos em ordem crescente de variação líquida total, e sua numeração é a mesma dada na página 34, onde foram apresentados. Na figura 22, pode-se observar que, somente a partir do setor número 4 (indústria mecânica), a variação líquida apresenta-se positiva. Em sua maioria os setores apresentaram crescimento negativo ao ocorrido no estado, uma vez que os efeitos negativos superam os positivos. Esse resultado deve-se, principalmente, à preponderância do efeito proporcional e competitivo negativo, com exceção para 1 (atividade extrativa mineral), e para os setores 17 (comércio atacadista), 16 (comércio varejista), 6 (material de transporte), 15 (construção civil) e 19 (comércio e administração de imóveis) do efeito proporcional.

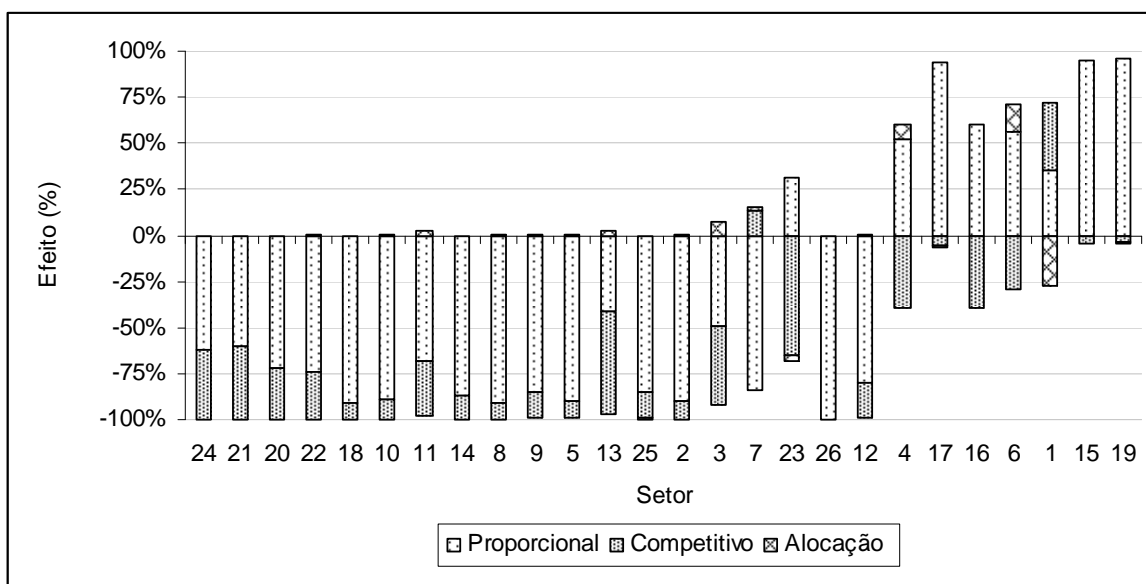


Figura 22 – Participação percentual, na variação líquida total, dos efeitos proporcional, competitivo e alocação, para os setores da região Metropolitana fluminense, 1999-2009. Fonte: Dados da pesquisa

A decomposição do efeito alocação nos componentes especialização e vantagem competitiva permitiu classificar os diversos setores, conforme definições apresentadas no Quadro 1.

No Quadro 4, que apresenta a classificação resultante, pode-se constatar que houve alta variabilidade em relação à vantagem competitiva ou desvantagem competitiva, especializada ou não especializada, do efeito alocação entre as mesorregiões fluminense.

A mesorregião noroeste fluminense apresentou, no período de 1999 - 2009, vantagem competitiva especializada para 11 (onze) subsetores da produção, e, vantagem competitiva não especializada para 1(um) subsetores da economia. Ainda, desvantagem competitiva especializada para 2 (dois) subsetores e desvantagem não especializada para 8 (oito) subsetores. Isto coloca a região noroeste em posição favorável para o avanço dos sistemas produtivos apontados.

A mesorregião norte fluminense apresentou, no período de 1999 - 2009, vantagem competitiva especializada para 8 (oito) subsetores da economia, e, desvantagem competitiva especializada para 12 (doze) subsetores, desvantagem especializada para 1 (um) subsetor e desvantagem não especializada para 5 (cinco) subsetores. A resposta ao efeito alocação de 31 % dos setores com

vantagem competitiva especializada mostra que a região cresce nos referidos setores mais do que o estado.

A mesorregião centro fluminense apresentou, no período de 1999 - 2009, vantagem competitiva especializada para 11 (onze) setores da economia, e, vantagem competitiva não especializada para 1 (um) setor. Ainda, desvantagem competitiva especializada para 2 (dois) setores e desvantagem competitiva não especializada para 11 (onze) subsetores. Diante disso, pode-se constatar que a região centro fluminense possui 42% dos setores da economia que apresentaram maior vantagem competitiva especializada do que o estado.

A mesorregião baixadas apresentou, no período de 1999 - 2009, vantagem competitiva especializada para 6 (seis) setores da economia, e, vantagem competitiva não especializada para 12 (doze) setores. Ainda, desvantagem competitiva especializada para 1 (um) setor e desvantagem competitiva não especializada para 6 (seis) subsetores. Diante disso, pode-se constatar que a região baixadas mostra que 54% dos setores da economia apresentaram maior vantagem competitiva especializada do que o estado.

Quadro 4 – Classificação das atividades econômicas, por região, com base nos componentes do efeito alocação, período 1999 a 2009

Vantagem competitiva		Desvantagem competitiva	
Especializada	Não especializada	Especializada	Não especializada
Região Noroeste fluminense			
I. metalúrgica I. madeira e mobiliário I. papel e gráfica I. química I. têxtil I. calçados Comércio varejista Comércio atacadista Crédito, seguros. S. alojam., alimentação S. médicos, odontol. Ensino Agricultura	Transportes/comunic.	I. produtos alimentícios Administração pública	I. Extrativa mineral I. minerais não metálicos I. mecânica I. material de transporte I. borracha, fumo, couro Serviços utilidade pública Construção civil Com e administração
Região Norte fluminense			
I. Extrativa mineral I. minerais não metálicos I. mecânica I. mat. elétrico/comunic. I. produtos alimentícios Serviços utilidade pública Construção civil Transportes/comunic.	I. metalúrgica I. material de transporte I. papel e gráfica I. borracha, fumo, couro I. química Comércio varejista Crédito, seguros. Com e administração S. alojam., alimentação S. médicos, odontol. Ensino Administração pública	Outros/ignorado	I. madeira e mobiliário I. têxtil I. calçados Comércio atacadista Agricultura

Região Centro Fluminense			
I. metalúrgica I. mat. elétrico/comunic. I. madeira e mobiliário I. papel e gráfica I. química I. têxtil I. calçados Crédito, seguros. S. alojam., alimentação S. médicos, odontol. Agricultura	Com e administração	I. produtos alimentícios Comércio atacadista	I. Extrativa mineral I. minerais não metálicos I. mecânica I. material de transporte I. borracha, fumo, couro Serviços utilidade pública Construção civil Comércio varejista Transportes/comunic. Ensino Administração pública
Região Baixadas			
I. minerais não metálicos Construção civil Comércio varejista S. alojam., alimentação Administração pública Agricultura	I. metalúrgica I. mecânica I. madeira e mobiliário I. papel e gráfica I. borracha, fumo, couro I. têxtil Comércio atacadista Crédito, seguros. Com e administração Transportes/comunic. S. médicos, odontol. Ensino	Outros/ignorado	I. Extrativa mineral I. material de transporte I. química I. calçados I. produtos alimentícios Serviços utilidade pública
Região Sul Fluminense			
I. mat. elétrico/comunic. I. material de transporte I. borracha, fumo, couro I. química I. calçados Serviços utilidade pública Comércio varejista Crédito, seguros. Transportes/comunic. S. alojam., alimentação Agricultura	I. produtos alimentícios Comércio atacadista S. médicos, odontol. Ensino Administração pública	I. metalúrgica Outros/ignorado	I. Extrativa mineral I. minerais não metálicos I. mecânica I. madeira e mobiliário I. papel e gráfica I. têxtil Construção civil Com e administração
Região Metropolitana			
I. madeira e mobiliário	I. Extrativa mineral	Serviços utilidade pública Construção civil Comércio atacadista Crédito, seguros. Com e administração Transportes/comunic. S. alojam., alimentação Ensino Administração pública Agricultura	I. minerais não metálicos I. metalúrgica I. mecânica I. mat. elétrico/comunic. I. material de transporte I. papel e gráfica I. borracha, fumo, couro I. química I. têxtil I. calçados I. produtos alimentícios Comércio varejista S. médicos, odontol. Outros/ignorado

Fonte: Dados da pesquisa

A mesorregião sul fluminense apresentou, no período de 1999 - 2009, vantagem competitiva especializada para 11 (onze) setores da economia, e, ainda, vantagem competitiva não especializada para 5 (cinco) setores e desvantagem competitiva especializada para 2 (dois) subsetores. Ainda,

desvantagem não especializada para 8 (oito) subsetores. Diante disso, pode-se constatar que a região sul fluminense mostra que 42% dos setores da economia apresentaram maior crescimento do que o estado.

A mesorregião metropolitana fluminense apresentou, no período de 1999 - 2009, vantagem competitiva especializada para 1 (um) setor da economia, e, vantagem competitiva não especializada para 1 (um) setor. Ainda, desvantagem competitiva especializada para 10 (dez) setores e desvantagem competitiva não especializada para 14 (quatorze) subsetores. Diante disso, pode-se constatar que a região metropolitana fluminense mostra apenas o setor de madeira e mobiliário da economia apresentando maior vantagem competitiva especializada do que o estado.

4.2. As mudanças na distribuição espacial da economia fluminense

O comportamento diferenciado das atividades econômicas entre as mesorregiões do estado, abordado no item anterior, vem se refletindo em mudanças na distribuição regional da economia fluminense, como pode ser observado na tabela 22, que apresenta a distribuição do emprego, ou seja, do número de trabalhadores com registro formal nas mesorregiões do Rio de Janeiro, nos anos de 1987 a 2009.

Verifica-se que a mesorregião metropolitana concentra a maior parte do quantitativo do emprego no estado. Entretanto, sua participação na contribuição do emprego em relação ao estoque total de emprego do estado do Rio de Janeiro diminuiu no período do estudo.

Por outro lado, as demais regiões que compõem o interior fluminense tiveram taxas de crescimento superior a taxa de crescimento do estado como um todo, o que é indicativo de melhor condição de promoção das atividades econômicas no interior do Rio de Janeiro, para o período considerado. Diante disso, pode-se inferir que o interior fluminense contribuiu de forma efetiva na ampliação de postos de trabalho formais no território fluminense.

Esta situação coincide com as demais regiões do país e decorre da reorganização produtiva do fruto do modelo de acumulação flexível em curso que, em sua expansão, busca condições mais favoráveis de competitividade para a

instalação da produção, tendo em vista a ampliação de acumulação de capital.

Tabela 22 - Evolução do emprego por mesorregião do Rio de Janeiro e taxa anual média de crescimento, no período de 1987- 2009

Ano	Mesorregiões do Rio de Janeiro						Total
	Noroeste Fluminense	Norte Fluminense	Centro Fluminense	Baixas	Sul Fluminense	Metropolitana do Rio de Janeiro	
1987	20799	80661	57895	30020	160356	2548636	2898367
1988	22715	87238	59663	31380	161028	2668729	3030753
1989	23889	84442	62406	33113	155652	2669142	3028644
1990	23883	79230	57942	32082	145213	2500202	2838552
1991	23904	80690	62215	34829	141003	2442408	2785049
1992	24323	70856	55702	33120	134085	2300978	2619064
1993	23574	78440	56545	37045	140283	2365146	2701033
1994	24895	75852	63658	38870	145724	2341788	2690787
1995	25924	78545	68148	40516	145318	2329741	2688192
1996	28660	85301	68008	43243	143756	2343558	2712526
1997	29045	84131	70113	46634	142619	2282852	2655394
1998	30647	86225	71021	46654	148311	2303518	2686376
1999	33323	86838	77980	49689	147965	2245503	2641298
2000	30760	98640	77477	51866	155765	2303630	2718138
2001	33607	113523	77563	59479	160317	2356881	2801370
2002	36022	125729	82129	63314	168458	2446811	2922463
2003	38319	134995	84892	68915	173266	2444806	2945193
2004	38473	151208	88906	75315	178602	2527670	3060174
2005	40382	165774	93917	84368	191133	2616210	3191784
2006	42173	187952	100061	94535	199993	2748913	3373627
2007	42213	211573	101579	104401	205983	3000097	3665846
2008	43564	211390	104546	102399	216909	3033575	3712383
2009	45927	204637	109824	115798	227356	3147717	3851259
taxa	3,50	4,13	2,82	6,05	1,53	0,92	1,24

Fonte: RAIS, elaborada pelo autor

O estado do Rio de Janeiro apresentou taxa de crescimento do emprego formal de 1,24% no período considerado. Por outro lado, a região metropolitana que é a detentora do maior contingente de trabalhadores formais exibe um crescimento de 0,92% no mesmo período.

Observa-se, ainda, que a mesorregião noroeste fluminense apresenta uma taxa de crescimento do emprego formal de 3,50%, no período em análise. Esse resultado é indício de um destacado encadeamento produtivo no interior dessa mesorregião que tem o setor agropecuário como o forte promotor das atividades produtivas.

A mesorregião Baixadas apresenta uma taxa de crescimento 6,05% ao ano na participação do estoque de emprego no território fluminense, no período de 1987 – 2009. Embora sua participação na contribuição do emprego no estado do Rio de Janeiro não seja expressiva, é preciso evidenciar que setores

produtivos desta mesorregião apresentaram forte evolução na ampliação de postos de trabalho formais.

A tabela 23 apresenta a distribuição do emprego formal nas mesorregiões do Rio de Janeiro, nos anos de 1987 e 2009. Verifica-se que o estado do Rio de Janeiro apresentou redução na participação da contribuição dos postos de trabalho de 12,81% para 9,35 % em relação ao estoque de emprego do país. Quando se considera a participação da região metropolitana, no total do emprego do Brasil, constata-se que sua contribuição foi de 11,27%, em 1987, para 7,64%, em 2009, o que demonstra queda na contribuição no decorrer do período considerado.

A análise da mesorregião norte fluminense mostra crescimento na contribuição da participação do emprego de 0,36 %, em 1987, para 0,50 %, em 2009, em relação ao estoque nacional. Verifica-se que, com relação a participação na contribuição total do emprego no estado do Rio de Janeiro, a mesorregião norte fluminense amplia a contribuição na participação de 2,78% para 5,31%.

A mesorregião Baixadas indica crescimento na contribuição da participação do emprego de 0,13 %, em 1987, para 0,28 %, em 2009, em relação ao estoque nacional. Verifica-se que, com relação a participação na contribuição total do emprego no estado do Rio de Janeiro, a mesorregião Baixadas aumenta a contribuição na participação de 1,04% para 3,01%.

Tabela 23 - Distribuição do Emprego por Mesorregião do Rio de Janeiro 1987 e 2009

Mesorregião	1987			2009		
	emprego	% Brasil	% Rio	emprego	% Brasil	% Rio
Metropolitana	2.548.636	11,27	87,93	3.147.717	7,64	81,73
Norte Fluminense	80.661	0,36	2,78	204.637	0,50	5,31
Baixadas	30.020	0,13	1,04	115.798	0,28	3,01
Sul Fluminense	160.356	0,71	5,53	227.356	0,55	5,90
Noroeste Fluminense	20.799	0,09	0,72	45.927	0,11	1,19
Centro Fluminense	57.895	0,26	2,00	109.824	0,27	2,85
Total do Rio de Janeiro	2.898.367	12,81	100	3.851.259	9,35	100
Total do Brasil	22.617.787	100		41.207.546	100	

Fonte: RAIS, montada pelo autor.

A mesorregião Sul fluminense exhibe redução na contribuição da participação do emprego de 0,71 %, em 1987, para 0,55 %, em 2009, em relação ao estoque nacional. Verifica-se que, com relação à participação na contribuição

total do emprego no estado do Rio de Janeiro, a mesorregião sul fluminense cresce a contribuição na participação de 5,53% para 5,90%.

A mesorregião noroeste fluminense mostra crescimento na contribuição da participação do emprego de 0,09 %, em 1987, para 0,11 %, em 2009, em relação ao estoque nacional. Verifica-se que, com relação à participação na contribuição total do emprego no estado do Rio de Janeiro, a mesorregião noroeste fluminense cresce a contribuição na participação de 0,72% para 1,19%.

A mesorregião centro fluminense apresenta discreto crescimento na contribuição da participação do emprego de 0,26 %, em 1987, para 0,27 %, em 2009, em relação ao estoque nacional. Verifica-se que, com relação à participação na contribuição total do emprego no estado do Rio de Janeiro, a mesorregião centro fluminense estende a contribuição na participação de 2,00% para 2,85%.

A redução da participação da região metropolitana na contribuição do total do emprego do estado do Rio de Janeiro pode também ser constatada mediante comparação entre as figuras 23 e 24. Nelas, pode-se observar que a mesorregião metropolitana fluminense, em 1987, detinha quase 88% do estoque de emprego nas atividades produtivas do estado do Rio de Janeiro. Em 2009, esse índice passa para valor percentual próximo de 82% dos empregos nas atividades econômicas do estado. Identifica-se, portanto, que, embora a economia do estado permaneça concentrada na mesorregião metropolitana, há um processo de desconcentração, caracterizado pelo crescimento de postos de trabalho nas atividades produtivas nas demais mesorregiões do estado.

A região Noroeste fluminense apresenta crescimento de 0,7% para 1,2% na contribuição do emprego formal do estado do Rio de Janeiro. Nesta região deve-se considerar que sendo o subsetor agricultura, pecuária, extrativa vegetal que polariza as atividades e sabendo que as pessoas envolvidas com a agricultura familiar não foi objeto desta pesquisa isto facilita a compreensão da pequena evolução.

A região Norte fluminense exhibe crescimento na contribuição do emprego em relação ao total do estado de 2,8% para 5,3%. A explicação provável para a ampliação apresentada é que os municípios de Macaé e Campos dos Goytacazes

tenham polarizado a ampliação do emprego. Entretanto, estudos complementares precisam ser realizados para comprovar a hipótese.

Identifica-se que na região Centro fluminense o aumento é de 2,0% para 2,9% em relação ao total do emprego formal fluminense. A região Sul fluminense exibe um crescimento de 5,5% para 5,9% em relação à contribuição do emprego formal do estado. Estas regiões são influenciadas pelos encadeamentos da região metropolitana, fato que, possivelmente, ajuda a explicar a discreta evolução.

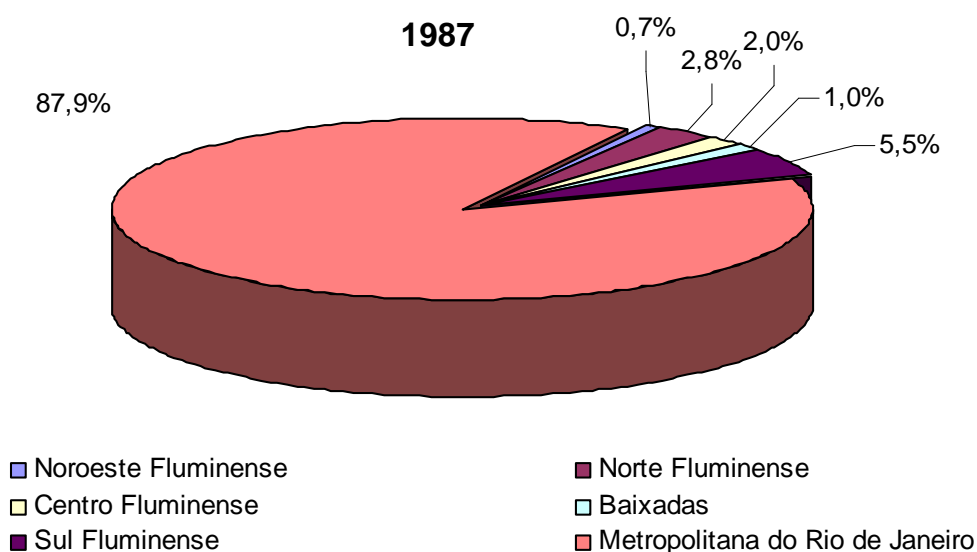


Figura 23 – Distribuição do emprego por mesorregião fluminense - 1987

Fonte: Dados da pesquisa

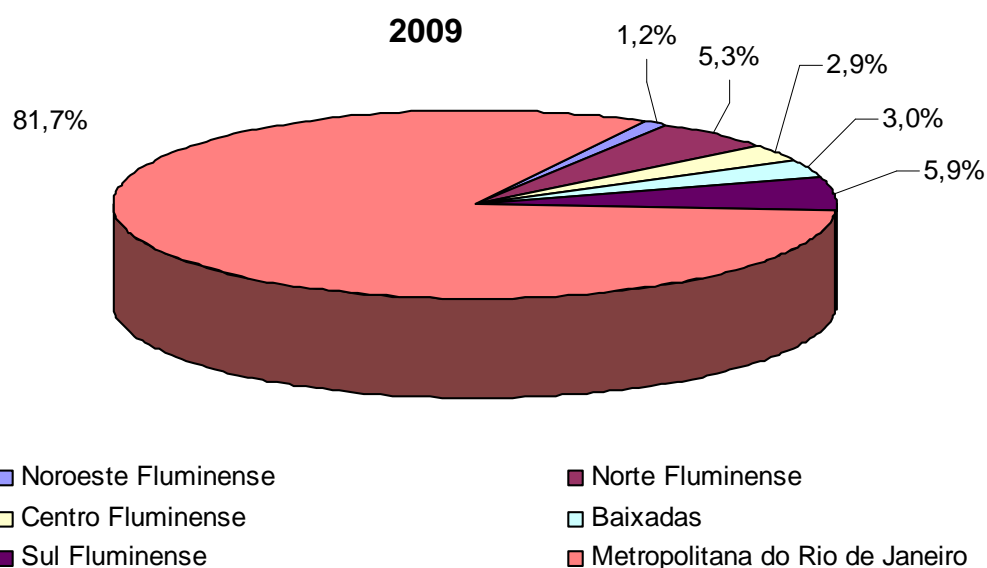


Figura 24 – Distribuição do emprego por mesorregião fluminense – 2009

Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se constatar que a mesorregião Baixadas apresenta a maior evolução de crescimento saindo de um percentual de contribuição de 1,0% para 3,0% em relação ao estado do Rio de Janeiro. A formalização das atividades e o efetivo crescimento do comércio, hotelaria e turismo são setores que, possivelmente, alavancaram a ampliação do emprego na região.

As mudanças até aqui observadas implicaram na redução da concentração espacial da economia fluminense, tradicionalmente calcada na região metropolitana. Na tabela 24, que apresenta os Índices de Concentração do Emprego nas Mesorregiões do estado do Rio de Janeiro no período de 1987 – 2009, verifica-se que houve uma redução de 0,06 pontos no índice de Gini, 0,09 pontos para Theil. A região metropolitana apresenta redução de 6,20 pontos percentuais na razão de concentração. Quando se considera as duas maiores mesorregiões a redução é de 5,83 pontos percentuais e de 2,29 pontos percentuais para a razão de concentração das quatro maiores mesorregiões, o que caracteriza a ocorrência de um vagaroso processo de desconcentração dos postos de trabalho ao longo dos anos analisados.

Tabela 24 – Índices de Concentração e a variação do Emprego do estado do Rio de Janeiro 1987 – 2009

Ano	Índ. Gini	Índ. Theil	CR1	CR2	CR4
1987	0,75	1,20	87,93	93,47	98,25
1988	0,75	1,20	88,05	93,37	98,22
1989	0,75	1,20	88,13	93,27	98,12
1990	0,75	1,20	88,08	93,20	98,03
1991	0,74	1,19	87,70	92,76	97,89
1992	0,74	1,20	87,85	92,97	97,81
1993	0,74	1,19	87,56	92,76	97,76
1994	0,74	1,18	87,03	92,45	97,63
1995	0,73	1,18	86,67	92,07	97,53
1996	0,73	1,17	86,40	91,70	97,35
1997	0,73	1,17	85,97	91,34	97,15
1998	0,72	1,16	85,75	91,27	97,12
1999	0,72	1,15	85,02	90,62	96,86
2000	0,72	1,15	84,75	90,48	96,96
2001	0,71	1,14	84,13	89,86	96,68
2002	0,71	1,13	83,72	89,49	96,60
2003	0,70	1,12	83,01	88,89	96,36
2004	0,70	1,12	82,60	88,44	96,28
2005	0,69	1,11	81,97	87,96	96,09
2006	0,69	1,10	81,48	87,41	95,95
2007	0,69	1,11	81,84	87,61	96,08
2008	0,69	1,11	81,72	87,56	96,07
2009	0,69	1,11	81,73	87,64	95,96
Variação	- 0,06	- 0,09	- 6,20	- 5,83	- 2,29

Fonte: resultado da pesquisa

As figuras 25, 26 e 27 ilustram o processo de desconcentração dos postos de trabalho formal nas atividades econômicas do Rio de Janeiro utilizando os índices de Gini, Theill e a razão de concentração em três níveis para a variável emprego no período de 1987 – 2009. Constata-se a redução na concentração regional do emprego, a mesorregião metropolitana tradicionalmente detentora da grande massa dos postos de trabalho vem perdendo espaço no processo de ampliação das atividades produtivas ao longo do período de estudo.

Os altos índices de concentração expressados na análise CR1 referem-se à mesorregião metropolitana e reflete a persistência dessa, mesmo com elevados custos sociais e ambientais, pela busca de adaptações industriais que são empreendidas na contramão do novo paradigma tecnológico. Deve-se destacar que o aglomerado de centros de alta tecnologia e inovações existentes na capital do estado vem corroborando para perpetuar a condição de hegemonia das ampliações da produção fluminense.

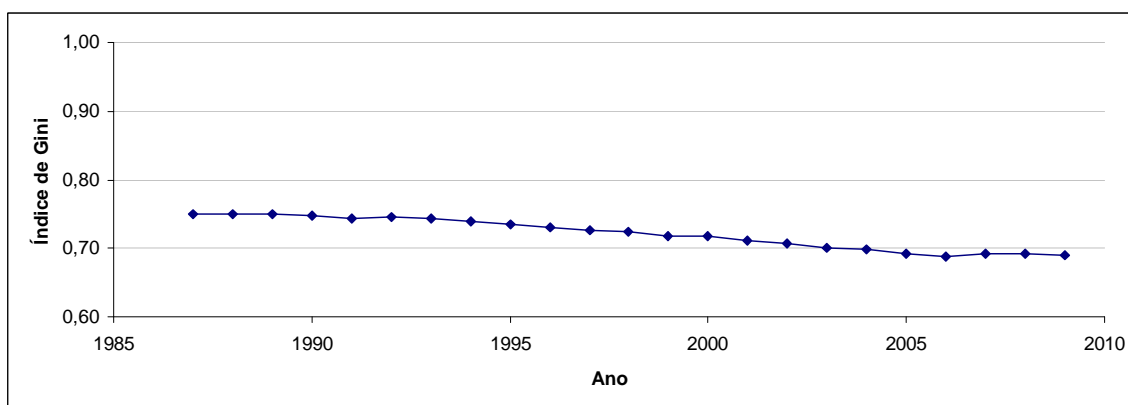


Figura 25 - Evolução do índice de Gini das Atividades Econômicas dos Municípios do Rio de Janeiro usando o indicador Emprego 1987 – 2009.

Fonte: Dados da pesquisa

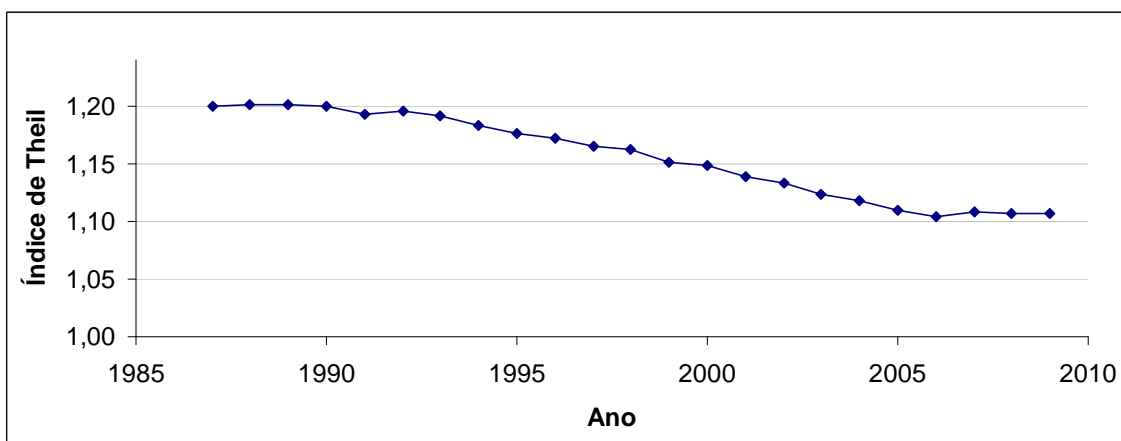


Figura 26 - Evolução do índice de Theil das Atividades Econômicas dos Municípios do Rio de Janeiro usando o indicador Emprego 1987 – 2009.

Fonte: Dados da pesquisa

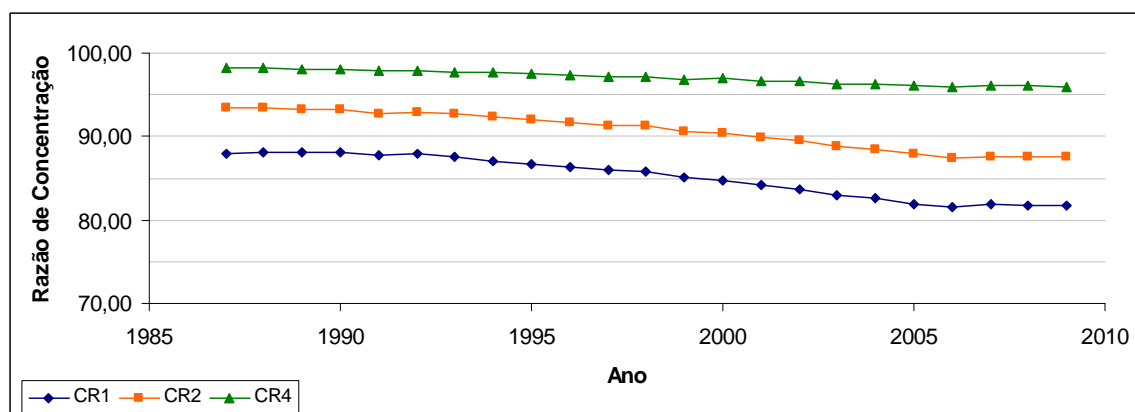


Figura 27 - Evolução da Razão de Concentração das Atividades Econômicas das Mesorregiões do Rio de Janeiro usando o indicador Emprego 1987 – 2009.

Fonte: Dados da pesquisa

A constatação de curvas decrescentes feitas através da leitura das figuras 25, 26 e 27, em que se utilizam formas diferentes para analisar o indicador emprego fluminense confirma a existência de um processo complexo e lento de desconcentração das atividades produtivas no território do Rio de Janeiro, no período considerado.

4.3. A redistribuição espacial da economia entre as regiões do interior do estado do Rio de Janeiro.

As mesorregiões metropolitanas brasileiras vêm historicamente ocupando a centralidade das decisões e do processo de expansão das atividades produtivas, o que reflete de forma centralizada nas oportunidades de empregos.

Segundo Sabóia (2000) nos anos de 1990 ocorre uma reorganização do espaço produtivo e estas regiões começam a perder os atrativos indispensáveis ao avanço dos setores da economia. A centralidade fica comprometida e a busca pela coesão territorial exige um outro projeto de desenvolvimento.

Nesta seção, utilizando-se do emprego como indicador da distribuição regional das atividades econômicas, busca-se compreender como a organização territorial e econômica das mesorregiões do interior fluminense afeta o processo de desenvolvimento produtivo fluminense, no período de 1987 – 2009. A escolha do ano de 1987 tem por base os fortes embates sobre o processo democrático brasileiro que antecederam e geraram a reforma constitucional de 1988. Através dessa análise, busca-se inferir sobre a distribuição do emprego no interior fluminense nos últimos anos, e sobre o modo como vem se consolidando a apropriação da riqueza do território.

A tabela 25 apresenta a evolução do emprego nas cinco mesorregiões do interior do Rio de Janeiro, entre os anos de 1987 a 2009. A evolução do emprego nas atividades produtivas segue os reflexos da estrutura econômica do estado e do país.

Tabela 25 - Distribuição do emprego por mesorregião do interior fluminense, período de 1987 – 2009, e taxa média anual de crescimento (%)

Emprego - Mesorregiões do interior do Rio de Janeiro						
Ano	Noroeste Fluminense	Norte Fluminense	Centro Fluminense	Baixas	Sul Fluminense	Total Interior Fluminense
1987	20799	80661	57895	30020	160356	351718
1988	22715	87238	59663	31380	161028	364012
1989	23889	84442	62406	33113	155652	361491
1990	23883	79230	57942	32082	145213	340340
1991	23904	80690	62215	34829	141003	344632
1992	24323	70856	55702	33120	134085	320078
1993	23574	78440	56545	37045	140283	337880
1994	24895	75852	63658	38870	145724	350993
1995	25924	78545	68148	40516	145318	360446
1996	28660	85301	68008	43243	143756	370964
1997	29045	84131	70113	46634	142619	374539
1998	30647	86225	71021	46654	148311	384856
1999	33323	86838	77980	49689	147965	397794
2000	30760	98640	77477	51866	155765	416508
2001	33607	113523	77563	59479	160317	446490
2002	36022	125729	82129	63314	168458	477654
2003	38319	134995	84892	68915	173266	502390
2004	38473	151208	88906	75315	178602	534508
2005	40382	165774	93917	84368	191133	577579
2006	42173	187952	100061	94535	199993	626720

2007	42213	211573	101579	104401	205983	667756
2008	43564	211390	104546	102399	216909	680816
2009	45927	204637	109824	115798	227356	705551
Taxa	3,50	4,13	2,82	6,05	1,53	3,07

Fonte: RAIS, elaborada pelo autor

O interior fluminense exhibe taxa de crescimento de 3,07%, no período considerado pela pesquisa. Isto confirma que os encadeamentos produtivos do conjunto das mesorregiões fora da metropolitana têm produzido condições de promoção a partir de seus setores econômicos.

A região sul fluminense apresenta taxa de crescimento de 1,53%, valor inferior a todas as demais regiões do interior do estado. Quando se compara a região sul fluminense com o crescimento do conjunto das regiões do interior sua taxa aproxima-se da metade. Em outras palavras, nessa região se depara com o menor crescimento em relação ao todo das regiões do interior do estado, o que contribui de forma menos expressiva para o avanço do processo de interiorização dos postos de trabalho.

Cabe destaque para as mesorregiões baixadas e norte fluminense cresceram, respectivamente, a uma taxa de 6,05% e 4,13% ao ano. Segundo Oliveira (1999), vem ocorrendo uma dinâmica migratória da região metropolitana para o interior fluminense em função da localização da atividade extrativa mineral e seus encadeamentos nos municípios que integram o território.

A figura 28 apresenta a Evolução do Emprego formal nas Cinco Mesorregiões do Interior do Estado do Rio de Janeiro de 1987 – 2009. Verifica-se um comportamento crescente do estoque de emprego nos últimos 10 (dez) anos nas mesorregiões do interior.

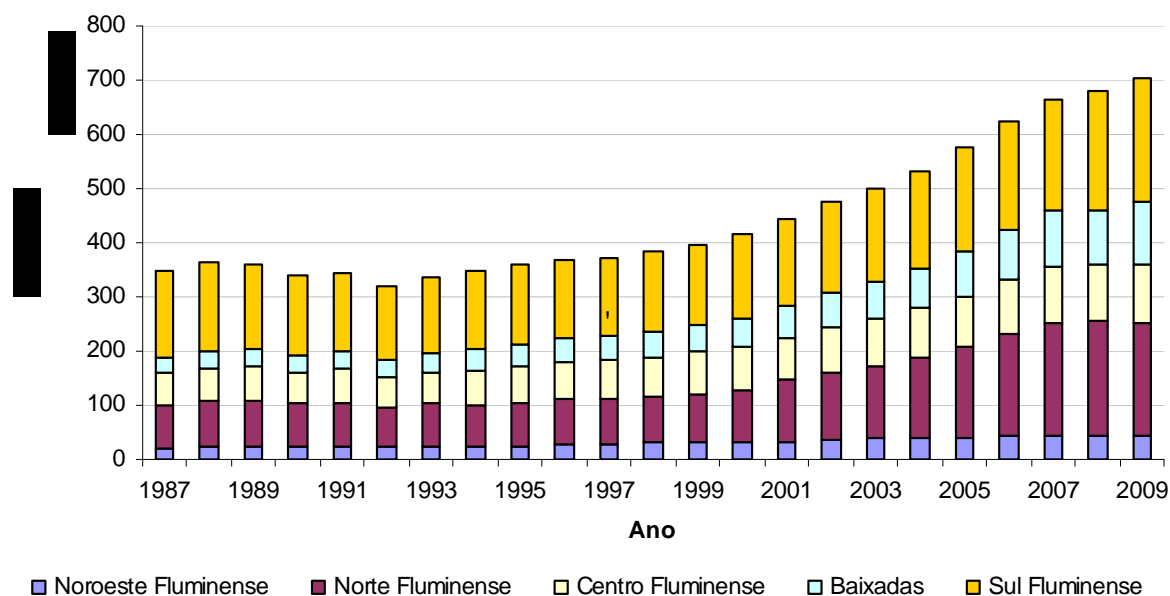


Figura 28 – Evolução do Emprego nas Cinco Mesorregiões do Interior Fluminense de 1987 – 2009
Fonte: Dados da pesquisa

A mesorregião noroeste fluminense possui a menor contribuição no estoque de emprego das atividades produtivas. Porém, pode-se identificar um crescimento de 3,5% ao ano, possivelmente, encadeada pelas atividades ligadas ao setor de agricultura, pecuária e à agroindústria.

Observa-se que a mesorregião baixadas apresenta evolução crescente e alcança ao final do período estudado (2009) o dobro do percentual do estoque de emprego em relação ao total do interior do Estado do Rio de Janeiro.

As mesorregiões centro e sul fluminense apresentaram uma evolução discreta no período, o que demonstra, de certa forma, dependência da mesorregião metropolitana e das ações de governo no que tange a infraestrutura de apoio a produção, bem como de estímulo a condições internas para sua promoção.

As Figuras 29 e 30 ajudam a visualizar a situação do interior fluminense no ano inicial da pesquisa (1987) e final (2009). Pode-se constatar que a mesorregião noroeste fluminense apresenta uma contribuição do emprego em relação ao total do emprego das mesorregiões do interior fluminense de 5,9%, em 1987, para 6,5%, em 2009, o que confirma uma evolução positiva, porém, modesta, dada a sua baixa capacidade de promoção de fatores de fortalecimento de sua produção.

A mesorregião norte fluminense exibe uma contribuição do emprego em relação ao total do emprego das mesorregiões do interior fluminense de 23,1%, em 1987, e de 29,1%, em 2009, o que evidencia crescimento da contribuição no estoque do emprego entre as regiões do interior, confirmando o fortalecimento de sua economia impulsionado pelos segmentos econômicos, especialmente, aqueles articulados pelas atividades relacionadas ao petróleo.

A mesorregião Baixadas passou sua contribuição do emprego em relação ao total do emprego das mesorregiões do interior fluminense de 8,6%, em 1987, para 16,5%, em 2009, o que demonstra o maior crescimento na contribuição do estoque de emprego entre as regiões do interior no período da pesquisa.

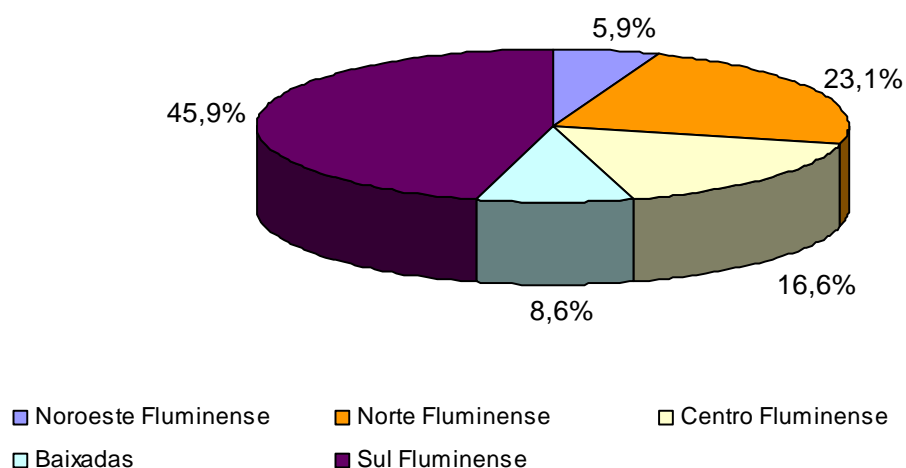


Figura 29 - Distribuição do emprego por mesorregião do interior fluminense - 1987
Fonte: dados da pesquisa

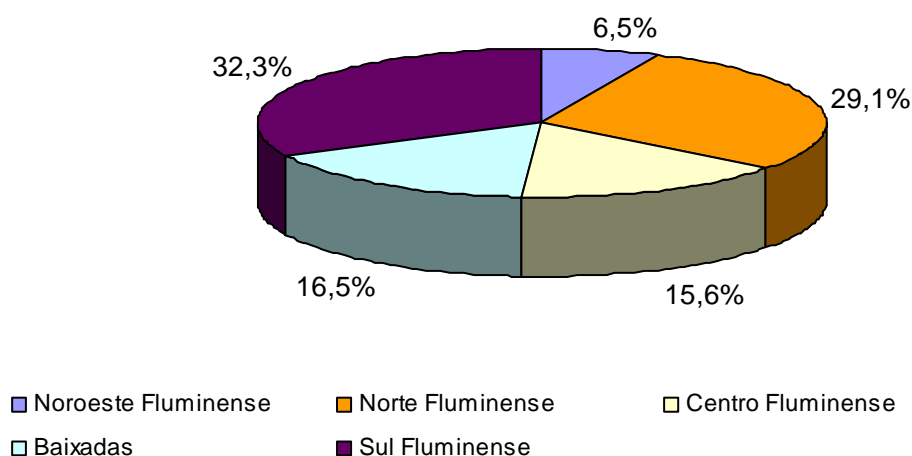


Figura 30 - Distribuição do emprego por mesorregião do interior fluminense - 2009
 Fonte: dados da pesquisa

A mesorregião centro fluminense mostra sua contribuição do emprego em relação ao total do emprego das mesorregiões do interior fluminense de 16,6%, em 1987, para 15,6%, em 2009, o que demonstra leve regressão ou estagnação na contribuição no estoque do emprego considerando as regiões do interior no período da análise.

A mesorregião sul fluminense passou sua contribuição do emprego em relação ao total do emprego das mesorregiões do interior fluminense de 45,6%, em 1987, para 32,2%, em 2009, o que demonstra decréscimo na contribuição do estoque de emprego considerando as regiões do interior no período do trabalho. Diante disso, pode-se inferir que a região vem apresentando poucos fatores de competitividade para o avanço de sua produção em relação às demais regiões do interior.

4.4 O comportamento do emprego no estado do Rio de Janeiro, por atividade econômica.

Esta seção apresenta uma discussão que envolve os setores econômicos das atividades produtivas fluminense, no período de 1987 – 2009.

A Tabela 26 mostra a evolução do emprego das atividades econômicas nas mesorregiões Fluminense no período de 1987 – 2009. Pode-se constatar que as atividades econômicas fluminense foram agrupadas em 9 (nove) subsectores, relacionados a seguir, indústria, serviços, construção civil, comércio, transporte e comunicação, ensino, administração pública e ensino. A escolha visa facilitar a análise das variações no estoque de empregos nestas atividades em relação ao total do estado do Rio de Janeiro no período da pesquisa.

O setor de indústria exhibe taxa anual de redução do emprego de 1,28%, o menor entre os setores identificados pela pesquisa no período considerado. Isto aponta para um processo de reorganização do referido setor no estado e ainda permite inferir que as atividades industriais instaladas são intensas em sistemas de automação de seus processos produtivos, o que exige um contingente menor de mão-de-obra no conjunto da fábrica, porém, mais intensivo em qualificação.

O setor serviços apresenta taxa de crescimento de 0,92% ao ano, valor inferior ao índice do estado. Em outras palavras, nessa região se depara com crescimento menor em relação ao todo das regiões do estado.

Observa-se que nos setores de construção civil e comércio as taxas de crescimento são, respectivamente, de 2,34% e 2,56%, o que de certa forma reflete a articulação entre os campos econômicos.

Tabela 26 - Evolução do emprego por atividade econômica das mesorregiões Fluminense, no período de 1987 – 2009

Ano	indústria	Serviços	Const. Civil	Comércio	Transp. e comunic.	Ensino	Admin. Pública	Agricultura	Outros / ignorado	Total
1987	598716	503463	121300	766767	190681	46061	604949	5577	60853	2898367
1988	594065	510578	121851	785844	207707	47107	631388	5470	126743	3030753
1989	604656	523013	115075	811086	206715	47313	605832	13420	101534	3028644
1990	536099	497406	103435	727337	183421	48084	540576	12508	189686	2838552
1991	484332	478741	108794	700977	185924	48388	523954	11115	242824	2785049
1992	426438	458152	116962	651075	176953	45469	475073	11885	257057	2619064
1993	419855	455585	101696	665942	171287	45180	510892	12537	318059	2701033
1994	419528	409045	114742	763879	208916	60165	494733	22125	197654	2690787
1995	394172	443897	114603	778380	219618	124961	545350	27399	39812	2688192
1996	379865	458396	127448	804900	211093	120096	571579	27383	11766	2712526
1997	343859	457794	120016	823457	211893	121498	549352	24299	3226	2655394
1998	328982	471050	115852	840640	217666	129515	558128	23929	614	2686376
1999	317114	471067	104914	862143	205122	124890	531564	24076	408	2641298
2000	312559	475363	102092	913511	218468	129338	543073	23508	226	2718138
2001	311756	478309	107628	945925	216461	140145	578188	22958	0	2801370
2002	324110	493396	111003	995038	225667	135354	614796	23099	0	2922463
2003	326719	501352	108193	1030591	210815	141765	601285	24473	0	2945193

2004	338925	524457	108634	1088277	214743	145833	610520	28785	0	3060174
2005	357726	562086	116108	1139987	217091	146564	623935	28287	0	3191784
2006	399036	563659	147525	1170092	226444	163816	676229	26826	0	3373627
2007	411275	599842	158096	1256074	245229	171855	798504	24971	0	3665846
2008	437956	608080	182636	1331051	258640	178208	692040	23772	0	3712383
2009	444815	621623	206625	1370208	271540	183646	729665	23137	0	3851259
taxa	- 1,28	0,92	2,34	2,56	1,55	6,20	0,82	6,38	-100,00	1,24

Fonte: resultado da pesquisa

O setor de transporte e comunicação exhibe taxa anual de crescimento do emprego de 1,55%, o que indica investimento em infra-estrutura de comunicação e rodovias com captação de mão-de-obra para execução dos trabalhos, principalmente, com telefonia, reforma e construção de vias.

Pode-se constatar que no setor de ensino a taxa de crescimento foi de 6,20%, o que representa um expressivo aumento da atividade conectada a preparação de cidadãos para o mundo do trabalho.

O setor agricultura, silvicultura, pecuária e produção vegetal mostra taxa de crescimento de 6,38%, a maior entre os setores considerados. Isto é um indicativo de que a agricultura patronal cresce no estado. Entretanto, sabe-se que a agricultura familiar, que envolve maior quantitativo de trabalhadores, não é uma categoria levada em conta neste estudo.

As Figuras 31 e 32 exibem a distribuição do emprego nas atividades econômicas das regiões do Rio de Janeiro nos anos de 1987 e 2009.

O setor de indústria exhibe, em 1987, uma participação no estoque de emprego de 20,7% em relação ao total dos empregos no estado do Rio de Janeiro. Em 2009, esse setor passa sua contribuição para 11,5% em relação ao total do emprego das atividades econômicas fluminense.

O setor de serviços apresenta, em 1987, uma participação no estoque de emprego de 17,4% em relação ao total dos empregos no estado do Rio de Janeiro. Em 2009, a contribuição é de 16,1%.

Em 1987, a construção civil proporciona uma participação no estoque de emprego de 4,2% em relação ao total dos empregos no estado do Rio de Janeiro. Em 2009, a contribuição alcança 5,4% em relação ao total do emprego das atividades econômicas do estado.

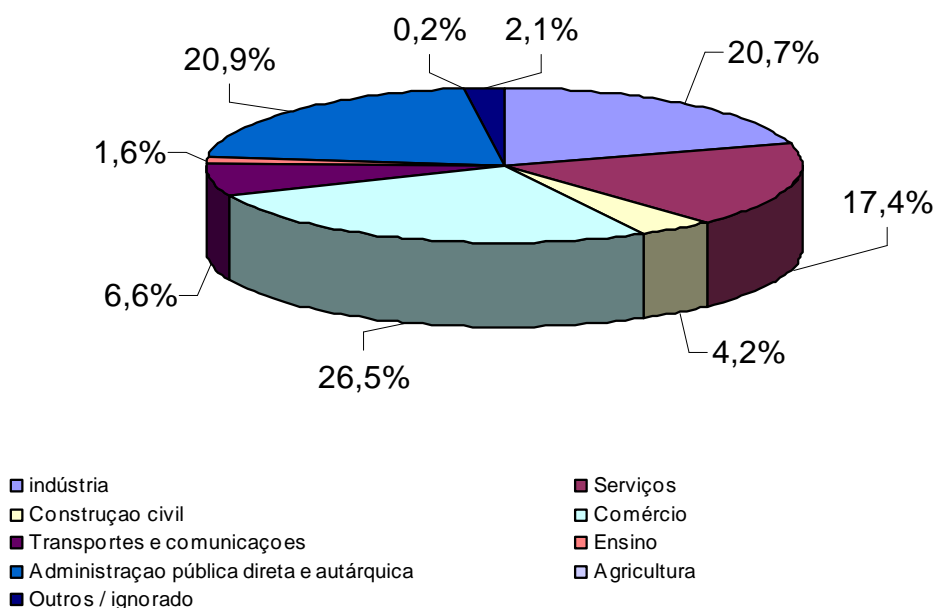


Figura – 31 Distribuição do emprego nas atividades econômicas das regiões do Rio de Janeiro em 1987

Fonte: dados da pesquisa

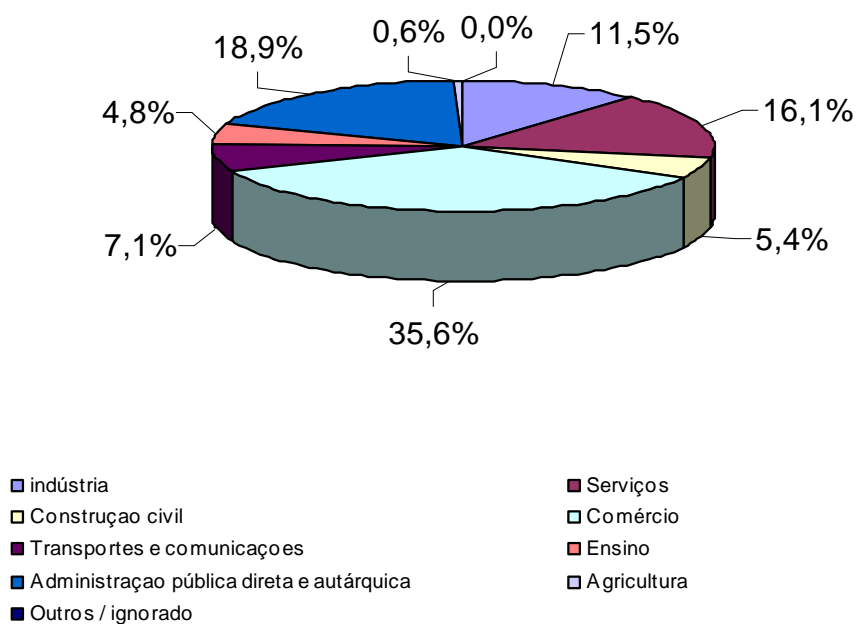


Figura – 32 Distribuição do emprego nas atividades econômicas das regiões do Rio de Janeiro em 2009

Fonte: dados da pesquisa

O setor de comércio exibe, em 1987, uma participação no estoque de emprego de 26,5% em relação ao total dos empregos no estado do Rio de Janeiro. Em 2009, esse setor passa a ter uma contribuição de 35,6% em relação ao total do emprego das atividades.

O setor de transporte e comunicações mostra, em 1987, uma participação no estoque de emprego de 6,6% em relação ao total dos empregos no estado do Rio de Janeiro. Em 2009, esse setor proporciona uma contribuição de 7,1% em relação ao total do emprego das atividades econômicas fluminense.

O setor de ensino apresentou, em 1987, uma participação no estoque de emprego de 1,6% em relação ao total dos empregos no estado do Rio de Janeiro. Em 2009, esse setor apresentou uma contribuição de 4,8% em relação ao total do emprego das atividades.

O setor de administração pública e autárquica apresentou, em 1987, uma participação no estoque de emprego de 20,9% em relação ao total dos empregos no estado do Rio de Janeiro. Em 2009, esse setor apresentou uma contribuição de 18,9% em relação ao total do emprego das atividades produtivas fluminense.

O setor de agricultura, pecuária, silvicultura, extrativa vegetal apresentou, em 1987, uma participação no estoque de emprego de 0,2% em relação ao total dos empregos no estado do Rio de Janeiro. Em 2009, esse setor apresentou uma contribuição de 0,6% em relação ao total do emprego das atividades.

A figura 33, abaixo, mostra os resultados da Evolução do pessoal ocupado em 9 (nove) subsectores econômicos reagrupados para efeito de visualização, considerando as mesorregiões do estado do Rio de Janeiro, no período de 1987 – 2009. Pode-se constatar que o setor de comércio tem destaque na evolução do total de pessoal ocupado no estado do Rio de Janeiro. Tal resultado decorre dos significativos encadeamentos ocorridos no referido setor, no período analisado, e de que essa condição gera comportamento ativo com relação à captação de pessoal para atuar no setor.

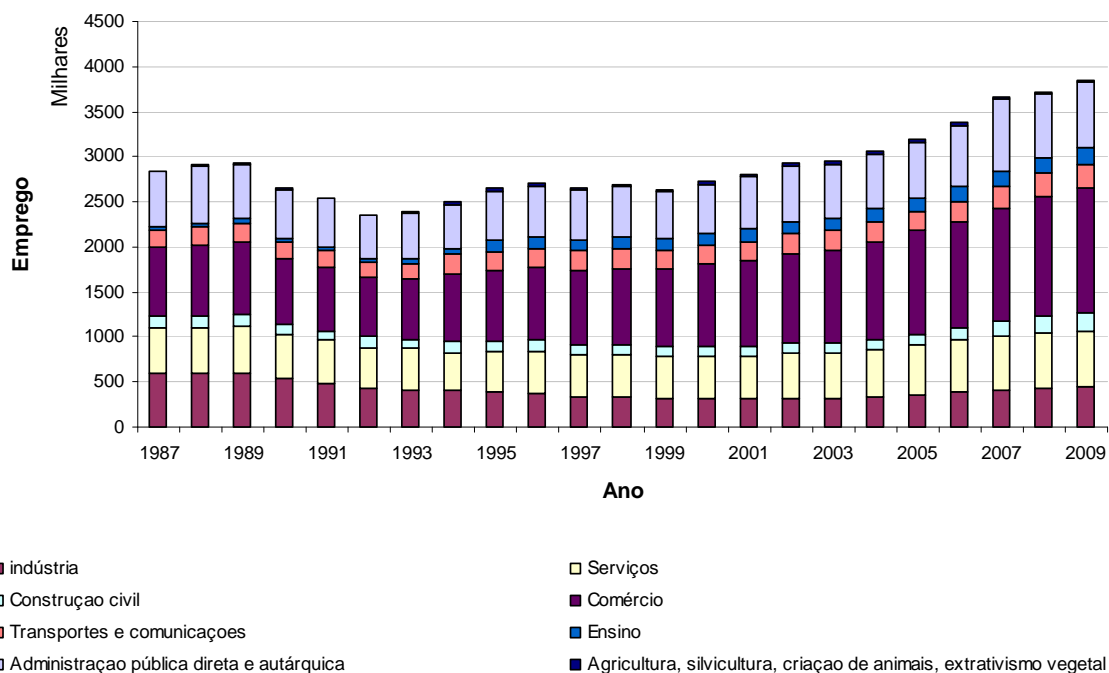


Figura 33 - Evolução do pessoal ocupado por subsetores produtivos da economia nas mesorregiões do estado do Rio de Janeiro, no período de 1987 – 2009
Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se constatar que o setor de ensino a partir de 1995 começa a surgir no gráfico evolutivo como atividade econômica mais evidente. O quadro coincide com a retomada de programas de investimentos público e privado na referida atividade.

O subsetor agricultura apresenta uma contribuição inexpressiva na participação do estoque de empregos formais entre as atividades econômicas do estado do Rio de Janeiro. Entretanto, sabe-se que a presente análise não considera os trabalhadores envolvidos com a agricultura familiar que no Rio é considerável. De qualquer forma, o quadro exige que novas estratégias de estímulo ao setor possam ser implantadas para atenuar a forte dependência de importação de produtos da cesta básica e demais alimentos de outros estados para o espaço geográfico fluminense.

5. RESUMO E CONCLUSÕES

O estudo analisou o processo de reestruturação produtiva do território fluminense, a partir das mesorregiões do Estado do Rio de Janeiro - ERJ. A análise teve por base as mudanças no nível de emprego nos 26 (vinte e seis) subsetores da produção indicados na RAIS do MTE ao longo do período compreendido entre os anos de 1987 – 2009. A pesquisa trouxe relevantes informações sobre os problemas e possibilidades regionais fluminense. A pesquisa ampliou a compreensão sobre as mudanças ocorridas, principalmente, na estrutura produtiva do interior fluminense. Foi identificado um processo de descentralização econômica decorrente dos quantitativos de empregos formais criados ao longo do período nas atividades econômicas dos municípios e suas mesorregiões metropolitana, noroeste, norte, baixadas, centro e sul fluminense, o que permitiu inferir sobre os rumos da economia deste território.

O estudo foi realizado com base em três períodos: o primeiro de 1987 – 1992 caracterizado por intensa desarticulação das atividades econômicas; o segundo de 1992 – 1999 de estabilização e reorganização das atividades tendo em vista o novo paradigma do sistema produtivo mundial e, o terceiro de 1999 - 2009 de retomada do processo de desenvolvimento econômico do estado do Rio de Janeiro com evidente fortalecimento da interiorização da produção.

A mesorregião metropolitana é concentradora do emprego. Entretanto, apresentou redução dos postos de trabalho no período do estudo de 87,93 % para 81,73 % em relação ao estoque do estado. Quando se compara o estoque

de empregos no interior do estado, verifica-se que o aumento é de 12,07 % para 18,27 % para as demais mesorregiões fluminense.

A variação líquida total do emprego da mesorregião Metropolitana fluminense, referente aos três períodos analisados, mostrou-se negativa para a maior parte dos setores econômicos da região. Especialmente, no último período, de 1999 – 2009, a região apresentou vantagem competitiva especializada para 1 (um) setor da economia (madeira e mobiliário), e, vantagem competitiva não especializada para 1 (um) setor (extrativa mineral). Os demais setores apresentaram desvantagem competitiva especializada para 10 (dez) setores e desvantagem competitiva não especializada para 14 (quatorze) subsetores. Diante disso, pode-se constatar que a região metropolitana fluminense mostra enfraquecimento da economia.

A região Noroeste fluminense, referente aos três períodos analisados, mostrou variação líquida total positiva para a maior parte dos setores da região. No último período, de 1999 – 2009, a região apresentou vantagem competitiva especializada para 11 (onze) subsetores da produção, e, vantagem competitiva não especializada para 1(um) subsetor da economia. Ainda, desvantagem competitiva especializada para 2 (dois) subsetores e desvantagem não especializada para 8 (oito) subsetores. Isto coloca a região noroeste em posição favorável para o avanço dos sistemas produtivos apontados.

A região Norte fluminense, referente aos três períodos analisados, mostrou variação líquida total positiva para a maior parte dos setores da região. No último período, de 1999 – 2009, a região apresentou vantagem competitiva especializada para 8 (oito) subsetores da economia, e, desvantagem competitiva especializada para 12 (doze) subsetores, desvantagem especializada para 1 (um) subsetor e desvantagem não especializada para 5 (cinco) subsetores. A resposta ao efeito alocação de considerável parte dos setores com vantagem competitiva especializada mostra que a região cresce nos referidos setores mais do que o estado.

A região centro fluminense, referente aos três períodos analisados, mostrou variação líquida total positiva para a maior parte dos setores da região. No último período, de 1999 – 2009, a região apresentou vantagem competitiva especializada para 11 (onze) setores da economia, e, vantagem competitiva não

especializada para 1 (um) setor. Ainda, desvantagem competitiva especializada para 2 (dois) setores e desvantagem competitiva não especializada para 11 (onze) subsetores. Diante disso, pode-se constatar que a região centro fluminense possui setores da economia que apresentaram maior vantagem competitiva especializada do que o estado.

A região Baixadas, referente aos três períodos analisados, mostrou variação líquida total positiva para a maior parte dos setores da região. No último período, de 1999 – 2009, a região apresentou vantagem competitiva especializada para 6 (seis) setores da economia, e, vantagem competitiva não especializada para 12 (doze) setores. Ainda, desvantagem competitiva especializada para 1 (um) setor e desvantagem competitiva não especializada para 6 (seis) subsetores. Esta região mostra destaque para significativa parte dos setores da economia que vem apresentando maior vantagem competitiva especializada do que o estado.

A região sul fluminense, referente aos três períodos analisados, mostrou variação líquida total positiva para a maior parte dos setores da região. No último período, de 1999 – 2009, a região apresentou vantagem competitiva especializada para 11 (onze) setores da economia, e, ainda, vantagem competitiva não especializada para 5 (cinco) setores e desvantagem competitiva especializada para 2 (dois) subsetores. Ainda, desvantagem não especializada para 8 (oito) subsetores. Esta região mostra que setores da economia apresentaram maior crescimento do que o estado.

Os Índices de Concentração do Emprego nas Mesorregiões do estado do Rio de Janeiro no período de 1987 – 2009 apresentaram uma redução de 0,06 pontos no índice de Gini, 0,09 pontos para Theil. A região metropolitana apresenta redução de 6,20 pontos percentuais na razão de concentração. Quando se considera as duas maiores mesorregiões a redução é de 5,83 pontos percentuais e de 2,29 pontos percentuais para a razão de concentração das quatro maiores mesorregiões, o que caracteriza a ocorrência de um vagaroso processo de desconcentração dos postos de trabalho ao longo dos anos considerados.

O setor agricultura, silvicultura, pecuária e produção vegetal mostrou taxa de crescimento de 6,38%, a maior entre os setores considerados. Isto é um

indicativo de que a agricultura patronal ou a formalização da atividade cresce no estado. Entretanto, sabe-se que a agricultura familiar, que envolve maior quantitativo de trabalhadores, não é uma categoria levada em conta neste estudo.

O setor de indústria exibiu taxa anual de redução do emprego de 1,28%, o menor entre os setores identificados pela pesquisa no período considerado. Isto aponta para um processo de reorganização do referido setor no estado e ainda permite inferir que as atividades industriais instaladas e os novos empreendimentos são intensos em sistemas automatizados dos processos produtivos, certamente, essa situação exige um contingente menor de mão-de-obra no conjunto da fábrica, porém, mais intensivo em qualificação.

O comércio é o setor econômico com maior contingente de pessoas empregadas no estado do Rio de Janeiro. Em 2009, este setor passa a ter uma contribuição de 35,6% em relação ao total do emprego das atividades.

Com base no comportamento desses indicadores, pode-se concluir que as mesorregiões do interior fluminense vêm fortalecendo atrativos territoriais que geram ampliação dos efeitos positivos para novos encadeamentos produtivos regionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL FILHO, J. Desenvolvimento regional endógeno: (re)construção de um conceito, reformulação das estratégias. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 26, n. 3, 2002.
- AMARAL FILHO, J. do. **Desenvolvimento Regional Endógeno em um Ambiente Federalista**. Instituto de Pesquisa Econômica aplicada – IPEA. Planejamento e Políticas Públicas: n. 14, dez. de 1996.
- AMARAL FILHO, J. do. **Endogeneização no Desenvolvimento Econômico Regional e Local**. Instituto de Pesquisa Econômica aplicada – IPEA. Planejamento e Políticas Públicas: n. 23, jun. de 2001.
- ANDRADE, T.A. Aplicações do método estrutural-diferencial: comentário. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v.34, n.3, p.439-440, jul./set. 1980.
- ANDRADE, T. A., SERRA, R.V. - **Distribuição espacial da indústria: possibilidades atuais para sua investigação**. Estudos Econômicos, v.30, n.2, abril-Junho 2000.
- BOISIER, S. **Política econômica, organização social e desenvolvimento regional**. In: HADDAD, P. R.; CARVALHO FERREIRA, C. M. de; BOISIER, S. e ANDRADE, T. A. *Economia regional* (teorias e métodos de análise).— Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1988.
- CAMPOLINA DINIZ, C. **Competitividade industrial e desenvolvimento regional no Brasil**. Estudo da competitividade da indústria brasileira. Campinas: MCT/FINEP/PADCT, 1993.
- CANO, W. **Desconcentração Produtiva Regional do Brasil 1970-2005**. Campinas, UNESP, 2008.

- _____. **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo**. 4ª ed.. Campinas, SP: Instituto de Economia – Unicamp, 1998. (30 Anos de Economia, n.1).
- COSTA, R. A. Algumas medidas de concentração e desigualdade e suas aplicações. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 49-77, jan./abril 1979.
- ESTEBAN-MARQUILLAS, J.M. A reinterpretation of shift-share analysis. **Regional and Urban Economics**, v.2, n.3, p.249-55, 1972.
- FERNANDES, C. F. **A evolução da arrecadação de royalties do petróleo no Brasil e seu impacto sobre o desenvolvimento econômico do estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007, 72p.
- FURTADO, C. **Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Editora Nacional, 1979.
- _____. **A construção interrompida**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- _____. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HADDAD, P. R. **Método de análise diferencial-estrutural**. In: Economia regional (Teorias e métodos de análise). Fortaleza: Banco Nordeste do Brasil, 1989, p. 249-286.
- HARVEY, D. **A Produção Capitalista do Espaço**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- HERZOG, H.W.; OLSEN, R.J. Shift-share analysis revisited: the allocation effect and the stability of regional structure, a reply. **Journal of Regional Science**, v.19, n.3, p.393-395, 1979.
- HOFFMANN, R. **Distribuição de renda: medidas de desigualdade e pobreza**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. 280p.
- HOFFMANN, R. **Estatística para economistas**. 2. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1991. 426p.
- KRUGMAN, P. **Geography and Trade**. Leuven-London: Leuven University Press/MIT Press, 1991a.
- _____, **Development, Geography and Economic Theory**. Cambridge, Massachusetts / London, England: The MIT Press, 1995a.
- LESSA, C. O. **Rio de todos os Brasis - uma Reflexão em Busca de Auto-**

- estima**. Rio de Janeiro: Editora Record, Coleção Metr p les, 2000.
- LUCAS, R. **On the mechanics of economic development**. Journal of Monetary Economics, n.22, p.03-42, 1988.
- MARSHALL, A. **Princípios de economia**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MELO, H.P. **A Trajetória da Industrializa o do Rio de Janeiro**. IN: AMÉRICO FREIRE, C.E.; MOTTA, M.S. (org.). Um Estado em Questão: os 25 anos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Funda o Getúlio Vargas, p.219-247, 2001.
- MIOTO, B. T. **Desconcentra o Produtiva Regional no Brasil: algumas contribui es para o debate**. Instituto de economia da Unicamp, Campinas, 2007.
- OLIVEIRA, Ant nio Tadeu R. **Dinâmica migratória recente da Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 1999. (Disserta o, Mestrado em Planejamento Urbano e Regional).
- OLIVEIRA, Floriano Godinho de. **Reestrutura o produtiva e regionaliza o da economia no território fluminense**. São Paulo, 2003. 231 p. Tese (Doutorado) – Geografia, Universidade de São Paulo (mimeo).
- _____ Indicadores sociais e econômicos municipais. In: COELHO, Franklin Dias; Fontes, Ângela (org). **Desenvolvimento Econômico Local: Temas e Abordagens**. Rio de Janeiro, IBM, SERE/FES, 1996. p. 89-103
- PACHECO, C. A. **A Questão Regional Brasileira p s-1980: desconcentra o econômica e fragmenta o da economia nacional**. Campinas, 1996. Tese de Doutorado – Unicamp
- PEREIRA, A. da S. O método estrutural-diferencial e suas reformula es. **Teoria e Evidência Econômica**. Passo Fundo, n.9, p.91-104, maio 1997.
- PIQUET, R. Mudança econômica e novo recorte regional no norte fluminense. X Encontro Nacional da ANPUR. Belo Horizonte, 2003.
- SABOIA, J. **A Continuidade do Processo de Desconcentra o Regional da Indústria Brasileira nos Anos 2000**. Seminário de Pesquisa do Instituto de Pesquisa da UFRJ: 2010, disponível em <http://www.ie.ufrj.br/eventos/seminarios/pesquisa.html>, acesso em 12/06/2010.
- SABOIA, J. **Descentraliza o industrial no Brasil nos anos 90: um enfoque regional**. Pesquisa e Planejamento Econômico, v.30, n. 1, abril de 2000.
- SABOIA, J., KUBRUSLY, L. S., BARROS, A. C. - **Diferencia o regional da indústria brasileira: agrupamento e ordena o a partir de um novo  ndice**. Nova Economia, v.18, n. 3, dezembro de 2008.
- SANTOS, A. M. S. Penalva. **Economia Fluminense: superando a perda de dinamismo?** Revista Rio de Janeiro, n.8, p.31-58, set/dez. 2002.

- SANTOS, Ângela Moulin S. Penalva. **Economia, Espaço e Sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SANTOS, S. R. o método estrutural-diferencial ampliado: uma aplicação para a região sul frente à economia do rio grande do sul entre 1986 e 1995. **Teoria e Evidência Econômica**, Passo Fundo, v. 8 n. 15, p. 25-45, novembro 2000.
- SILVA NETO, R. BARRAL NETO, J. **Reestruturação Produtiva e Interiorização da Economia no Estado do Rio de Janeiro: Uma nova dinâmica para a Região Norte Fluminense**. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais ABEP, Caxambu - MG, 2006.
- SILVA, Danilo Freitas Ramalho da. **Construção do Objeto Teórico das Teorias do Desenvolvimento Econômico**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, USP, dezembro de 2005.
- SILVA, Robson Dias da Silva. **Rio de Janeiro: Crescimento, Transformações e sua Importância para a Economia Nacional (1930-2000)**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Economia da UNICAMP. Campinas. 2004.
- SIMÕES, André Geraldo M. **Reorganização do espaço produtivo e a recuperação da economia fluminense: uma análise a partir dos migrantes altamente qualificados**. In: Revista Brasileira de Estudos de População. v 21, n.1. Campinas,São Paulo, 2004.
- SINGER, P. **Economia política da urbanização**, 14 ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- SOBRAL, B. L. B. **Desconcentração Produtiva Regional no Brasil: análise do estado do Rio de Janeiro 1997-2006**. Dissertação de Mestrado, U.E.Campinas, Campinas, SP, 2007.
- SOLOW. R. A.. Technical Change and the Aggregate Production Function. **Review of Economics and Statistics**, Cambridge, v.70, n.1, p. 65-94, 1956.
- SOUZA, N. J. ; SOUZA, R. B. L. Dinâmica estrutural-diferencial da região metropolitana de Porto Alegre, 1990/2000. **Revista de Economia**, Curitiba, v. 30, n. 2, p. 121-144, 2004.
- STIWELL, F.J.B. Regional growth and structural adaptation. **Urban Studies**, v.6, p.162-178, 1969.